

O cientificar de uma crítica

Nuno Portas e a Revista Arquitectura
1957 | 1974

Dissertação de Mestrado de
Ana Mafalda Lopes Barradas

Orientada por
Professor Doutor Nuno Grande

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Ano Letivo 2011 | 2012

Índice

04 Agradecimentos

06 **Resumo** | Abstract

10 **Introdução**

10 Pertinência do Tema

11 Objetivo do Tema

11 Estrutura da Dissertação

14 Capítulo I | **A Revista Architectura nos anos 50**

16 A Geração Resistente

17 1º Congresso Nacional de Architectura

19 O infindável debate: Tradicional vs. Moderno

20 A polémica arquitetura religiosa

26 Capítulo II | **A Crítica de um dos autores**

26 A Nova Revista

29 Nuno Portas - Uma analogia científica

33 Observação

.Movimento Moderno Português e Internacional,
na primeira metade do século XX

47 Hipóteses

.A Habitação Coletiva

62 Capítulo III | **Experimentações**

62 Autocrítica

78 Capítulo IV | **Organização temática da crítica de Nuno Portas**

78 A crítica monográfica, tipo-morfológica e pedagógica.

86 Metodologia

92 Conclusão

96 Referências

96 Periódicos

97 Bibliografia

100 Webgrafia

101 Entrevistas

102 Índice de Imagens

Agradecimentos

Ao Professor Orientador
Nuno Grande,
Aos Pais e Avó,
Ao Alexandre,
À Sara,
À Liliana
E à Rute.

Resumo

Abstract

Foi nos finais dos anos 50, do século XX, que surgiu a necessidade de refletir sobre a arquitetura e o urbanismo que se desenvolvia em Portugal, gerando uma nova ideologia arquitetónica e consequentemente uma determinação, por parte de uma nova geração de arquitetos, de iniciar a crítica de Arquitetura. Vive-se uma época onde o sistema político vigente é uma Ditadura, o que condicionou o desenvolvimento do Movimento Moderno em Portugal, tendo-se assistido desde o início do século a várias tentativas de implementá-lo, ainda que de modo tímido. Desta forma, após duas gerações de arquitetos, surge uma terceira, determinada a corrigir alguns aspetos que acredita estarem na base de todos os problemas. A introdução à crítica de Arquitetura era o passo a seguir, obrigando os arquitetos a refletir sobre o que projetavam, permitindo-lhes terem uma noção mais clara dos seus erros. A *Revista Arquitectura*, fundada em 1927 e renovada em 1947 e 1957, adquiriu neste contexto um papel fundamental, mesmo sofrendo constantes reformas, recebendo novos diretores e colaboradores, tendo em conta todas as mutações filosóficas, culturais e políticas marcantes da primeira metade do século XX em Portugal.

No entanto, é com a terceira geração de arquitetos modernos que a revista rejuvenesce e serve de base à publicação de artigos críticos de substancial influência para as realizações arquitetónicas modernas futuras. Deste grupo, destaca-se Nuno Portas, jovem arquiteto formado pela ESBAL, que segundo Carlos Duarte, colega de geração, foi quem melhor executou crítica de arquitetura do grupo da *Revista Arquitectura*. Abordou temáticas variadas, desde princípios arquitetónicos e morfológicos defendidos pelas gerações anteriores, que considerava erróneas e apresentou outros que considerava fidedignos de serem continuados e explorados. Aduziu a autores que, a seu ver, seriam excelentes exemplos de criadores críticos do Modernismo, portugueses ou estrangeiros, e de obras ou periódicos que revelassem as temáticas discutidas globalmente, valorizando os conhecimentos teóricos e práticos dos arquitetos da época.

During the final years of the 50's, in the twentieth century, emerge the need for a critical meditation about the architecture and urbanism, developed in Portugal, generating a new architectonical ideology and a determination, from a new generation of architects, to initiate an architectural review. Over this time, the actual political system consisted in a Dictatorship. This fact limited the development of the Modern Movement in Portugal and since the beginning of the century, several generations of architects tried to implement the new architecture, but never accomplishing it completely. The introduction of the Architectural review was indeed the next step to take, obligating the architects to think about their own projects, allowing them to understand more clearly about their mistakes. The Portuguese magazine called *Revista Arquitetura* acquired a very important role in this context, even suffering with constant reformations and always receiving new directors and participants, taking into account all the philosophical, cultural and political mutations that mark the first half of the Twentieth Century in Portugal. It was established in 1927 and renovated in 1947 and 1957.

However, the third generation of modern architects in Portugal introduced, in 1957, a new format to the *Revista Arquitetura*, publishing critical articles with substantial influence in the future architectural modern works. From this group highlights Nuno Portas, young architect graduated from ESBAI and, according to Carlos Duarte a generation's colleague, the best architectural reviewer from the group of architects in the magazine. He approached a variety of themes, as architectural and morphological principles, defended by previous generations, which he considered in some ways wrong and others reliable and authentic, worthy of continuation and exploration. He also adduced authors that, in his opinion, would be excellent examples of critical creators of Modernism, Portuguese and foreign architects, and works or magazines which revealed the topics discussed globally, valuing the theoretical and practical knowledge from the actual time's architects.

Resumo

Abstract

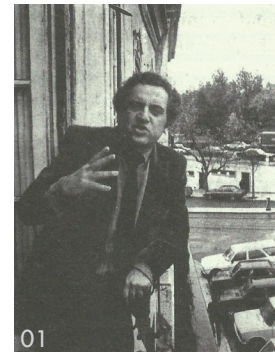
A sua metodologia crítica segue um processo semelhante ao método científico, onde identifica problemas, observa as variantes, internas e externas, propõe soluções ou hipóteses e por último, com base em experimentações, apresenta uma teoria. É precisamente ao longo dos artigos que escreve na *Revista Arquitectura*, desde 1957 a 1974, que a sua crítica ao Movimento Moderno Português se divulga, explora, desenvolve e inspira.

Palavras-chave: crítica, Nuno Portas, *Revista Arquitectura*, Movimento Moderno Português, Arquitectura Moderna Portuguesa.

His critical methodology follows a similar process than the scientific process, where he identifies the problems, observe the variations, internal and external, propose solutions or hypotheses, and, at last, with a foundation in experimenting his ideas in real works, he presents a theory. He uses the magazine *Revista Arquitetura*, since 1957 to 1974, to present, explore and develop his critical review about the Portuguese Modern Movement.

Key-words: critical review, Nuno Portas, magazine *Revista Arquitetura*, Portuguese Modern Movement, Portuguese Modern Architecture.

Introdução



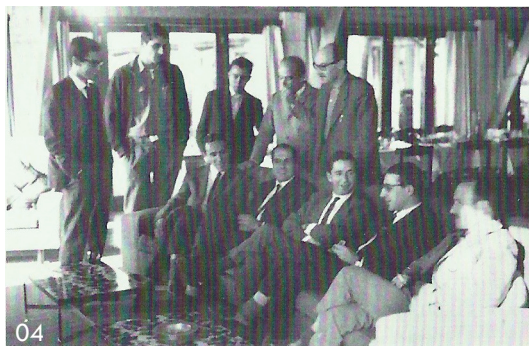
01 | Fotografia de Nuno Portas, publicada no periódico *O Jornal*, de 16 de Novembro de 1984, p.332.

A necessidade da geração de arquitetos, dos finais dos anos 50, de iniciar uma crítica de Arquitetura, de forma a procurar solucionar problemas identificados na Arquitetura Moderna Portuguesa do início do século XX, revelou-se um tópico de investigação e exploração notável. Pretendeu-se não só analisar o tema, mas principalmente indagar sobre um autor de destaque, considerado como o principal crítico desta geração de arquitetos e o suporte que utilizou para divulgar e difundir as suas conjecturas. Fala-se portanto de Nuno Portas e da *Revista Arquitectura*. Participou no periódico desde 1957 até 1974 e foi através deste que apresentou a progressão de uma crítica de Arquitetura relativamente ao trabalho que se executava na época, ou seja, ao Movimento Moderno em Portugal. Refere duas gerações de arquitetos modernos portugueses, uma primeira de Pardal Monteiro e uma segunda de Keil do Amaral e Fernando Távora, expressando preocupações, soluções e identificando erros e possíveis continuidades ao longo dos artigos publicados na *Revista Arquitectura*, sem nunca esquecer as experiências que vai obtendo com viagens ao exterior.

Pertinência do Tema

No contexto da crítica ao Movimento Moderno, nomeou-se uma matéria de estudo que abordaria a situação em Portugal, através de um personagem de notória intervenção, Nuno Portas, e a sua participação na *Revista Arquitectura* que possui um papel fundamental na propalação e exposição crítica do Movimento Moderno Português, desde o início do século XX. Deste modo, verificando-se a legitimidade do tópico e o escasso debate sobre o mesmo, procedeu-se à elaboração de uma possível metodologia de análise dos artigos que Nuno Portas escreveu para a *Revista Arquitectura*, com o intuito de perceber quais os principais objetos de reflexão do autor.

Nuno Portas destaca-se pela metodologia que utiliza, apresentando uma crítica que se baseia num autor, tema ou periódico de forma a investigar ou justificar os temas que aborda, a que chamei “crítica monográfica”, outra que relaciona programa e espaço, a que chamei “crítica tipo-morfológica”,



e por último, uma terceira, sobre o ensino na arquitetura, a que chamei “crítica pedagógica”.

Objetivo do Tema

A intenção é, por conseguinte, explorar e examinar a crítica ao Movimento Português, segundo Nuno Portas, nos artigos que publica na *Revista Arquitectura*. De forma evidente ou, por vezes dissimulada, é uma crítica que não infere apenas sobre arquitetura de projeto, mas também em temas que a complementam e influenciam, como as políticas urbanas, a organização e hierarquia dos espaços interiores e exteriores - tendo sempre como base um contexto social – as pedagogias e o ensino vigente das duas escolas de arquitetura (Porto e Lisboa), e de igual importância conhecer não só o que se faz, reconhecendo as qualidades e os defeitos, mas também valorizar as discussões e os desenvolvimentos apresentados no exterior. É necessário referir que com o seguimento desde estudo, e num momento final, foi possível concluir que o autor também exerce uma “autocrítica”, relativamente aos projetos que efetua, em parceria com Nuno Teotónio Pereira, aquando da sua passagem pelo “Atelier da Rua da Alegria”. Esta, através da Moradia de Vila Viçosa, da Moradia na Praia das Maçãs, dos Olivais e da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, permite a Nuno Portas aplicar as soluções que propõe e em simultâneo expressar a sua satisfação ou descontentamento, relativamente ao produto final.

Estrutura da Dissertação

Num primeiro capítulo, contextualiza-se a década de 50 e o aparecimento de uma geração de jovens arquitetos que através de uma reforma da *Revista Arquitectura*, anunciam a necessidade de uma reestruturação da Arquitetura Portuguesa e da necessidade de inaugurar uma crítica de arquitetura que permitisse uma cuidada reflexão sobre a mesma. Para tal, enceta-se num breve apontamento sobre a segunda geração de arquitetos modernos portugueses, designada pelo autor como a *Geração Resistente*, que numa tentativa de dar continuidade ao Movimento Moderno, de iniciativa promovida pela geração anterior mas falhada por

02 | Capa da Revista *Arquitectura* nr.59, de Julho de 1957. Revista onde Nuno Portas apresenta o seu primeiro artigo, Carlo Scarpa. *Um Arquitecto em Veneza*.

03 | Capa da Revista *Arquitectura* nr.130, de Maio de 1974. Revista onde Nuno Portas apresenta o seu último artigo, “Dossier” Restelo.

04 | Angeiras, 1963. Em pé: P. Ramalho, J. Forjaz, S. Fernandez, F. Távora, A. Losa. Sentados: A. Soutinho, Semide, Aires Pereira, A. Siza e M. Aguiar.

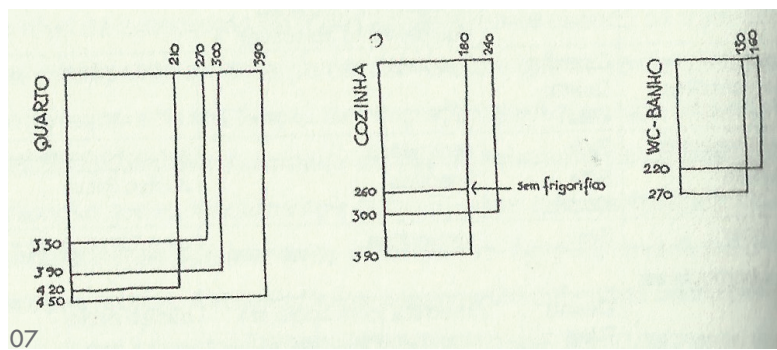
Introdução



05 | 1º Congresso Nacional de Arquitetura, 1948.

questões políticas, se ergue e organiza o primeiro Congresso Nacional de Arquitetura em 1948, com o objetivo de combater uma *Arquitetura de Regime* proclamada pelo Estado Novo. Neste debatem-se questões como a *Casa Portuguesa* e a dualidade entre a *Tradição* e o *Moderno*. Ao longo do Congresso, nasce a ideia de realizar um Inquérito à *Arquitetura Popular Portuguesa*, que inicialmente é entendido como um documento com a função de identificar a tipologia representativa da arquitetura vernacular, mas que só se realiza a partir de 1955 com publicação em 1961. Contudo, no final este Inquérito demonstra que não existe apenas uma tipologia característica portuguesa, mas sim um grande leque de tipologias, evidenciando que as tradições variam consoante as regiões e invalidando a existência de uma *Casa Portuguesa*¹. É também neste capítulo que se apresenta igualmente uma concisa anotação sobre a arquitetura religiosa moderna portuguesa, alvo de discussão desde 1953 com Nuno Teotónio Pereira e posteriormente criticada por Nuno Portas na *Revista Arquitectura*, no seu segundo artigo.

O segundo capítulo, intitulado de *A Crítica de um dos autores* centra-se apenas no autor proposto e nos artigos que publicou na *Revista Arquitectura*. Após uma atenta leitura de todos os artigos, concluiu-se que a metodologia utilizada por Nuno Portas é semelhante a um processo científico, onde se deteta um problema e propõe-se uma teoria. Portanto, agrupam-se os artigos em três temas: *Observações*, *Hipóteses* e *Experimentações*. Desta forma, entendeu-se que a sua crítica não é apenas reflexiva mas também de cariz científica. Não pretende divagar sobre determinado assunto, mas sim obter respostas de possível execução nos futuros projetos arquitetónicos e urbanísticos. Os artigos selecionados para constituir o grupo das *Observações* consistem naqueles que não só apresentam obras das gerações anteriores portuguesas – as variantes internas – como também obras de autores, periódicos e livros estrangeiros – as variantes externas - tirando partido das suas viagens e dos Congressos em que participa, como por exemplo, em Espanha. De seguida, reuniu-se novo conjunto de artigos, desta vez referentes a *Hipóteses*, sendo estes artigos onde apresenta uma crítica rematada por possíveis soluções aos problemas identificados. No último



conjunto, e já num terceiro capítulo, apresentam-se os artigos onde profere sobre obras arquitetónicas suas, denominando-se este capítulo de *Autocrítica*. Aqui, reflete sobre a aplicação das hipóteses e soluções que propôs teoricamente e conclui a sua eficácia. Não aplica esta metodologia sequencialmente, ou seja, começando pelas observações, depois passando pelas hipóteses e terminando nas experimentações, mas desenvolve-a de forma aleatória, sendo consistente nos temas que discute.

Num último capítulo, elabora-se uma reflexão particular que surge do seguimento dos capítulos expostos anteriormente. Assim sendo, concluiu-se que a crítica de Nuno Portas na *Revista Arquitectura* centra-se em três temas fundamentais, sendo eles a “crítica monográfica”, a “crítica tipomorfologica” e a “crítica pedagógica”. Numa primeira reflete sobre autores, condicionantes e factos de importante conhecimento sobre o Movimento Moderno, Português e Internacional. Na “crítica tipo-morfologica” considera aspetos de fundamental perceção sobre a Habitação Coletiva, a Habitação Mínima, a Habitação Evolutiva e aspetos sociais aplicados à arquitetura e ao urbanismo. Numa última, procura expôr o estado do ensino de Arquitetura em Portugal, afirmando que as lacunas visíveis da Arquitetura Moderna Portuguesa tinham origem numa deficiente formação dos estudantes de Arquitetura e futuros profissionais, demonstrando a necessidade de uma reestruturação do ensino. Em suma, o papel de Nuno Portas, durante a sua participação na *Revista Arquitectura*, foi não só de mero observador crítico, mas também de crítico impulsionador de uma nova visão relativamente ao Movimento Moderno em Portugal, sendo fundamental e essencial conhecer o seu testemunho, de forma a entender a arquitetura das gerações que nos antecedem.

No decorrer desta reflexão, surgiu a possibilidade de assistir a uma conversa/entrevista oral a Nuno Portas, conduzida pelo professor orientador, no intuito da investigação para a exposição *Ser Urbano - Nos Caminhos de Nuno Portas*, a realizar em *Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura*. Esta, possibilitou conhecer pessoalmente o autor e o seu testemunho relativamente ao tema aqui apresentado.

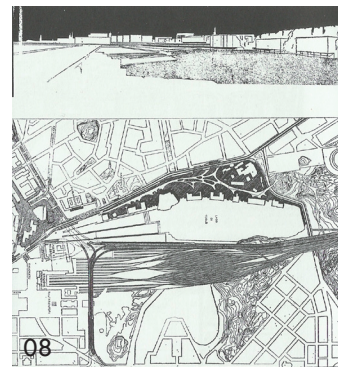
06 | Apresentação do Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa a Salazar. Da esquerda para a direita: Frederico George, o ministro das Obras Públicas Arantes de Oliveira, Carlos Ramos e Keil do Amaral.

07 | Estudos das áreas mínimas da habitação. Nuno Portas, no artigo *Habitação Evolutiva*, na *Revista Arquitectura* nr.126, de Outubro de 1972.

A Revista Arquitetura dos anos 50

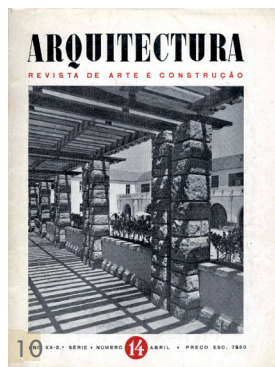
Capítulo I

08 | Proposta para o centro de Helsínquia.
Alvar Aalto.



A reflexão sobre a crítica de Arquitetura em Portugal remete-nos para uma década específica, um grupo de arquitetos particular e uma revista com um papel fundamental na divulgação e promoção de debates sobre a evolução arquitetónica. Referimo-nos, portanto, à década de 50, onde o grupo constituído por Frederico Santana, Carlos S. Duarte, Daniel Santa Rita, Alberto José Pessoa e João Simões encetam na *Revista Architectura*, oferecida pelo ICAT (Iniciativas Culturais de Artes e Técnica), dirigido por Francisco Keil do Amaral². O primeiro número editado por este grupo (número 57 / 58, de janeiro – fevereiro de 1957) é acompanhado por uma certa desconfiança por parte de uma geração de arquitetos modernos, nascidos na década de 20, preocupados com a “necessidade de uma nova adequação social e histórica, interessada em desenvolver um processo próprio com diferentes coordenadas, que não impostas até aí, mais em consonância, de resto, com as preocupações de algumas arquiteturas na Europa.”³ Esta geração pós-Pardal, baseada numa participação mais politizante e combativa, “preocupava-se imensamente mais com a política do que com a arquitetura. A Arquitetura era resolvida em moldes estabelecidos”⁴.

Pensando de uma forma completamente diferente da geração anterior, este novo grupo de jovens arquitetos, com referências italianas em Bruno Zevi e Ernesto Nathan Rogers, e finlandesas em Alvar Aalto, utilizavam a *Revista Architectura* como instrumento divulgador de uma nova mentalidade e consequentemente uma nova ideologia arquitetónica. Publicam, desta forma, obras de jovens arquitetos portugueses e dos principais autores do Movimento Moderno Internacional, como Terragni, Neutra, Gropius, Corbusier, mas também de outros de pendor mais organicista como Ridolfi, Scarpa e Gropius. Para um melhor entendimento relativamente ao Movimento Moderno Português, é essencial elaborar “uma crítica que teria que ser feita a partir de uma nova observação das coisas e das novas convicções”⁵ existenciais. Sentiam a ausência de críticos, motivando uma necessária reforma da *Revista Architectura*, que desde 1927, data da publicação do primeiro número, servia como instrumento de enunciação de



uma arquitetura regionalista e tradicionalista, de um Cottinelli Telmo e um Pardal Monteiro e que em 1947 sofre uma reorganização, servindo então como elemento de apresentação de uma arquitetura moderna internacional e de disseminação de uma crítica à chamada *Arquitetura de Regime*.

Embora a meta seja a de introdução de uma reflexão crítica de arquitetura, grande parte dos textos apresentados não correspondiam à intenção, pois apenas abordavam as questões de uma forma pouco aprofundada, quer em termos críticos quer em termos descritivos das próprias obras. No entanto, é Nuno Portas que apenas inicia a sua participação como constituinte da comissão diretiva um ano depois da reestruturação da *Revista Arquitectura*, no número 62, que se destaca pelo seu empenho e excecional trabalho apreciativo. Participa nesta até 1974, com cerca de 50 artigos, que sustentam três temas principais de discussão, sendo eles a introdução de uma “crítica monográfica”, ou seja de autor, uma “crítica tipo-morfológica” sobre a relação entre programa e espaço e uma terceira “pedagógica” referente ao ensino da arquitetura. Esta última consiste em aduzir a um ensino deficitário que forma arquitetos com base em academismos ultrapassados e medíocres sendo necessário e urgente a ponderação e inferência numa regeneração do ensino. A sua grande admiração pela produção italiana e espanhola reflete-se nos seus artigos, mas o interesse que demonstra pelas obras de arquitetos portugueses, da geração de Nuno Teotónio Pereira e de Fernando Távora, conduz a uma reflexão sobre esta, classificando-a como *Geração Resistente*.

09 | Capa da Revista *ArquitECTURA* nr.1, de Maio de 1927.

10 | Capa da Revista *ArquitECTURA* nr.14, de Abril de 1947. Primeira reforma da Revista *ArquitECTURA*, com artigo publicado por Keil do Amaral, intitulado *Uma Iniciativa Necessária*.

11 | Capa da Revista *ArquitECTURA* nr.59, de Julho de 1957. Segunda reforma da Revista *ArquitECTURA*, agora dirigida pela geração de Nuno Portas.

A Revista Arquitetura dos anos 50

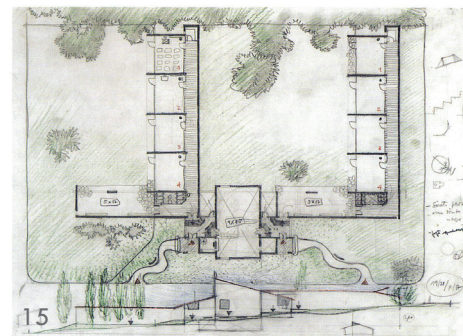
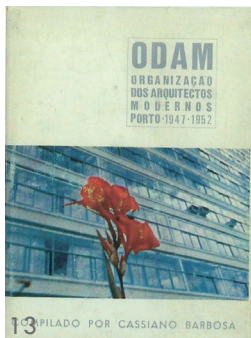


12 | Geração Resistente. Encontro na Escola de Belas Artes, 1954. Em cima: F. Távora, C. Barbosa, L. A. d'Eça, A. Neves, Viana de Lima, Doutel, F. Lanhas, V. Mendes, J. Freire. Em Baixo: A. C. Lima, A. Barbosa, A. Amaral, M. Bonito, J. Borrego e J. Gigante.

A Geração Resistente

A geração de Keil do Amaral, Pedro Cid, Artur Rosa e Fernando Távora, para nomear alguns, ergue-se da identificação de uma problemática que irrompe na década de 40: os Regionalismos na Arquitetura Portuguesa. Propõem uma releitura da questão da *Casa Portuguesa* e qualificam a arquitetura que se fazia nas décadas anteriores como *Falso Modernismo* devido à utilização de novas técnicas construtivas e materiais, como o betão, porém, as fachadas encontram-se *mascaradas* por historicismos e ornamentos que declinam o princípio moderno da verdade e pureza dos materiais e das formas. Defendem, portanto, uma arquitetura moderna possível na evolução do gosto nacional. No entanto, opunham-se ao tradicionalismo de Cristino da Silva e Cottinelli Telmo. São criadas as ICAT (Iniciativas Culturais da Arte e Técnica), por Keil do Amaral, em Lisboa, com o objetivo de proporcionar debates sobre a interminável discussão sobre o Tradicionalismo e o Modernismo, que por sua vez induzem à reforma de 1947 da “velha Revista Architectura”.⁶

Em paralelo, forma-se no Porto a ODAM (Organização dos Arquitetos Modernos, no Porto), que reunia os principais arquitetos nortenhos: Viana de Lima, Arménio Losa, Mário Bonito, Cassiano Barbosa, entre outros. Aqui, surge primeiramente o gosto pelo novo, devido essencialmente ao seu afastamento (físico) do poder e por ser uma cidade burguesa e comercial. Segundo Carlos Duarte, aquando das suas viagens ao Porto com Nuno Portas, denotava um diálogo apaixonado sobre arquitetura, por parte dos arquitetos nortenhos, diferenciando-se de um outro despreocupado dos arquitetos lisboetas⁷. Há uma vontade de modernizar, o que estimula o surgimento de novas linguagens, que vêm quebrar com as existentes. Entre algumas das obras modernas no Porto, dos finais dos anos 40 encontra-se o Cinema Batalha (1946), de Artur de Andrade, o Mercado do Bom Sucesso (1949) e o Palácio Atlântico (1946 – 1950) de Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Todavia, é Fernando Távora quem se destaca do grupo, publicando um manifesto, *O Problema da Casa Portuguesa*, em 1947, onde



critica vivamente a arquitetura nacional. “Em Portugal hoje não se faz arquitectura e, pior ainda, entre nós não pretende sequer fazer-se arquitectura.”⁸ Sugeria então que a solução estaria no estudo do meio português e na arquitetura portuguesa existente. Procura a autenticidade na continuidade da *tradição* aliando-a com a *vanguarda* – a 3ª Via. As suas obras da época denotam influências *brutalistas* e da *espiritualidade japonesa* e possuem um rigor na composição dos planos, autonomia e respiração de cada material, desenvolvendo uma escala intimista e possuidora de uma grande dignidade⁹. Exemplos disso são o Mercado da Vila da Feira, a Casa de Ofir e a Escola Primária do Cedro, onde conjuga o betão com o azulejo e os volumes geométricos com telhados de águas.

Raul Lino, arquiteto defensor da tradição, acusa esta geração de menosprezar uma linguagem que caracterizaria a arquitetura portuguesa. “Havia um desprezo pelas tradições nacionais, que eram tão interessantes e que teria sido bem aproveitado. Tinha sido uma característica das nossas casas atuais. Enfim, tudo isto passou. Passou. Os tempos depois mudaram muito, muito por completo, todos sabem. Os tempos e as técnicas.”¹⁰

A esta segunda geração pertencem também os arquitetos Januário Godinho, que baseia a sua arquitetura na questão da implantação e da *contextualização do sítio*¹¹ e Nuno Teotónio Pereira que desenvolve os seus projetos dando sequência às ideologias explícitas nas obras de Fernando Távora, procurando na percepção do espaço as principais qualidades sociais e culturais. Defendia uma ideologia racional, de standardização que procurava a sua essência num preceito técnico, consequente dos sistemas industrializados fundamentados na repetitividade e no mundo industrial. Este ideal reflete-se na projeção de obras de carácter coletivo, provocando um alargamento da escala de intervenção¹².

1º Congresso Nacional de Arquitectura

Todos os temas que envolviam as discussões geradas por esta geração, marcam a essência do 1º Congresso Nacional de Arquitectura, em 1948,

13 | Livro O DAM, compilado por Cassiano Barbosa, 1972.

14 | Fotografia interior Casa de Ofir, 1957-58. Fernando Távora.

15 | Planta da Escola Primária do Cedro, 1957. Fernando Távora.

A Revista Arquitetura dos anos 50



16 | Intervenção de Pardal Monteiro, em sessão de trabalhos. Salão da SNBA. 1º Congresso Nacional de Arquitetura.

promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos (SNA) e dirigido pelo arquiteto Jorge Segurado. Conta com uma participação sólida dos grupos ODA e ICAT, desviando-se do caráter propagandista pretendido inicialmente pelo Regime. Este desvio do tema e a exigência de que todas as obras deviam ser recebidas sem censura prévia, induz Cottinelli Telmo, arquiteto de regime, a denunciar o seu descontentamento, originando a nomeação de Paulo C. Cunha para secretário geral do Congresso. É neste momento que se define um segundo período da arquitetura moderna em Portugal, destacando esta geração de arquitetos que demonstrava um enorme interesse em debater dois temas essenciais: *A Arquitetura no Plano Nacional* e *O Problema Português da Habitação*. Com 173 inscrições, incluindo 21 estudantes de arquitetura, o Congresso evidencia o interesse em questionar as ideologias presentes nas obras da chamada *Geração Pioneira*, de gosto oficial, e principalmente os ensinamentos incutidos nos estudantes de arquitetura. Keil do Amaral sublinhou, na sua participação, a urgência de uma reforma do ensino nas escolas de Belas-Artes, sendo fulcral a análise dos erros que se preconizavam. “(...): a verdadeira tradição estava na pureza da arquitetura, afirmava Pardal; o regionalismo e a tradição deviam ser encarados dinamicamente, dizia o portuense Mário Bonito; nada de imposição ou, sequer, de sugestões de estilos, insistia Jacobetty; um geral louvor às formas novas saía das teses apresentadas – e só Cottinelli, algo confusamente, falava de Arquitetura Nacional – Arquitetura Internacional, insistindo num portuguesismo moderno, inspirado por um período da nossa história cheio de características revolucionárias e lembrando, ainda, com alguma imprudência, a Itália do tempo de Mussolini.”¹³

Exprime-se uma nova mentalidade e novos interesses, que promovem e fomentam a elaboração de uma nova realidade arquitetónica. Fizeram-se diversas referências a Le Corbusier e à Ville Radieuse e também à Carta de Atenas. Segundo Nuno Teotónio Pereira, era necessário renunciar tudo aquilo que impedisse o fortalecimento do Movimento Moderno, logo tudo aquilo que fosse convencional e académico.¹⁴



1.º CONGRESSO NACIONAL DE ARQUITECTURA

BOLETIM DE INSCRIÇÃO N.º 1

NOME *João Augusto Cottinelli Telmo*
 RESIDÊNCIA *R. S. da V. de Alvalade 18.º TEL. 60.524*
 ATELIER *R. do Campo da Fátima 13.º TEL. 61.145*
 PROFISSÃO *Arquiteto*

Declaro que desejo tomar parte no 1.º Congresso Nacional de Arquitectura, de cujo Regulamento tomei conhecimento, na qualidade de membro *ASSOCIADO* para o que remeto a Comissão Executiva a importância de Esc. 2.000\$00.

João Augusto Cottinelli Telmo de 1948
 Assinatura *Cottinelli Telmo*

18.º ao congresso. (A 200\$00 ou 100\$00), nas condições do art.º 12.º e nos § do Regulamento referido.
 por m. — Gráfica Nacional — Lisboa

1.º CONGRESSO NACIONAL DE ARQUITECTURA

BOLETIM DE INSCRIÇÃO N.º 27

NOME *Francisco Keil Amaral*
 RESIDÊNCIA *Av. Dr. António José de Almeida 7-2.º D. TEL. 70.419*
 ATELIER *" "* TEL. *" "*
 PROFISSÃO *Arquiteto*

Declaro que desejo tomar parte no 1.º Congresso Nacional de Arquitectura, de cujo Regulamento tomei conhecimento, na qualidade de membro *ASSOCIADO* para o que remeto a Comissão Executiva a importância de Esc. 2.000\$00.

Francisco Keil Amaral de 1948
 Assinatura *Francisco Keil Amaral*

19.º ao congresso. (A 200\$00 ou 100\$00), nas condições do art.º 12.º e nos § do Regulamento referido.
 por m. — Gráfica Nacional — Lisboa

O infundável debate: Tradicional vs. Moderno

O Congresso reaviva a discussão entre Tradicionalismo e Modernismo, evidenciando a intenção de derrogar *com este travesti de arquitetura tradicional portuguesa*¹⁵. O que se pretendia era incrementar uma arquitetura funcional, racional, moderna, com uma linguagem internacional, que tal como em Itália, impunha a opção entre duas vertentes, a da modernidade ou tradição. Transitava-se para uma fase de experimentalismos, onde a questão do contexto teria um papel fundamental, incorporando uma dualidade, que consistia no facto de ou se integrava o contexto e ou se opunha ao contexto. Aliado a este tópico, a atenção dirige-se também para o utente e os seus modos de vida. Estes, efémeros e de rápida mutação, implicavam uma atenta reflexão relativamente às formas que teriam de ser adotadas. É uma época de grande procura de um nível de vida mais elevado, seduzido pelo desenvolvimento que a Europa e o Brasil iam demonstrando, atraindo a população portuguesa a emigrar, nos anos 50, como fuga à miséria em que se vivia. Os portugueses não se deslocam apenas para o exterior, mas também para os grandes centros urbanos, como Porto e Lisboa, implicando a adaptação de uma população proveniente de meios rurais, a meios urbanos. Todos estes fenómenos teriam de ser contabilizados aquando da projeção e execução desta nova arquitetura. Enquanto que a habitação anteriormente consistia simplesmente em *casi-nhas em gerdi*¹⁶, agora era necessário conjuntos habitacionais coletivos, que albergassem este crescimento dos centros urbanos e o regresso dos emigrantes, que renunciavam o retorno às suas terras de origem, inaugurando o conceito dito Bairro Social, como o Bairro de Alvalade em Lisboa.

A arquitetura desta segunda geração moderna em Portugal segue uma vertente Neorrealista, que defendia a crítica e a denúncia social, combativa e reformadora, no entanto, nunca esquecendo o racionalismo e o funcionalismo do Movimento Moderno Internacional e as emoções incutidas pela vida moderna, pela velocidade, pela máquina e pela técnica. É segundo este pensamento que surge, ao longo do Congresso, a intenção de

17 | Intervenção de Keil do Amaral, em sessão de trabalhos. Salão Nobre do IST. 1.º Congresso Nacional de Arquitectura.

18 | Ficha de inscrição no Congresso de Cottinelli Telmo.

18 | Ficha de inscrição no Congresso de Keil do Amaral.

A Revista Arquitetura dos anos 50



20 | Casa em Barcelos. Estudo para o Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa.

de elaborar um Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa, com base numa ideia dos arquitetos José Huertas Lobo e Keil do Amaral, publicada na *Revista Arquitectura*. Realizado entre 1955 e 1960, pela mão de jovens arquitetos, como Fernando Távora, Nuno Teotónio Pereira, Keil do Amaral, Francisco Silva Dias, António Pinto Freitas, entre outros, é subsidiado pelo Ministério das Obras Públicas e organizado pelo SNA (Sindicado Nacional dos Arquitetos), que conta já com Keil do Amaral como presidente, em substituição de Cottinelli Telmo. Mais do que um inventário, propunha uma observação tanto dos povoadamentos como das formas de vida nas diversas regiões, constatando que as tradições variam consoante as localidades, eliminando a ideia de uma casa tradicional portuguesa. Este documento abrange Portugal Continental e encontra-se dividido em seis regiões (Zona 1 Minho; Zona 2 Trás-os-Montes; Zona 3 Beiras; Zona 4 Estremadura; Zona 5 Alentejo e Zona 6 Algarve), correspondendo a cada uma um determinado grupo de arquitetos. A sua publicação data de 1961, sendo reeditado em 1980 e 1988.

A polémica Arquitetura Religiosa

A crítica ao falso modernismo expande-se até à arquitetura religiosa, sendo criado, em 1953, o Movimento de Renovação da Arte Religiosa (MRAR). Este, constituído por progressistas católicos, pretendia redefinir a arte e a arquitetura Religiosa Portuguesa, de forma a desviar-se dos princípios estipulados pelo regime vigente. Em agosto de 1953 é publicado, na *Revista Ler*, um artigo desenvolvido pelo padre e arquiteto João Medeiros de Almeida, em associação com Nuno Teotónio Pereira, que alegava a prática de um falso modernismo e de um falso tradicionalismo na arte e arquitetura religiosa portuguesa. “Ainda há pouco um grupo de jovens arquitectos católicos teve a coragem de criticar de modo irrefutável, pela sua objetividade, numa muito interessante e modelar exposição efetuada em Lisboa e depois repetida no Porto, a negação absoluta ou o falso estilo moderno de algumas igrejas recentemente construídas. Crítica que, bem entendido, perfilhamos. Somos por uma arquitetura franca e sem

A ARQUITECTURA RELIGIOSA E A ARTE MODERNA

Apontamentos da Arte Cristã

A verdade da doutrina cristã está explicada nas três palavras: Permanência, Presença, Actualidade. Estas mesmas palavras são capítulos quando a sua doutrina se traduz em Arte. Neste campo ela foi sempre precursora, sempre actual, sempre moderna, viva, com grande escândalo daqueles que continuavam amarrados ao passado, ao mundo morto. Sempre assim foi e sempre assim será.

Mas hoje mais do que nunca se torna necessário educar o público, tão mal dirigido nestas últimas décadas. Em questões de estética ele tem sido educado de tal maneira no culto do falso bem feito, do falso parecido e da falsa arqueologia que não precisa mais as obras anacrónicas, falsas, do bem parecido — de que os olhos — de vidro a dar a realidade de anta — exemplo tirante — a que obtém o seu voto unânime de aprovação.

Necessário se torna por isso o regresso da Arte Cristã à Verdade da criação, da tradição e da reconciliação plásticas.

Dois problemas pomos no Artista o da liberdade de criação e o da sinceridade de expressão. Dois problemas na Arte: criação a opor-se a cópia, verdade a opor-se a falsos.

Só assim se realizará Arte Cristã. Numa Revolução de Infinito é impossível encontrar muros que ensobermem ou dificultem artista a arte e a história do Homem desde o primeiro dia até ao fim do mundo. Só aqui a humanização tem sentido universal verdadeiro. E antes e depois, Deus.

Dentro da Arte Cristã cabe tudo, desde as violências dum Bosch, dum Buegel ou dum Grünewald, à delicadeza dum Moreau, dum Filippo Lippi ou dum Beato Angelico. O que foi belo num tempo pode ser considerado o contrário noutro; e não há beleza nem fealdade, mas apenas verdade. A procura da beleza linda andam unidas; a beleza moral andam outros. Para o homem da Renascença tudo o que existia antes era bárbaro. É fácil é ver qual o conceito que deve seguir a Arte Cristã.

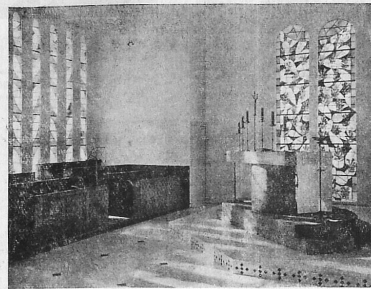
A Verdade, a Presença e Actualidade da doutrina cristã não pode estar presa a qualquer conceito arqueológico, porque para ela não conta nem o tempo nem o espaço, porque é eterna. Ela está para além da Vida e da Morte. Por isso a Arte Cristã se não preocupou com a forma em si, com a pretensa verdade histórica objectiva, com a arqueologia fria dos documentos, dos livros, dos números vazios.

A aparência real dum tema abstracto é o conceito que preside à realização espiritual, mistica e surrealista, solução de carácter plástico ideal para a realização da Arte Cristã. Foi desta ideia que se concebeu o símbolo. Desde as primeiras idades do cristianismo aos finais do gótico (e só agora começa um reatar do caminho perdido) ele foi a solução plástica, decorativa na escultura, formal na pintura, modos de expressão habilitante governando uma unidade, forma-ídea, resolvendo o que podíamos definir por pintura pura, realizando na existência toda uma mensagem humana sem deixar de ser divina, traduzindo em imagens ideais que a escala humana concebe mas não realiza. Com este conceito a Arte Cristã plasmou a História Antiga e a História Nova, os Terremunhos e os Evangelhos.

ANTONIO RICHARD

JOSEPH RICHARD
L'ART SACRÉ
MODERNE

Um grosso volume com centenas de ilustrações em litografia 13750



O altar principal da capela de Vint. Projecto de Frei Matias que foi, também, o autor das vitrais, decorações e pinturas murais.

DO SENTIDO DE UMA ARQUITECTURA

JOÃO MEDEIROS DE ALMEIDA

A presente-se no Porto a Exposição de Arquitectura Religiosa, que em Lisboa deturpa um rasto de crítica e de objeções, umas serenas, outras apaixonadas, nenhuma indiferente.

Da parte historicista-critica pode dizer-se que passou inculcose e mesmo que teve geral acatamento e aprovação e sobre o último sector (o Movimento de Renovação em Curso), e nele, particularmente, sobre o caso antigo, que as críticas incidem com insistência.

Grande parte dessas críticas veio ao encontro da nota com que encerrámos a série de exemplos suíços: o facto de reflectirem uma sensibilidade diferente da nossa. Muitos visitantes, esclarecidos pela doutrina elaborada ao longo da Exposição e pela sua conceituação critica, teoricamente dispostos a aceitar uma arquitectura religiosa moderna, sentiram-se desiludidos perante os exemplos apresentados. E embora grande percentagem deles — cerca de 80 %, segundo os inquéritos — reconhecessem estarem aqueles exemplos no caminho de uma verdadeira renovação, quase todos lamentaram o predomínio de uma documentação de certo modo inacessível à sua sensibilidade europeia.

Não cremos, no entanto, que tenha sido apenas a diferença de clima, de mentalidade e temperamento a origem deste mal-estar até ao perfeccionismo justificado —, mas a própria desorientação do público em matéria de Arte, e sobretudo de Arte religiosa. Habitado a conceber-se no porre e nas facilidades de uma sincretismo superficial, mais depressa levado a aceitar os excessos de uma Arte demagógica, falazmente moderna, do que a apreciar a simplicidade de uma obra pura e humilde, encontra-se ele na impossibilidade de apreciar um dos traços mais representativos — por constituir uma esteticidade — da verdadeira Arte moderna: o gosto do essencial, a ausência do superficial, o desmandamento das formas. Foi isto que verificámos na Exposição em contacto directo com o público, diante de alguns dos casos que melhor ilustravam aquela esteticidade. Diante, por exemplo, de certo baptisterio suíço, cuja pia baptismal — bloco de pedra vigorosamente talhado —, desprovida de ornamentação, impondo-se apenas pela pureza do traçado, pelo ténio da linha de contorno, pela elegância do volume, deixava perplexa ou indiferente a maior parte dos visitantes. Diante ainda de certas igrejas epistais (classificadas por alguns de barreiras e armatizais), cuja concepção espacial vem afinal ao encontro das realidades do nosso tempo, das novas exigências litúrgicas e técnicas, das condições da nossa cultura, e procura exprimir por meio de uma linguagem a elas adequada o conteúdo humano e espiritual inerente à própria natureza do templo católico.

Na época que atravessamos, quando assistimos ao decompor de uma cultura, ao fim de um longo período de desintegração progressiva do homem e da sociedade, há de ser a manifestação implacavelmente lógica de um humanismo que se revolte de assumir por não se conformar a nossa existência quando, por outro lado, a pode lá encontrar, de entre as ruínas do nosso mundo antigo e actual, o despojar de uma nova cultura e de um novo humanismo — o qual, porém, não se trata de uma tentativa de fundamentar-nos em coisas, estético ou variado, mas sim, como choramos a "limitação do essencial".

A Arte de hoje, para ser verdadeira, tem de reflectir esta situação. E inutil dissimular as nossas dúvidas e a nossa incerteza com as formas ricas e variadas de um mundo refeito ou com o desenvolvimento forçado das formas do futuro tempo. Tem-se a ilusão de fazer uma Arte digna do espírito e da tradição do Ocidente e obter-se a apenas uma Arte morta, desligada da corrente vital que está na base de toda a Arte como princípio animador. Mais ainda — e tocamos talvez aqui no fundo do problema — é inútil e perniciosa encerrar por detrás de uma simbologia arbitrária a incapacidade em que caiu o homem moderno de traduzir plasticamente as realidades do Espírito.

Rompem-se em nós, da Idade Média para cá, ao longo de cinco séculos de deliberada progressiva de tantas noções essenciais, a relação fundamental entre o interior e o exterior, entre a alma e o corpo. E com isto perdemos o sentido do símbolo, porque esta relação entre a alma e o corpo é a relação simbólica por excelência. Como nos diz Guardini, é missão própria do corpo a de "símbolo vivo da alma". Desligado o corpo da alma numa tentativa de espiritualidade pura, que degenerou por um lado no mundo racionalista e controlado de conceitos e das fórmulas, por outro lado numa corporalidade materialista que vilipendiou o homem para o glorio da animalidade, ficou perdendo em nós, cada vez mais, a capacidade plástica, reduzindo o campo das realidades interiores tradutíveis no corporal.

E ainda Guardini que nos diz: "Os órgãos misteriosos por meio dos quais o espiritual se transpõe no seu equivalente corporal e que de cada parte fazem uma revolução do Espírito — foram-se atrofiando progressivamente".

O homem perde a capacidade plástica, o poder de dar forma — e ao mesmo tempo desampara-se tanto o que repousa sobre este poder: a plasticidade da língua, a atitude física expressiva; o vestuário e a habitação atarraxados de formas as manifestações exteriores, o jogo a dança.

Toda a Arte do século XIX reflecte a tragédia do Homem entre estes dois polos: entre o poder a plasticidade da língua, a atitude física expressiva; o vestuário e a habitação atarraxados de formas as manifestações exteriores, o jogo a dança.

A própria vida litúrgica, que é simultaneamente a justificação e o conteúdo da Arte sacra, foi-se atrofiando à medida que desaparecia esta capacidade. O rito e o símbolo foram-se tornando cada vez menos compreendidos, cada vez menos vividos. Sinais exteriores de um mundo interior, transcendente, em que o Homem está em contacto com Deus, são foram eles — em quanto exprimem os seus essenciais do mistério — que perderam o conteúdo e o poder sacramental, mas não deixaram de reter o conteúdo espiritual que os anima. Neste domínio encontram-se hoje os atitudes de reatamento espiritual, de busca do gesto, da palavra, fim de ser revividos. Cada sinal, até

mais remota. A fundação, em 1924, de uma Associação dos Artistas Católicos Suíços veio dar o grande impulso a este movimento, que se apresenta já hoje com uma indiscutível maturidade.

Integrados eles próprios na comunidade do povo cristão, vivendo uma vida informada pelo Espírito do Evangelho, encontravam-se entre artistas na arte das alçadas para interpretar e traduzir as possibilidades e aspirações dessa comunidade — não sem que os resultados obtidos tivessem exigido um longo e paciente trabalho de renovação critica e critica do meio.

Em contrapartida, trouxe-lhes esta comunidade o rigor de uma disciplina que havia todas as tentativas de evasão individualista. Redescobriram a lei essencial da arquitectura: a lei da Economia, no sentido mais lato e profundo da palavra (economia de meios, ausência do superficial, hierarquia dos valores) e para além dela, e como que a corolação, o espírito de pobreza do Evangelho —, veio esta disciplina permitir a tradição dessas exigências numa arquitectura despojada, e o que é mais notável, querente a sua permanência dentro do mesmo espírito ao longo de uma evolução que pode já constituir-se significativa.

Para finalizar, analisemos rapidamente o problema fundamental que a arquitectura era chamada a resolver nas novas igrejas: o do conceito espacial.

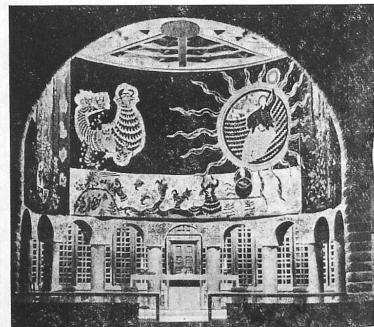
O espaço interior não consiste apenas no volume entre um semi-círculo de elementos, contribuindo para a sua formação a modelação da luz, a composição da cor, o ritmo estrutural. As paredes, constituindo os limites reais desse espaço, funcional, antes de mais nada, como isolante e tradutor da realidade viva que são chamadas a envolver. E esta que deve informar de dentro a edificação, num verdadeiro processo orgânico.

Qual é, no caso da Igreja Católica, esta realidade viva? A relação Cristo-Igreja incarnada na vida litúrgica. A partir da pontuação relativa altar-ambula e da subsequente distribuição de todos os outros elementos face-a-a a organização do espaço.

As exigências do movimento litúrgico vieram chamar a atenção sobre este princípio, que é afinal a própria base da concepção arquitectónica como tal. Incidiram elas fundamentalmente sobre a participação dos fiéis nos serviços litúrgicos no sentido de uma maior intimidade, e sobre a urgência de uma revista de valores, para de novo dar a cada elemento a expressão e o lugar que melhor lhe convieram.

Da maneira como foram interpretadas estas exigências nas novas igrejas africanas não posso aqui fazer a análise; direi apenas, para acabar, que muitas delas, humildes e sem atractivo, realçam aquilo que constituirá sempre o essencial do templo católico: um espaço impenetrável do mistério cristão. E que, se a alguns parecerem demasiado — e certamente não será esta talvez conta elas a mais grave acusação. Porque há barreiras e armatizais, na sua integridade, desportando em nós a impressão viva de um espaço sagrado — e íntimo, com o ritmo da realidade — e existencismo, apenas nos deixam, enquanto edifício, a atmosfera e a decepção de uma verdade frustada.

Foi na Suíça alemã que, devido às excelentes condições políticas, sociais e económicas e ao reflectimento orgânico das comunidades cristãs, se consolidaram realmente os princípios da nova arquitectura religiosa e se tornou possível a sua expressão através de todo o território, até às aldeias



O coro da Igreja de Assis decorado com uma tapeçaria de Jean Lurcat

NIVEN BUSH

DUELO AO SOL

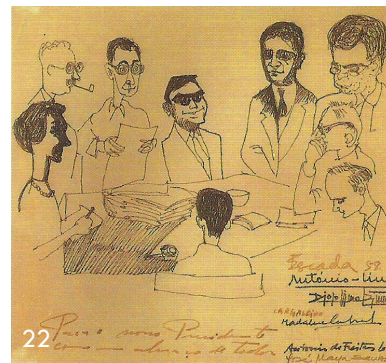
Edição popular do emocionante romance 20850

A VENDA NAS LIVRARIAS

PUBLICAÇÕES EURO-AMÉRICA

21 | Artigo de João Medeiros de Almeida e Nuno Teotónio Pereira sobre a Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal. Jornal Ler, nr.17 de Agosto de 1953.

A Revista Arquitetura dos anos 50



22 | Parte do grupo d MRAR. Desenho de José Escada, 1958. Da esquerda para a direita: Madalena Cabral, F. Vasconcelos, J. M. Santos, D. Lino Pimentel, A. Freitas Leal, A. Lino, N. Teotónio Pereira, M. Tainha e, de costas, J. Escada.

pastiches, que nos repugnam. Uma arquitectura que não nos iluda quanto à sua função, nem quanto à sua estrutura, nem aos seus elementos decorativos. Nada, portanto, de arremendar o românico, o gótico ou o barroco, estilos historicamente extintos. Felizmente, hoje arremenda-se pouco já o classicismo renascentista.”¹⁷

É a partir da segunda metade da década de 50 que esta geração de arquitetos modernistas, impulsionada pelo Congresso, se fortalece, tornando-se cada vez mais problemático para o Regime “reprimir o surto de obras de expressão atual, afirmativas de vários quadrantes culturais mas sempre rompendo com o estilo oficial.”¹⁸ Entretanto, Portugal adere à EFTA (Associação Europeia do Comércio Livre), em 1959, o que permitiu uma maior abertura da atividade económica internacional, que induziu num crescimento económico, à introdução da política de eletrificação, dos planos de fomento e das campanhas de alfabetização, superando o sub-desenvolvimento social, tecnológico, energético e científico em que o país se encontrava. Consequentemente introduz modificações sociais, tais como os aumentos salariais, maior mobilidade e aumento do grau de escolaridade, tornando a população mais consciente da realidade.

Os finais desta década assinalam-se por momentos de movimentações militares, greves e manifestações. A diferença das manifestações, para as dos anos 40, é o facto da sociedade ser mais (in)formada e já não ser marcadamente rural. Julga-se ter sido o princípio do processo que levou à queda do Estado Novo. É conhecido como o *Verão Quente de 58*, que brota com a candidatura do *General Coca-Cola*¹⁹, Humberto Delgado, à Presidência. “As movimentações geradas pela campanha eleitoral de Humberto Delgado irão prolongar-se até fins de 1962, através da greve dos trabalhadores alentejanos pela jornada de oito horas de trabalho, nesse ano, da crise estudantil de 1961/1962, e só terminam com a repressão sobre o PCP e a Frente Patriótica em 1963.”²⁰ Portugal sofre profundas alterações nesta época, mesmo com os golpes militares falhados e com o exílio de Humberto Delgado, em janeiro de 1959, no Brasil.

É, portanto, nesta sequência de eventos que a *Revista Architectura* surge renovada e dirigida pelo grupo referido inicialmente, com especial realce da participação crítica do “brilhante, informado e inteligente crítico Nuno Portas”²¹. Centrada na publicação e exposição crítica de obras e autores participantes do Movimento Moderno em Portugal, divulga também um Modernismo Internacional, não só através de obras arquitetónicas de autores de relevante importância, mas também através da referência a periódicos estrangeiros e a temáticas que corriam o mundo moderno. É considerada por Nuno Portas, desta forma, como uma “revista de tendência”, pois à semelhança das revistas italianas e espanholas, procura justificar uma nova arquitetura portuguesa através das contribuições do ideário do Movimento Moderno Centro-Europeu. Pretendia com a sua participação na *Revista Architectura*, através de uma exposição crítica, promover o debate sobre a arquitetura da época, que se baseava em modelos abstratos, e mostrar que era possível uma arquitetura portuguesa moderna, “mas com uma nova cara”.

Seguidamente, apresenta-se a crítica que Nuno Portas desenvolve ao longo da sua participação na *Revista Architectura* e uma possível interpretação da metodologia que utiliza para fomentar a discussão referente à arquitetura moderna. Essa metodologia crítica é aqui considerada como análoga ao método científico, visto que o processo de investigação utilizado pelo crítico, ao longo dos seus artigos, procura encontrar respostas aos problemas que identifica e justificar as teorias que propõe, observando cuidadosamente causas e efeitos.

A Revista Arquitetura dos anos 50

Notas

¹ Tostões, Ana. *Arquitetura Moderna Portuguesa 1920 – 1970*. Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), em parceria com Ministério da Cultura, Lisboa, 2004.

² Segundo Carlos Duarte, no artigo *Os críticos não se inventaram de um dia para o outro*, publicado no *Jornal dos Arquitetos*, nº239, de abril, maio e junho de 2010.

³ Costa, Alexandre Alves. *Álvaro Siza 1954 – 1976*. Editorial Blau, Lisboa 1997, capítulo Começando pelo princípio, p.85 linhas 1 a 13.

⁴ Duarte, Carlos. *Os críticos não se inventaram de um dia para o outro*, in *Jornal dos Arquitetos* nº239 de Abril, Maio, Junho 2010. p.32, linhas 62 a 64.

⁵ Duarte, Carlos. *Os críticos não se inventaram de um dia para o outro*, in *Jornal dos Arquitetos* nº239 de Abril, Maio, Junho 2010. p.42, linhas 29 a 30.

⁶ Tostões, Ana. *Arquitetura Moderna Portuguesa 1920 – 1970*. Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), em parceria com Ministério da Cultura, Lisboa, 2004, p.120, linhas 12 a 15.

⁷ Duarte, Carlos. *Os críticos não se inventaram de um dia para o outro*, in *Jornal dos Arquitetos* nº239 de abril, maio, junho 2010. p.38 a 46.

⁸ França, José-Augusto. *A Arte em Portugal no séc. XX 1911 – 1961*. Livros Horizonte, Lisboa 2009, 4ª Edição, p.293 linhas 1 e 2.

⁹ Tostões, Ana. *Arquitetura Moderna Portuguesa 1920 – 1970*. Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), em parceria com Ministério da Cultura, Lisboa, 2004.

¹⁰ Lino, Raul. in *A Casa e a Cidade*, programa televisivo emitido pela RPT2, episódio 5 - *A cidade em debate*, 2011.

¹¹ Tostões, Ana. *Arquitetura Moderna Portuguesa 1920 – 1970*. Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), em parceria com Ministério da Cultura, Lisboa, 2004, p.139, linha 7.

¹² Tostões, Ana. *Arquitetura Moderna Portuguesa 1920 – 1970*. Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), em parceria com Ministério da Cultura, Lisboa, 2004.

¹³ França, José-Augusto. *A Arte em Portugal no séc. XX 1911 – 1961*. Livros Horizonte, Lisboa 2009, 4ª Edição, p. 295 linhas 15 a 25.

¹⁴ Pereira, Nuno Teotónio. *Que fazer com estes anos 50?*, in 1º Congresso Nacional de Arquitetura, promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos. Edição fac-similada, julho 2008, p. 44 linhas 15 a 17.

¹⁵ Portas, Nuno. in *A Casa e a Cidade*, programa televisivo emitido pela RPT2, episódio 5 - *A cidade em debate*, 2011.

¹⁶ Portas, Nuno. in *A Casa e a Cidade*, programa televisivo emitido pela RPT2, episódio 5 - *A cidade em debate*, 2011.

¹⁷ Gusmão, Adriano. Arte Sacra Moderna, in Revista Ler, setembro de 1953 nº18, p.10 linhas 39 a 55.

¹⁸ Portas, Nuno. Evolução da Arquitetura Moderna em Portugal, in História da Arquitetura Moderna, de Bruno Zevi. Editora Arcádia 1973, Vol. II, p.738 linhas 13 a 17.

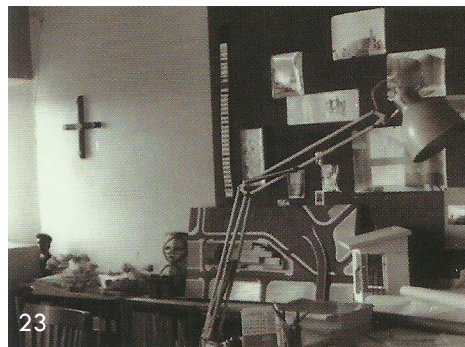
¹⁹ Humberto Delgado era conhecido como o General Coca-Cola, devido à sua filiação com os americanos e ao seu estilo político.

²⁰ Rosas, Fernando. Nova História de Portugal – Portugal e o Estado Novo. Editorial Presença, Lisboa 1992, Vol. XII. p.81 linhas 7 a 11.

²¹ Tostões, Ana. Arquitetura Moderna Portuguesa 1920 – 1970. Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), em parceria com Ministério da Cultura, Lisboa, 2004, p.145, linha 10 a 21.

A Crítica de um dos Autores

Capítulo II



23 | Atelier da Rua da Alegria.

A Nova Revista

No decorrer das décadas de 50 e 60 vão despontando variadas intervenções, que pretendiam implementar um Modernismo autêntico em Portugal, dificultando cada vez mais o papel da censura oficial. O *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*, que é executado neste período e irrompe ao longo do Congresso de 1948, contesta a ideologia que o Estado Novo pretendia inculcar, de uma *Casa Portuguesa*, verificando que não existe apenas uma tipologia habitacional característica portuguesa, mas uma infinita variedade de tipologias, consoante as regiões onde se localizavam. Mesmo sendo uma iniciativa apadrinhada pelo Ministério das Obras Públicas, constata-se, com o fluir do projeto, que o seu objetivo inicial é desviado e transforma-se numa demonstração e justificação da inexistência de tal tipologia²². Esta geração de arquitetos, a *Geração Resistente*, procura portanto renovar criticamente o Movimento Moderno, com base na investigação das tipologias tradicionais da arquitetura popular em Portugal, aliando-as às novas técnicas e materiais que vão surgindo com os desenvolvimentos das novas tecnologias. Pretende, como tal, alcançar uma arquitetura que possui um enraizamento na cultura portuguesa, daí o estudo exaustivo apresentado pelo *Inquérito*, sem nunca negligenciar os progressos tecnológicos.

A intenção de reformar o Movimento Moderno, não através de uma perspetiva analítica das tipologias populares, mas sim das mutações das cidades e dos ambientes urbanos, diferencia esta geração etnológica, de uma que se segue, com preocupações de natureza sociológica. Assim, não atribui excessiva atenção ao *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*, mas intenta na execução de planos de melhoramento das cidades, que durante a década de 60, com o êxodo rural e a chegada das populações migrantes para as grandes cidades, conhecem um colossal crescimento, demonstrando necessidades de ordenamento e hierarquização no planeamento das mesmas. Segundo Nuno Portas, a sua geração interessava-se por uma arquitetura de autor, e não sem arquiteto, que procurava refletir



sobre as condicionantes sociais suscitadas pelas transformações das cidades, com o intuito de projetar uma “arquitetura para hoje”, tendo em consideração as componentes sociais associadas. A “Arquitetura é para as pessoas” e, como tal, teria de se relacionar com o quotidiano. Parte das pessoas, dos bairros e da realidade urbana. Desta forma, é necessário coligar a Arquitetura com o Urbanismo, com o objetivo de estudar as tipologias propostas e a relação com os espaços exteriores.

Surge uma imensa variedade de tendências do moderno e é a *Revista Arquitectura* que, a partir de 1956, executa um trabalho de seriação de obras, apresentando-as, avaliando-as e acrescentando uma crítica a todas elas, clara ou dissimulada, marcando uma nova fase deste periódico. Foi, como tal, um gesto que aduziu alguma desconfiança por parte da geração anterior, receosos de um retrocesso à crítica antimoderna do Regime.

A nova revista, dirigida agora por um grupo de arquitetos de formação da Escola de Lisboa, entre eles Carlos Duarte, Frederico Sant’Ana, José Daniel Santa Rita e Rui Mendes Paula, conta com a participação de um jovem arquiteto de apenas 23 anos, tendo escrito o seu primeiro artigo, em julho de 1957. Fala-se obviamente de Nuno Rodrigo Martins Portas, que embora inicie a sua participação na revista em 1957, apenas enceta na comissão diretiva em setembro de 1958.

Este jovem crítico, nascido em 1934 em Vila Viçosa, não se limita apenas à crítica da arquitetura moderna, mas também de outras artes como o cinema e publica diversas obras escritas, onde expõe com maior grau de pormenorização os temas que apresenta na *Revista Arquitectura*. Com a sua participação reflexiva na Revista Arquitetura lucrou o Prémio Gulbenkian de Crítica de Arte, em 1963. Tirocinante da Escola de Lisboa, ingressa no “Atelier da Rua da Alegria”, com Nuno Teotónio Pereira, Bartolomeu da Costa Cabral, Pedro Vieira de Almeida e Pedro Botelho, exatamente no ano em que escreve pela primeira vez na *Revista Arquitectura*. Nesse mesmo ano, viaja com o seu mestre, Nuno Teotónio Pereira, a Itália, para conhecer a obra do arquiteto italiano, Carlo Scarpa e desta visita de cariz

24 | Inauguração da Exposição O Cooperativismo Habitacional no Mundo, 1957. Vendo-se: Jorge Braga de Macedo, Nuno Portas, Nuno Teotónio Pereira, Bartolomeu Costa Cabral, Octávio Rego Costa e Moisés da Silva Ramos.

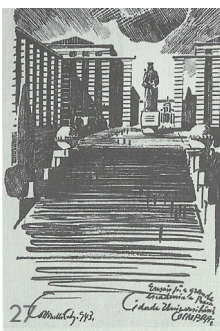
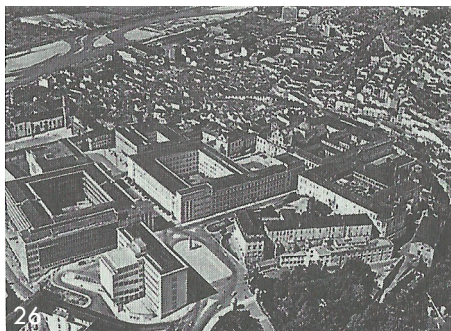
A Crítica de um dos Autores



25 | Praça Areeiro de Cristino da Silva. Arquiteto da Primeira Geração de Modernistas Portugueses.

meditativo, Nuno Portas estreia-se na *Revista Arquitectura*, no número 59 de julho de 1957, com o artigo *Carlo Scarpa. Um arquiteto Moderno em Veneza*. O que fascinou o seu interesse na obra deste autor foi o facto de um arquiteto que viveu em Veneza, onde a arquitetura apresenta uma certa indiferença perante o Movimento Moderno, desenvolve uma poética de recusa da mecânica da profissão e renuncia “ao sucesso pessoal para conservar o direito ao lento crescimento interior de uma imagem figurativa”²³. Tendo como base o excerto de um artigo escrito por Bruno Zevi, Nuno Portas apresenta uma reflexão baseada na escolha de Scarpa para a atribuição de um prémio de alto gabarito, o Prémio Olivetti, que consiste na distinção máxima para a Arquitectura em Itália. A questão centra-se em torno do facto de Scarpa seguir ideais que tanto se opõem ao Movimento Moderno como se aproxima do mesmo. Concebe a sua arquitetura em simultâneo como decoração, no entanto atribui um grande valor ao ambiente pré-existente, demonstrando no seu discurso arquitetónico uma necessidade de conhecer o exterior e anterior, de maneira a aceitar-se como condicionante, oferecendo sugestões para a conceção arquitetónica.

Para Nuno Portas, a seleção de Scarpa foi oportuna, e reforça a ideia de utilizar a metodologia de criação do arquiteto italiano como referência para arquiteturas futuras. Embora esteja apenas a enumerar as características da obra de Scarpa, pode-se entender que ao concordar com a sua seleção e ao afirmar que se deve retirar desta uma lição de método, poderá estar presente uma crítica latente ao Movimento Moderno. Este será o mote da revista, nestas décadas, com principal enfoque nos artigos críticos de Nuno Portas. Centra-se numa crítica à arquitetura moderna portuguesa, das duas primeiras gerações de arquitetos modernistas em Portugal, aludindo à necessidade da intervenção de uma terceira geração de “novíssimos”, que projetasse um modernismo português autêntico, que retificasse os erros da *Arquitetura de Regime* de um Cristino da Silva, e de uma arquitetura desenvolvida pela Geração Resistente de um Keil do Amaral. “Mas um movimento crítico como o que pretendia a Revista tinha de apoiar-se em obras que, de algum modo, demonstrassem qual podia ser a saída viável dos jovens



turcos que nela escreviam e que não tinham, na altura, obra própria.”²⁴

Nuno Portas propõe uma seleção de obras que definiam as décadas findas, de forma a aplicar uma nova atenção crítica incidente sobre a arquitetura moderna portuguesa da primeira metade do século XX. Com o artigo *A Responsabilidade de uma novíssima geração no Movimento Moderno em Portugal*, na revista número 66 de novembro / dezembro de 1959, Nuno Portas propõe soluções, leituras e filosofias habitacionais, de influências neorrealistas e organicistas internacionais, que apelavam a uma reforma da arquitetura portuguesa. Conheceu, neste busca, os arquitetos Francisco Sáenz de Oiza, Josep Coderch, Oriol Bohigas, Rafael Moneo, Carlo Scarpa, Vittorio Gregotti e Aldo Rossi, e seguiu de perto as obras de Keil do Amaral, Januário Godinho, Fernando Távora, Manuel Tainha, Siza Vieira e Vitor Figueiredo. “Mas não só os colegas de profissão que pisavam caminhos mais heterodoxos. Se o que nos interessava eram os espaços internos como expressão dos modos de vida e da poética do habitar, recebíamos com ansiedade o crescente interesse das ciências humanas por essas relações que Heidegger, Bachelard ou Levy-Strauss, depois Chombart de Lauwe, Lefebvre ou Barthes explorariam, mostrando-nos os limites do funcionalismo, a natureza não arbitrária nem mecânica da conformação dos espaços habitáveis enquanto linguagem estruturada e que especial o Pedro Vieira de Almeida tinha anunciado entre nós, e o meu primeiro livro programava.”²⁵

26 e 27 | Coimbra. Cristino da Silva e Cottinelli Telmo.

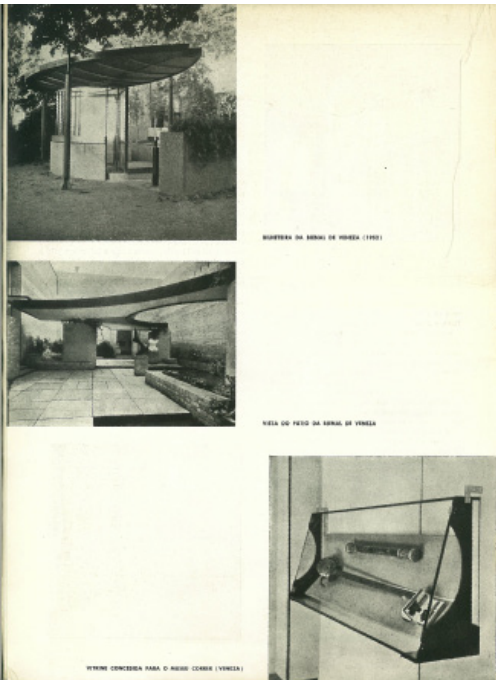
28 | Cidada Universitária de Lisboa. Pardal Monteiro. Arquiteto da Geração Pioneira.

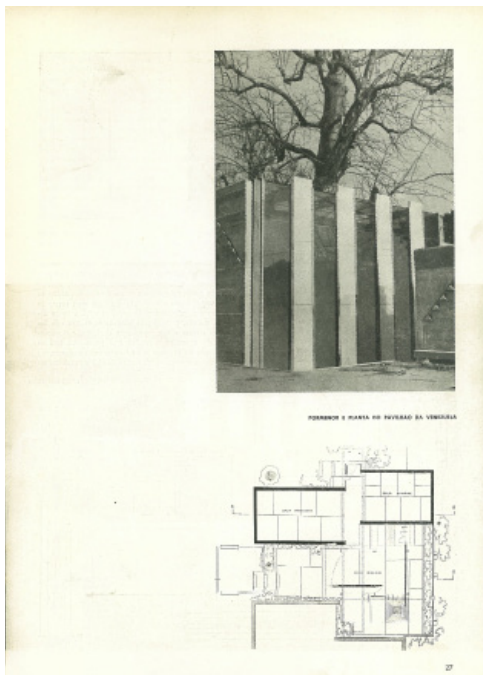
Nuno Portas - Uma analogia científica

Com base nas obras e ideologias destes arquitetos, críticos e sociólogos, Nuno Portas inicia a sua reflexão, expondo no artigo número 66 da *Revista Arquitectura*, um jovem grupo de arquitetos que inicia a sua atividade profissional numa fase em que se debate o verdadeiro significado do espírito moderno²⁶. Para esta geração de “novíssimos”, propõe um objetivo a alcançar, que consiste em conceber uma arquitetura funcional, que se opõe a um pensamento experimentalista praticado anteriormente. Para tal ato,

A Crítica de um dos Autores

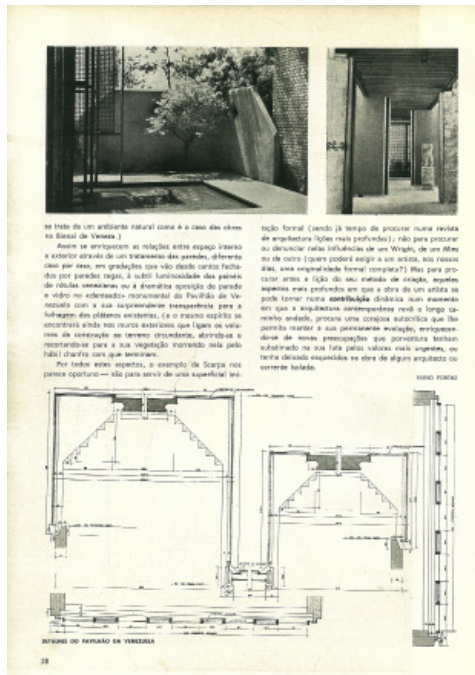
29 | Revista Arquitectura
nr.59, de Julho de 1957.
Artigo Carlo Scarpa. Um
Arquitecto em Veneza, p.23
a 26.





PERIMETRO E PLANTA DO PAVILÃO DA VENEZA

27



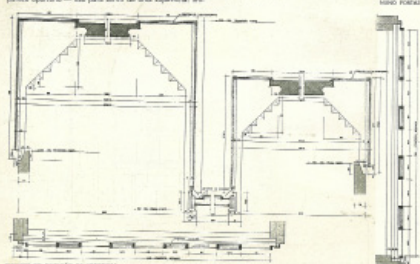
no todo de um ambiente natural como a casa das crianças no Brasil de Veneza.

Assim se desenvolvem as relações entre espaço interno e exterior através de um tratamento das paredes, oferecendo para os olhos, em qualquer que seja o ponto de vista, uma sensação de continuidade das paredes, de uma continuidade das paredes, de uma continuidade das paredes.

Por todos estes aspectos, o exemplo de Scarpa nos parece oportuno — não para servir de uma superficial lei-

ção formal (quando há tempo de procurar numa revista de arquitetura figuras mais profundas) — não para procurar ou denunciar certas influências de um Wright, de um Mies ou de outro (que poderá existir ou não), mas para procurar antes a razão do seu sucesso de criação, aquelas ideias mais profundas em que a obra de um artista se pode tornar uma oportunidade histórica, uma maneira de lidar com a arquitetura contemporânea, com o longo caminho andado, com uma complexa situação que lhe permita manter a sua personalidade, a sua identidade, a sua personalidade, a sua personalidade.

NORD PAVILÃO



PERIMETRO DO PAVILÃO DA VENEZA

28

30 | Revista Arquitectura nr.59, de Julho de 1957. Artigo Carlo Scarpa. Um Arquitecto em Veneza, p.27 e 28.

A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal

Nuno Portes

Grande importância, com a publicação deste e de outros artigos, um conjunto de obras que possam constituir uma base sólida para a nossa arquitectura, para a nossa arquitectura, para a nossa arquitectura.

Porque há uma consciência e uma força nova, há uma consciência e uma força nova, há uma consciência e uma força nova.

A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal, p.13 e 14.

1. O conceito — ou o mal-entendido — que leva na cultura contemporânea uma consciência radical para a importância da cultura, para a importância da cultura, para a importância da cultura.

A cultura contemporânea não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura.

teoria de arte e de arquitectura, baseada no facto de se tratar de uma civilização geograficamente isolada, — que se apresenta ainda ao longo da mentalidade da nossa e das ideias dessa época.

Que nos parece que a unidade cultural dessa civilização é basicamente a unidade da cultura, da cultura, da cultura, da cultura.

A cultura contemporânea não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura.

A cultura contemporânea não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura.

A cultura contemporânea não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura.

possibilidade de ação de um conceito por todos percebido, a possibilidade de ação de um conceito por todos percebido, a possibilidade de ação de um conceito por todos percebido.

A cultura contemporânea não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura.

A cultura contemporânea não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura.

A cultura contemporânea não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura.

A cultura contemporânea não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura.

A cultura contemporânea não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura.

interior, eis o que nos parece poder constituir uma plataforma comum que em conjunto com a criação de espaços de arte, com a criação de espaços de arte, com a criação de espaços de arte.

A cultura contemporânea não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura.

A cultura contemporânea não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura.

A cultura contemporânea não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura.

A cultura contemporânea não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura.

A cultura contemporânea não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura, não é uma cultura.

A Crítica de um dos Autores

32 | Revista Arquitectura nr.68, de Julho de 1960. Artigo Carlo Scarpa. 3 Obras de Álvaro Siza Vieira, p.13 a 16.

3 obras de Álvaro Siza Vieira

I—Grupo de moradias em Matosinhos

Intencionalmente ou não, a publicação de uma antologia de obras de arquitetura contemporânea feita para além do valor de cada obra, também com o objetivo de alertar os povos, poderia resultar em resultados contrários, e de serem tomadas para uma análise cultural.

Cabe agora a vez da apresentação das primeiras obras de um jovem arquiteto, por meio de uma antologia, com o intuito de apresentar uma importante etapa na evolução da arquitetura portuguesa, e a sua documentação.

Siza Vieira tem lá a oportunidade de apresentar a sua obra, e de apresentar um conjunto de obras, em que a produção permite uma apresentação de obras, em que a produção da obra é a que é a produção da obra, e a produção da obra é a que é a produção da obra.

Siza Vieira tem lá a oportunidade de apresentar a sua obra, e de apresentar um conjunto de obras, em que a produção permite uma apresentação de obras, em que a produção da obra é a que é a produção da obra.

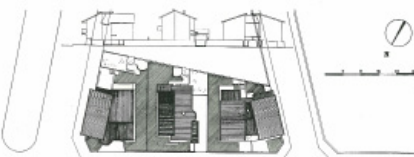
Siza Vieira tem lá a oportunidade de apresentar a sua obra, e de apresentar um conjunto de obras, em que a produção permite uma apresentação de obras, em que a produção da obra é a que é a produção da obra.



12



Fotografia aérea da moradia de Matosinhos, p.13



13

Este grupo de moradias, tal como o nome indica, é uma obra de arquitetura contemporânea, e a sua produção é a que é a produção da obra.

Este grupo de moradias, tal como o nome indica, é uma obra de arquitetura contemporânea, e a sua produção é a que é a produção da obra.

Este grupo de moradias, tal como o nome indica, é uma obra de arquitetura contemporânea, e a sua produção é a que é a produção da obra.

Grupos de moradias em Matosinhos, p.14

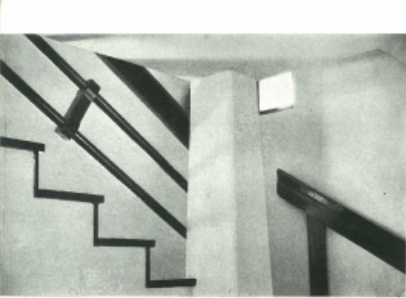
PLANTA DO PRATO



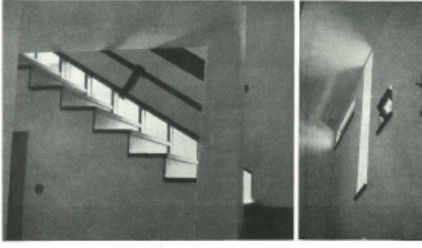
14



15



16



17

a *Revista Architectura* publica artigos “sobre Arte Nova, Sullivan, Howard e a Cidade Jardim, Wright, Aalto, Scarpa, Coderch, Candilis...”²⁷ e apresenta a crise que brotava do movimento CIAM, impulsionada pelo grupo Team X, a controvérsia italiana e os feitos arquitetónicos dos países nórdicos, com a intenção de procurar possíveis respostas no que se fazia no exterior. A nova geração nacional terá de desempenhar um papel corajoso, promovendo um diálogo fecundo, procurando um método comum de interpretação da realidade complexa e abdicando de vocabulários feitos²⁸.

Participa na *Revista Architectura* cerca de 15 anos, e ao longo desta fase organiza um método de exposição das suas ideias, que de certa forma se identifica com um método científico. Com este artigo, a respeito de uma “novíssima” geração de arquitetos Modernos em Portugal, Nuno Portas identifica o problema, enumerando os aspetos que considera necessitarem de uma transformação. Esta é considerada a primeira fase do Método Experimental Científico, seguido de uma Observação, que permitirá o conhecimento de todas as variáveis, internas e externas, facilitando o entendimento das relações entre as causas e os efeitos. De forma a justificar estas relações, Nuno Portas desenvolve artigos onde expõe obras de um modernismo anterior e critica-as, apurando as características que acredita serem essenciais de continuar e as que necessitam urgentemente de ser alteradas. Avalia as várias opções e em simultâneo vai propondo soluções ou hipóteses.

Observação

Como sequência ao artigo número 66, Nuno Portas apresenta Siza Vieira como um dos autores que contribuem para uma unidade cultural, visto que as inovações que apresenta nas suas obras não estão apenas no desenho, mas sim nos momentos que cria, tais como o tratamento da luz e na transição do vão para a parede. No número 68, de julho de 1960, redigiu um artigo intitulado de *3 obras de Álvaro Siza Vieira*, arquiteto promissor, em início de carreira e com uma obra que demonstrava um forte potencial para encaminhar esta nova geração de “novíssimos”. Demonstra

33 | Revista Arquitectura
nr.68, de Julho de 1960.
Artigo Carlo Scarpa. 3
Obras de Álvaro Siza Viei-
ra, p.17 a 20.

The image contains three architectural drawings of the Casa de la Familia in Mexico City:

- Top Left:** A black and white photograph of the exterior of the house. It shows a balcony with a decorative metal railing and a tiled roof. The text below it reads: "Varanda na cobertura da casa, utilizando suas travessas e colunas de ferro na sua planta."
- Top Right:** A floor plan of the house, showing the layout of the rooms and the staircase. A north arrow is located in the top right corner.
- Bottom Left:** A section view of the house, showing the internal structure and the roofline. The text below it reads: "Planta do Frio."
- Bottom Right:** A section view of the house, showing the internal structure and the roofline. The text below it reads: "Planta do Frio."

caliente de madera, enfriamiento y co-
lorado de madera exterior, que actúa de
ropa de abrigo y aislamiento.

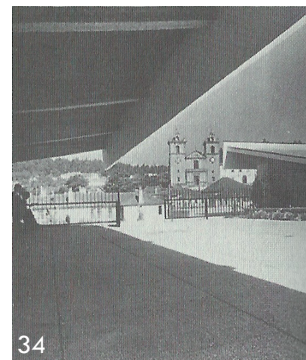
Contra cielo en gualtera en piso superior y alero E; arrieta en piso inferior de madera
revestido en tela de respuesta en alero de aluminio.

En balco: 1 m. dos muros en alero de alio Vetro, para este material.

um forte apreço pelo colega de geração e acredita que a arquitetura que apresenta é uma arquitetura consciente e que não segue uma visão experimentalista, mas sim atenta ao sítio, às pessoas e às suas necessidades. Nunca abdicando de uma poética que a torna original e criativa. “(...) em minha opinião – que não é, evidentemente, muito experimentada – estas obras constituem uma experiência ímpar na arquitectura moderna: a da continuidade entre a arquitetura e as outras artes plásticas, nomeadamente a escultura.”²⁹ Os espaços criados nas suas obras possuem uma grande sensibilidade e apelam à memória. Possuem expressões figurativas, normalmente associadas, em termos estéticos, ao pintor e ao escultor. Ou seja, “a arquitetura é uma arte capaz de figuração como qualquer outra – é aí que em última análise se fundamenta uma crítica ao academismo ou às especulações abstratas – e se esta verdade está esquecida entre os arquitectos é porque durante a fase polémica do movimento, foi identificada com o ornato e por aí se perdeu a continuidade”³⁰. As três obras que exhibe são a Moradia em Matosinhos, a Habitação Carneiro de Melo na Avenida da Boavista e o Centro de Assistência Paroquial de Matosinhos. Demonstram, segundo Nuno Portas, uma ausência de adesão a escolas formais, que combina com uma originalidade presente na utilização de gamas variadas de materiais, como o betão, as madeiras e o ferro e a procura de um linguagem comum, onde é notória a “preocupação de depuração de resíduos culturalistas alheios às necessidades reais das obras.”³¹

Uma vez identificado o problema, segundo Nuno Portas, e proposta uma solução justificada através da apresentação de três obras de um arquiteto que acredita contribuir perfeitamente como modelo, inicia uma nova observação baseada num conjunto de trabalhos de arquitetos de uma geração anterior. Não de forma a elevar Fernando Távora, mas sim a suscitar a reflexão e a discussão em torno da trajetória, da evolução e das dificuldades e contradições experienciadas pelo arquiteto, no artigo número 71 de julho de 1961, apresenta as suas obras e propõe algumas interpretações e significados destas no panorama arquitetónico em que foram projetadas.

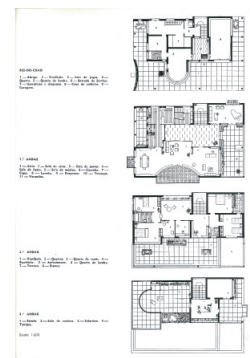
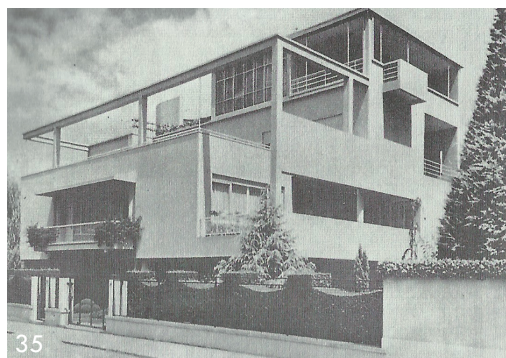
A Crítica de um dos Autores



34 | Mercado Municipal de Vila da Feira.
Fernando Távora.

Arquiteto da segunda geração de modernistas portugueses, desenvolve as suas ideologias arquitetónicas num ambiente de discussão e dúvida no meio. Para Nuno Portas é essencial conhecer os seus projetos, e como tal, apresenta aquilo que entende ser a base conceptual que os rege. Desde obras escritas como arquitetónicas, fazendo especial referência ao texto *Problema da Casa Portuguesa* onde prevalece uma certa polémica relativamente à questão do enraizamento, do carácter e da continuidade na Arquitetura. Da ausência de soluções para estes problemas surge a ideia defendida por Távora e exposta por Portas, de que a arquitetura da primeira geração de arquitetos modernos, consistia numa *falsa arquitetura*. A solução estaria na aplicação dos princípios do movimento moderno, na linha do pensamento dos CIAM. Aduz, no artigo, a uma ideia que identifica na base das obras de Távora: a necessidade de combater a mistificação, a ignorância e o conformismo. A solução estaria na simplificação, no radicalismo, no estudo do meio português e no estudo dos modos como os materiais que se empregam e satisfazem as necessidades do momento. É um arquiteto que assiste à crise do Movimento Moderno e participa nos congressos realizados na última década. É devido a esta crise, que Fernando Távora procura uma adequação da Arquitetura ao Homem e a Sociedade, levada quase ao limite. Para além de observar o autor em particular, considera-o igualmente inserido numa geração de arquitetos e numa época da Arquitetura Moderna Portuguesa admitindo a importância da sua dedicação e esforço de transformação, numa época atribulada, como a década de 40. “Parece-nos já possível dizer que a contribuição desta geração foi a de aproveitar as primeiras malhas lassas na frente antimoderna que tinha quebrado sempre a continuidade às tentativas de renovação precedentes (nomeadamente as imediatamente anteriores e mais consequentes, de um Viana de Lima e de um Keil do Amaral), para ensaiar uma renovação do vocabulário e das ideias em nome de uma modernidade.

Qual o conteúdo exato dessa modernidade, qual a relação exata entre as ideias (que se faziam chegar melhor, agora, aos jornais, revistas ou



mesmo, e em breve, às aulas) e as obras, poucas, que se iam fazendo ou atirando aos “júris” dos concursos, eis as questões que só a posteriori viriam a permitir uma resposta e até a distinguir as diferentes personalidades e vocações, a sua diferente influência e aceitação nasavas posteriores de jovens que chegaram à profissão.”³²

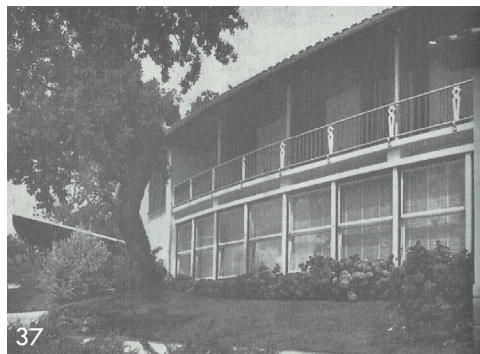
Colega de geração de Fernando Távora, Viana de Lima é igualmente alvo de ponderação para Nuno Portas. Um ano após o artigo sobre Fernando Távora, na revista número 74, impute especial atenção na Casa Unifamiliar, na Rua Honório de Lima, no Porto. Entende possuir um papel fundamental e de destaque na história do Movimento Moderno Português, devido às influências de um modernismo internacional, presentes numa “época de reação anticonformista que permitiu a execução de uma obra (...) sem compromissos impostos ou sugeridos e aceites.”³³. Aplica-lhe uma cuidadosa análise conceptual, formal e tipológica, e critica a monumentalidade, caracterizando-a como *à romana*, o estilo folclórico e o esforço ilusório de uma arquitetura sem qualquer tipo de calor humano, típica da época em que esta obra é projetada (anos 30 e 40), à qual se aplicou um correto profissionalismo de arquitetos como Pardal Monteiro e Cottinelli Telmo.

Faz referência não só à *Exposição do Mundo Português de 1940*, mas também ao *1º Congresso de Arquitectura de 1948*, apresentando um Keil do Amaral, arquiteto de transição entre as duas gerações, que influenciou a preparação de uma segunda geração para uma produção mais livre e da qual Viana de Lima fazia parte. Enumera influências do estilo descrito pela Carta de Atenas e aplicado por Corbusier, o que faz desta obra, segundo o autor, uma das primeiras obras modernas em Portugal, resultado de um *Esprit Nouveau* e da oposição a um método institucionalizado de forma a obter respostas adequadas aos contextos em questão. “Aliás, muito mais diversificada do que essas obras francesas do período dos anos 30, sente-se com toda a nitidez a vontade de integrar o conjunto, de recompor virtualmente o paralelepípedo que os vazios tinham aparentemente rompido. O uso constante do mesmo revestimento e cor acentua esta necessidade, que se poderia dizer intelectual, de unificar e que L. C. começara já por essa

35 | Moradia na Rua Honório de Lima, no Porto. Viana de Lima

36 | Revista *Arquitectura* nr.74, de Março de 1962. Artigo 1941 - Casa Unifamiliar, no Porto, na Rua Honório de Lima, p.30, 31 e 33.

A Crítica de um dos Autores



37 | Pousada da Hidroelétrica do Cávado, Venda Nova.
Januário Godinho.

altura a pôr em causa como o tratamento dos betões descofrados, etc.”³⁴

Retira, em suma, duas conclusões desta obra: a necessidade de atualização cultural e de questionar os princípios e métodos vigentes. Esta reflexão conduz, a cinco meses mais tarde, Nuno Portas a concluir, na revista número 76, que é praticamente ausente a informação relativa à arquitetura portuguesa no exterior. Este desenlace surge da publicação de uma obra escrita do historiador e fotógrafo de arquitetura Kidder Smith, *The New Architecture of Europe*, em que ocupando apenas cerca de três páginas, referencia a arquitetura portuguesa erradamente através de exemplos arquitetónicos que não são, no seu entender, os que melhor representam a arquitetura portuguesa moderna. Como tal, o panorama figurativo da arquitetura portuguesa não se encontrava minimamente representado nesta obra, tornando-se incompreensível a qualquer arquiteto português o desconhecimento de obras como as Pousadas nas Hidroelétricas do Cávado de Januário Godinho, o Mercado de Vila da Feira de Fernando Távora, a Igreja das Águas e o Bloco das Águas Livres de Nuno Teotónio Pereira e as Escolas Rurais em Bragança de Viana de Lima. A ignorância do trabalho português no exterior motiva ainda mais este crítico a apelar a uma arquitetura que se enquadrasse a uma outra que se fazia no exterior, permitindo ao país desenvolver-se não só em termos arquitetónicos, mas também em termos culturais. Nesse sentido, em dezembro de 1963, na revista número 80, continua a observação de obras de arquitetos da geração anterior, sendo neste caso o foco no Complexo Oficial e Comercial STET, de Artur Rosa. Para si, é objeto de bastante polémica que surge de diversas questões, que com uma visita mais pormenorizada à obra, algumas permanecem, pois realçam problemas de método e de forma, enquanto que outras desaparecem. Revela um programa com possíveis referências wrightianas, no momento do hall de entrada, devido ao tratamento do betão e da luz, e realça as características de índole industrial, com uma “expressão de ligeireza, adaptabilidade e nudez construtiva”³⁵.

Destaca também alguns aspetos que considera negativos, tais como “um



excesso de sugestões e de intenções”³⁶ e exhibe uma crítica relativamente à imaturidade deste grupo de arquitetos que pertencem a uma geração, “que trabalham numa procura de maior intencionalidade figurativa, sobrepondo muitas vezes aos receituários estilísticos (?) a análise desenvolvida das implicações que se põem em cada elemento do seu significado funcional e expressivo para só depois os precipitar formalmente.”³⁷ Por conseguinte, considera esta obra emblemática desta *Geração Resistente*, com uma atitude complexa de intensa procura pelo teor da arquitetura moderna portuguesa, imputando-lhe uma expressão excessivamente rebuscada que necessita de se adaptar às condicionantes locais e humanas e a uma economia de mercado.

Regressa a Siza Vieira, na revista número 88, de maio / junho de 1965, desta vez para analisar a Casa de Chá da Boa Nova, em Matosinhos, concluída em 1963. “É preciso dizer, no começo desta confrontação de impressões, que admito desde já a dificuldade de uma posição neutra ou rigorosamente independente acerca do trabalho de um companheiro de geração (revisionista lhe chamam, o que equivale a reconhecer que havia antes uns dogmáticos que viam a sua parte pelo todo da “arquitetura moderna”).”³⁸ Não se restringe apenas à observação da obra, mas também ao seu autor, ao enquadramento da Casa de Chá relativamente às restantes obras do arquiteto e à época em que foi projetada, proporcionando influências da geração de arquitetos dessa data. A Casa de Chá da Boa Nova possui uma posição central do ponto de vista da linguagem, visto que o espaço interior retoma os temas iniciados nas habitações em Matosinhos (revista número 68, de 1960), como a utilização da madeira, o tratamento poético da luz, a negação a quaisquer revivalismos ou ecletismos e a total liberdade de modelação das paredes e coberturas. Devido à execução de uma arquitetura autêntica e honesta, que expõe nitidamente o seu conceito sem ornatos nem artifícios, é nomeada de Brutalista pois “a ideia que organiza fica tão eficaz e nuamente expressa, que é gritada ou imposta ao entendimento, ao comportamento dos seus utilizadores – espectadores; onde a arquitetura é pensada como proposta ecológica rudemente técnica,

38 | Casa de Chá da Boa Nova, Matosinhos. Siza Vieira.

39 | Revista Arquitectura nr.88, de Mai / Jun de 1965. Artigo Casa de Chá da Boa Nova, p.97, 97 e 100.

A Crítica de um dos Autores



40 | Symposium de Castelldefels, Barcelona 1972. Da esquerda para a direita: Xavier Rubert de Ventós, Maria Luísa Scalvini, Helio Piñón, Oriol Bohigas e Nuno Portas.

exprimindo diretamente os valores do grupo humano (daí que termos como o “cluster” possam resumir em cheio esse centro de Matosinhos). A arquitectura julga-se, assim, primeiro pela força e qualidade da ideia – espaço, e só depois pelo estilo, depois pelo gosto.”³⁹ Elogia a integração do edifício no terreno, a maneira como os materiais são utilizados estrategicamente e a qualidade do ambiente que se vive nesta obra. A inovação no tratamento do espaço interior, proporciona a continuidade ao trabalho iniciado por Távora, no mercado de Vila da Feira e na Casa de Ofir, não em termos formais, mas relativamente à liberdade de expressão e à poética concedida pelas intencionalidades lumínicas e materiais. É, portanto, um perfeito exemplo de arquitetura portuguesa que conjugava o que tinha de excepcional das arquiteturas anteriores com uma atualidade internacional e cultural moderna.

Nuno Portas não se limita a observar as variantes internas, mas expande a sua análise considerando em simultâneo as variantes externas. Com isto pretende-se afirmar que o seu interesse alarga-se a um conhecimento internacional, impulsionado pelas diversas visitas que efetuou com Nuno Teotónio Pereira a Espanha, a Itália e à Escandinávia. Assim, desenvolve na *Revista Arquitectura*, para além dos artigos referidos, uma secção da revista intitulada de “Das Revistas Estrangeiras” onde periodicamente apresenta, de forma sintética e analítica, temas discutidos mundialmente, em localidades como França, Inglaterra, Itália, Alemanha e até a Grécia, com artigos de personalidades como Giancarlo de Carlo, James Stirling, Alvar Aalto, Hannes Meyes, entre outros. No número 65, de junho de 1959, nesta mesma secção da revista, faz uma breve referencia à polémica vivida em Itália, através de um artigo publicado no periódico britânico *Architectural Review*, nº747, de abril do mesmo ano, de Reyner Banham intitulado de *A Retirada Italiana da arquitetura Moderna*, que acarreta consigo uma forte polémica que consequentemente levou à publicação no editorial da revista italiana *Casabella*, uma resposta de Ernest Rogers, de nome *A Revolução da Arquitetura. Resposta ao Guardiã dos Frigoríficos*. Para Nuno Portas, a infeliz publicação de Banham “tece um violento e mal-informado

ataque ao setor dos arquitetos transalpinos que, por diferentes vias, retomam certos aspetos temáticos ou formais dos pioneiros do movimento moderno. As posições demasiado dogmáticas do crítico britânico não lhe permitem discernir as diferenças entre um Moretti ou um Ponti e um Figgini ou um Raineri. De passagem, o próprio Terragni, é aliás, arrumado como... académico. Este tipo de críticas de um ponto de vista com algo de impositorial como se o movimento moderno fosse qualquer coisa de estático, ou se alguém detivesse o segredo da sua integridade, servem sobretudo para agravar os equívocos.”⁴⁰

Mais tarde, a propósito de uma viagem a Barcelona, em 1960, com o intuito de conhecer as obras dos arquitetos catalães Coderch e Valls, surge o artigo de dezembro de 1961, na revista número 73, designado por *A obra de José A. Coderch e M. Valls Vergés*. O interesse pelo conhecimento das obras desta dupla emana da qualidade que estas possuem relativamente ao reconhecimento do estado da sociedade espanhola. Após a Guerra Civil Espanhola de 1939, o general Francisco Franco instaura um regime ditatorial, de caráter fascista, que prevalece até à sua morte em 1975. Tal como em Portugal e em Itália, o regime obriga a alterações na sociedade espanhola que, portanto, limitam o seu desenvolvimento artístico, cultural e arquitetónico. As suas obras possuem influências de Gaudí, de Lluís Domènech i Montaner e até mesmo do arquiteto catalão Josep Lluís Sert. As suas obras destacam-se, devido à forma como encaram os problemas da época. Revelam a “coerência e o progresso de um pensamento arquitectónico que se traduziu em obras de excecional arrojo senão de ineditismo.”⁴¹ Não possuem regras fixas, que vão repetindo à medida que vão desenvolvendo novos projetos, mas vão apresentando respostas às condicionantes que vão surgindo. Há, portanto, uma maior liberdade de conceção, obtendo respostas originais, “ainda que faça apelo a uma outra experiência do movimento moderno.”⁴² Possuem, também, algumas componentes italianas e o gosto pela tradição formal moderna europeia, relacionando um certo desapego pelas academias com um clara noção da realidade.

41 | Revista Arquitectura
nr.73, de Dezembro de
1961. Artigo Obras de
José A. Coderch e M. Valls
i Vèrges, p.11 a 14.

1. **Введение.** Введение в курс лекций. 2. **Основы теории вероятностей.** 3. **Основы теории статистики.** 4. **Основы теории математической статистики.** 5. **Основы теории математического анализа.** 6. **Основы теории дифференциального исчисления.** 7. **Основы теории интегрального исчисления.** 8. **Основы теории дифференциальных уравнений.** 9. **Основы теории интегральных уравнений.** 10. **Основы теории функционального анализа.** 11. **Основы теории банаховых пространств.** 12. **Основы теории гильбертовых пространств.** 13. **Основы теории операторов.** 14. **Основы теории банаховых алгебр.** 15. **Основы теории групп.** 16. **Основы теории колец.** 17. **Основы теории модулей.** 18. **Основы теории векторных пространств.** 19. **Основы теории тензорных произведений.** 20. **Основы теории алгебр Ли.** 21. **Основы теории алгебр Кэли.** 22. **Основы теории алгебр Гейзенберга.** 23. **Основы теории алгебр Вейля.** 24. **Основы теории алгебр Клиффорда.** 25. **Основы теории алгебр Дирака.** 26. **Основы теории алгебр Паули.** 27. **Основы теории алгебр Гамильтона.** 28. **Основы теории алгебр Кватернионов.** 29. **Основы теории алгебр Октав.** 30. **Основы теории алгебр Септенионов.** 31. **Основы теории алгебр Кокетона.** 32. **Основы теории алгебр Кокетона-Дирака.** 33. **Основы теории алгебр Кокетона-Паули.** 34. **Основы теории алгебр Кокетона-Гамильтона.** 35. **Основы теории алгебр Кокетона-Кватернионов.** 36. **Основы теории алгебр Кокетона-Октав.** 37. **Основы теории алгебр Кокетона-Септенионов.** 38. **Основы теории алгебр Кокетона-Кокетона.** 39. **Основы теории алгебр Кокетона-Дирака-Паули.** 40. **Основы теории алгебр Кокетона-Гамильтона-Кватернионов.** 41. **Основы теории алгебр Кокетона-Октав-Септенионов.** 42. **Основы теории алгебр Кокетона-Кокетона-Дирака.** 43. **Основы теории алгебр Кокетона-Дирака-Паули-Гамильтона.** 44. **Основы теории алгебр Кокетона-Гамильтона-Кватернионов-Октав.** 45. **Основы теории алгебр Кокетона-Октав-Септенионов-Кокетона.** 46. **Основы теории алгебр Кокетона-Кокетона-Дирака-Паули-Гамильтона-Кватернионов.** 47. **Основы теории алгебр Кокетона-Гамильтона-Кватернионов-Октав-Септенионов-Кокетона.** 48. **Основы теории алгебр Кокетона-Кокетона-Дирака-Паули-Гамильтона-Кватернионов-Октав.** 49. **Основы теории алгебр Кокетона-Гамильтона-Кватернионов-Октав-Септенионов-Кокетона-Кокетона.** 50. **Основы теории алгебр Кокетона-Кокетона-Дирака-Паули-Гамильтона-Кватернионов-Октав-Септенионов-Кокетона-Кокетона-Дирака.**

[illegible]

As suas obras demonstram, segundo o autor, uma liberdade de formas e organização clássica de planta, para além de um forte domínio dos materiais, que permitem estabelecer uma intrínseca relação entre a arquitetura e a paisagem, ou seja, o contexto onde se insere. Os seus projetos urbanísticos, de influências de Louis Kauder, utilizam o contraste entre grandes superfícies e grandes vazios e grandes eixos retos com ondulações. Como remate do artigo, Nuno Portas afirma que as suas obras “são peças de intensa meditação e maturação formal, onde não há atitude ou intenção que não esteja encarada – e é afinal aqui que intenções, teorias ou figurinos em moda caducam, e a arquitetura começa.”⁴³

Em 1965, Le Corbusier morre, o que conduz a atenção de Nuno Portas para republicar as suas notas sobre o impulsionador do Movimento Moderno Internacional, admitindo que no passado estas variavam entre uma certa admiração e um certo radicalismo crítico. O objetivo deste artigo consiste em referenciar um autor que teve um papel fundamental no Movimento Moderno e que merece especial atenção. Apresenta o percurso, os princípios, ideais e polémicas associadas a Corbusier e a maneira como este encarou o início da reforma do homem moderno. Concebeu uma nova arquitetura que lhe incutia esperança na resolução dos problemas que se viviam na época, mas também as imperfeições e contradições que, na fase de conceção deste artigo, ainda eram de difícil recuperação. Consequentemente, inicia um processo de simplificação e síntese, fomentando a realização de inúmeras propostas focadas na procura de soluções para os problemas que caracterizaram a crise na arquitetura.

Com as “unités”, Corbusier é acusado de motivar o coletivismo ou de destruir as bases das famílias, quando a sua intenção com este novo tipo de organização arquitetónica seria o de equilibrar o binómio individual/coletivo. Com isto, Nuno Portas atribui às obras de Corbusier um forte carácter social e com “objetivos sociais: deteção da necessidade / reflexão sobre os meios e a experiência disponível para a resolver / escolha e proposta de uma hipótese de solução / observação experimental do seu

42 | Revista Arquitectura
nr.89|90, de Dezembro de
1965. Artigo *Actualidade*
de Le Corbusier, p.141 a
144.

[illegible][illegible]

comportamento / incorporação dos resultados desta observação da nova formulação das necessidades e portanto nas futuras instalações”⁴⁴. Todos os seus esquemas contribuem para a atribuição de uma importância quase que obsessiva à Escala Humana, destacando, como tal, questões referentes ao Habitat, que facilmente dominam o discurso de Nuno Portas, no artigo apresentado sobre Corbusier. Através dos temas *Le Corbusier e o novo habitat* e *Le Corbusier, último período* demonstra o desenvolvimento e a maturação do arquiteto modernista ao longo da sua carreira, expondo não só o seu trabalho, mas também as reações que foram surgindo em consequência do mesmo. É mais um artigo em homenagem a Le Corbusier, destacando o seu trabalho e o seu papel impulsionador, do que propriamente um desenvolvimento da sua crítica ao Movimento Moderno Português.

Em 1967, entre os meses de março e agosto, escreve três artigos na *Revista Arquitectura* (números 96, 97 e 98) a propósito da sua visita a Tarragona para o Congresso de urbanismo e arquitetura. O tema principal consistiu no debate sobre a fronteira entre a Arquitetura e o Urbanismo, desafiando os arquitetos a projetar obras que integrem a cidade em oposição a ilhas que se descontextualizam por completo. “Limitações postas à planificação do território, crítica ao conceito de planos parciais, propostas de tipologias residenciais não convencionais com alcance de malhas urbanas; conteúdos sociais da vida urbana e forma do espaço urbano; formas abertas e formas fixistas à escala dos conjuntos ou dos edifícios; articulação residência – equipamentos; standardização conceptual e construtiva, foram alguns dos mais constantes aspectos postos na discussão a propósito dos projectos.”⁴⁵ Sentia-se a necessidade de ultrapassar limitações formais e culturais, levando a um produtivo debate com base em obras que se iam criando.

Após a participação no Congresso, revisita algumas cidades espanholas, destacando novamente a sua arquitetura moderna, que tanto admirava pela sua maturidade. Exemplifica-a através do conjunto Habitacional Juan XXIII, em Madrid e o conjunto La Ronda Guinardo, em Barcelona. O primeiro demonstra uma consciência das principais componentes do desenho

A Crítica de um dos Autores

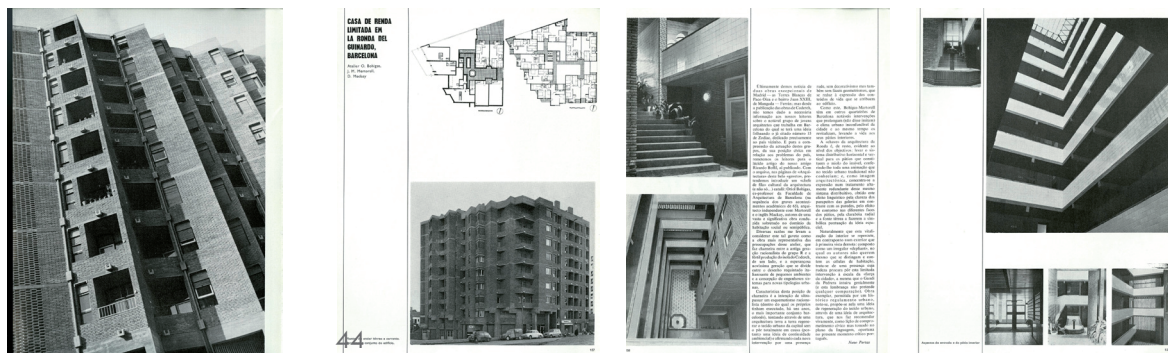
43 | Revista Arquitectura nr.97, de Mai / Jun de 1967. Artigo *Conjunto Habitacional Juan XXIII*, p.109 a 110.



urbano e o segundo representa o momento de transição entre a geração racionalista e a de uma novíssima geração de arquitetos espanhóis de “desenho requintado italianisante de pequenos ambientes e a conceção de engenhosos sistemas para novas tipologias urbanas.”⁴⁶ Obra de Bohigas, Matorell e Mackay, inova nos sistemas distributivos, alterando os típicos acessos horizontais, para verticais, que se relacionam com os pátios, situados no interior do imóvel. “(...) propõe-se nela uma ideia de regeneração do tecido urbano, através de uma ideia de arquitetura, que nos faz recomendar vivamente, como lição de comprometimento cívico mas tomado no plano da linguagem, oportuna no presente momento crítico português.”⁴⁷

No seguimento, publica na revista número 107, de janeiro / fevereiro de 1969, um artigo em parceria com Rafael Moneo, sobre a Escola de Barcelona. Elogia os arquitetos espanhóis, devido aos *historicismos* presentes na obras criadas ao longo dos anos 60. Não dos revivalismos, mas da consciência histórica dos erros cometidos anteriormente, por arquitetos que acreditavam que, alterando a arquitetura, seria possível mudar o mundo. A sua experiência é determinada por uma linguagem que proporciona maior atenção aos pormenores mais simples, tornando-a comum e erudita. No entanto, nunca se esquecendo que o desenvolvimento da mesma é coletivo e não privado de um atelier de arquitetos.

Coincidente com os artigos referidos anteriormente, Nuno Portas escreve também outros onde introduz algumas hipóteses de solução para os problemas que vai observando. Não produz apenas uma crítica reflexiva, mas procura aplicar as suas conclusões e conjeturas em trabalhos escritos, como as obras teóricas *Arquitetura para Hoje*, de 1964, *A Cidade como Arquitetura*, de 1969, e a primeira versão da monografia sobre a *Habitação Evolutiva*, com Silva Dias, em 1971, publicando uma segunda versão no número 126 da *Revista Arquitectura*, em 1972. Na segunda obra escrita referida, Nuno Portas distanciava-se “quer do Movimento Moderno, quer da tendencial sobrevalorização das linguagens e autorias, propondo inauguralmente uma qualificada arquitetura de *série* numa cidade democrática.”⁴⁸



Tendo em conta as diversas hipóteses que vai alistando, procura experimentá-las em projetos de arquitetura que vai desenvolvendo no “atelier Teotónio Pereira”, como a Habitação na Praia das Maças (1958 – 1959), a Moradia em Vila Viçosa (1959 – 1963), a Habitação em Sesimbra (1959 – 1964) e os Olivais, projeto urbano com estudo prévio de 1957 e primeira fase do projeto de 1959 a 1967. Desenvolver uma “metodologia assente no encontro problemático das relações entre a dimensão cívica e a escala urbana de facto arquitetónica, prolongando e confirmando uma prática crítica que vinha já desde os anos 50. O rigor experimental baseado numa prática artesanal permitiu-lhe desenvolver uma linguagem pessoal, que aliada à atividade cultural e ao trabalho aberto de equipa, contribuiu para o aprofundamento da investigação formal.”⁴⁹

44 | Revista Arquitectura nr.98, de Jul / Ago de 1967. Artigo Conjunto La Ronda Guinardo, p.157 a 159.

Seguindo uma lógica projectual análoga a uma metodologia científica, como teorizado inicialmente neste capítulo, verifica-se que todas as suposições e temas de discussão do autor, que se encontram publicadas na Revista Arquitectura, permitem identificar *Hipóteses* que surgem das *Observações* das variantes internas e externas, ou seja, do Movimento Moderno Português e Internacional da primeira metade do século XX, e *Experimentações* das *Hipóteses* colocadas.

Hipóteses

Muitos dos artigos que escreve com o intuito de propor recursos aos equívocos presentes na arquitetura moderna da primeira metade do século XX, baseiam-se nos problemas da Habitação e dos seus sistemas distributivos, ou seja, dos seus programas. Escreve pela primeira vez na *Revista Arquitectura* sobre este tópico, no número 64, de janeiro / fevereiro de 1959, precisamente numa fase em que se debate este tema nas revistas estrangeiras. Na secção *Das Revistas Estrangeiras* enumera diversos artigos onde o tema focal é justamente os problemas da habitação moderna. Exemplo disso são o *Inquérito de etnologia e sociologia do habitat* publicado na Revista Cahier du CST du Bâtiment número 282, o artigo sobre

A Crítica de um dos Autores

45 | Revista Arquitectura nr.64, de Jan / Fev de 1959. Artigo *Conceito de Casa Pátio como célula social*, p.32.



Aspetos sociais do Habitat no periódico *Informations Sociales*, de janeiro de 1958, o artigo *Problemas da Casa* na revista *L'Architecture Française* número 185-6 e o artigo escrito pelo arquiteto K. Gutschow, na revista alemã *Deutsche Bauzeitschrift*, números 3, 6 e 9 de 1958 sobre o *Wohnen* (Habitat). Neste último artigo, o autor elabora uma síntese de dificuldades existentes ao projetar a habitação social, exemplificando com obras atuais e através de esquemas gráficos e didáticos de imediato entendimento. Foi esta a divisa que impulsionou o artigo de Nuno Portas, onde apresenta uma discussão em torno do aparecimento, na primeira etapa do movimento moderno, de duas concepções sobre o conceito de habitar: a casa unifamiliar e a unidade de habitação vertical concentrada, sendo esta última uma grande organização coletiva. Identifica uma contradição entre o *pessoal* e o *coletivo*, instigado pela Revolução Industrial que considera necessário contemplar os “problemas postos por uma civilização do trabalho com toda a sua irrecusável solicitação ideológica – social e a encontrar formas do habitat popular, capazes de responder com realismo à situação cancerosa das cidades”⁵⁰. Para os projetistas, a habitação unifamiliar permitia uma maior liberdade programática e a possibilidade de manipulação tanto do interior como do exterior, enquanto que na habitação coletiva os espaços interiores eram condicionados pelos exteriores.

A preocupação projetada por Nuno Portas neste artigo centra-se na tentativa de obter uma resposta para esta civilização industrial, o que levou os arquitetos a desenvolverem planos radicais de “pré-fabricação e modulação de que o conforto habitacional não saiu sempre ileso.”⁵¹ Assim sendo, o maior tributo do movimento moderno do pós-guerra, na área da Habitação Social, foi o da célula em altura, em antagonismo com a casa unifamiliar. Assim, devido à necessidade de ampliar um vocabulário e uma temática da casa, surge um novo conceito, o da “exploração da célula central introvertida e diretamente comunicante com a Natureza.”⁵² A principal característica é a *introversão* e o seu modo de organização é central com base principal na presença da natureza. Surge, então, com este novo conceito, a ideia de uma casa em pátio que serve também como elemento



organizador de estruturas urbanas. A esta nova tipologia é conferida uma dimensão social que permite o encontro de fortes solicitações na vida e nas relações entre as várias classes sociais/populares, assumindo uma “moderna consciência do viver em comum.”⁵³ São consideradas conquistas da arquitetura do pós-guerra. Faz referência a projetos de Sert e Wiener, do grupo Atbat, que tentam utilizar o conceito de casa em pátio em agrupamentos em altura, constituído por Woods, Candilis, entre outros, e Adalberto Libera. No entanto, o problema subsiste e para tal é necessário perceber comportamentos, possibilidades de determinada forma de agrupamento e de unidade de vizinhança, para posteriormente aliá-las a um critério formal, que diferenciar-se-á tal como a malha de um desenho urbano de cidade homogénea, ou com diferenciações impelidas pelo conjunto dos diferentes conceitos de agrupamentos sociais, que promovem excelentes exemplos de um novo vocabulário do habitat moderno.

A década, que este artigo introduz, caracteriza-se por um grande incremento de empreendimentos imobiliários e turísticos, que implicam exponenciais transformações do território, acompanhados por uma explosão de construções suburbanas. Existe uma internacionalização da cidade provocada pelos grandes edifícios de serviços, que por sua vez motivam os arquitetos da época a dedicar grande parte da sua atenção a questões relacionadas com o planeamento do território e, deste modo, executam os Planos de Ordenamento. No entanto, são reduzidos a meros instrumentos burocráticos pelo Regime, que, embora nesta década já se encontre mais debilitado, ainda dificulta o desenvolvimento do planeamento urbano. Durante a primeira metade da década a preocupação centra-se na habitação social e no urbanismo, com a realização dos planos de Olivais Sul e de Chelas em Lisboa, e da Pasteleira no Porto⁵⁴.

É precisamente sobre o Conjunto Habitacional da Pasteleira que Nuno Portas, em colaboração com Bartolomeu Costa Cabral, escreve o artigo denominado por *Uma realização da Câmara do Porto*, na revista número 69 de novembro / dezembro de 1960, aquando do I Colóquio sobre os

46 | Revista Arquitectura nr.64, de Jan / Fev de 1959. Artigo *Conceito de Casa Pátio como célula social*, p.33 a 34.

47 | Olivais Sul, de V. Figueiredo, V. Lobo, B. Costa Cabral e Nuno Portas.

A Crítica de um dos Autores

48 | Revista Arquitectura nr.69, de Nov / Dez de 1960. Artigo Uma Realização da Câmara Municipal do Porto, p.31 a 34.

*Uma Realização da Câmara Municipal do Porto
e a primeira fase da unidade habitacional
na cidade de 1960*

NR 69

O NOVO CONJUNTO HABITACIONAL DA PASTELEIRA

Câmara Municipal do Porto

NOTAS EM TORNO DAS REALIZAÇÕES PORTUESES

Arq. Bartolomeu Costa Cabral
Lisboa, Portugal

O valor das realizações da C. M. P. justifica, por si só, a sua inclusão, a dimensão relativamente pouco conhecida que estas iniciativas de Arquitectura se faz.

A grande maioria das realizações habitacionais que se tem efectuado nesse país, nos dois últimos decénios, é considerada por aqueles que se ocupam de habitação, como sendo de natureza puramente técnica, e não de natureza social. A grande maioria das realizações habitacionais que se tem efectuado nesse país, nos dois últimos decénios, é considerada por aqueles que se ocupam de habitação, como sendo de natureza puramente técnica, e não de natureza social.

Os primeiros projectos de habitação social, em Portugal, foram realizados em 1930, no âmbito do plano de habitação social, elaborado pelo então ministro da Habitação, Sr. João de Deus. Este plano previa a construção de 10.000 unidades habitacionais, a serem distribuídas por todo o país.

Os primeiros projectos de habitação social, em Portugal, foram realizados em 1930, no âmbito do plano de habitação social, elaborado pelo então ministro da Habitação, Sr. João de Deus. Este plano previa a construção de 10.000 unidades habitacionais, a serem distribuídas por todo o país.

Os primeiros projectos de habitação social, em Portugal, foram realizados em 1930, no âmbito do plano de habitação social, elaborado pelo então ministro da Habitação, Sr. João de Deus. Este plano previa a construção de 10.000 unidades habitacionais, a serem distribuídas por todo o país.

*Realização do conjunto da Pasteira, no âmbito do Porto
construído e executado pela Câmara Municipal do Porto
e a primeira fase da unidade habitacional
na cidade de 1960*

NR 69

A POLITICA HABITACIONAL DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO E O PROBLEMA DAS HABITAÇÕES

Com a entrada em vigor da Decisão nº 10.000 de 28 de Maio de 1955, aprovada pela Câmara Municipal do Porto, iniciou-se o movimento de habitação social na cidade do Porto. Este movimento teve como objectivo a construção de 10.000 unidades habitacionais, a serem distribuídas por todo o país.

Com a entrada em vigor da Decisão nº 10.000 de 28 de Maio de 1955, aprovada pela Câmara Municipal do Porto, iniciou-se o movimento de habitação social na cidade do Porto. Este movimento teve como objectivo a construção de 10.000 unidades habitacionais, a serem distribuídas por todo o país.

Com a entrada em vigor da Decisão nº 10.000 de 28 de Maio de 1955, aprovada pela Câmara Municipal do Porto, iniciou-se o movimento de habitação social na cidade do Porto. Este movimento teve como objectivo a construção de 10.000 unidades habitacionais, a serem distribuídas por todo o país.

Uma primeira realização do regime de habitação social na cidade de 1960, no âmbito do plano de habitação social, elaborado pelo então ministro da Habitação, Sr. João de Deus. Este plano previa a construção de 10.000 unidades habitacionais, a serem distribuídas por todo o país.

NR 69

UMA PRIMEIRA REALIZAÇÃO DO REGIME DE HABITAÇÃO SOCIAL NA CIDADE DE 1960

Uma primeira realização do regime de habitação social na cidade de 1960, no âmbito do plano de habitação social, elaborado pelo então ministro da Habitação, Sr. João de Deus. Este plano previa a construção de 10.000 unidades habitacionais, a serem distribuídas por todo o país.

Uma primeira realização do regime de habitação social na cidade de 1960, no âmbito do plano de habitação social, elaborado pelo então ministro da Habitação, Sr. João de Deus. Este plano previa a construção de 10.000 unidades habitacionais, a serem distribuídas por todo o país.

Uma primeira realização do regime de habitação social na cidade de 1960, no âmbito do plano de habitação social, elaborado pelo então ministro da Habitação, Sr. João de Deus. Este plano previa a construção de 10.000 unidades habitacionais, a serem distribuídas por todo o país.

Uma primeira realização do regime de habitação social na cidade de 1960, no âmbito do plano de habitação social, elaborado pelo então ministro da Habitação, Sr. João de Deus. Este plano previa a construção de 10.000 unidades habitacionais, a serem distribuídas por todo o país.

NR 69

UMA PRIMEIRA REALIZAÇÃO DO REGIME DE HABITAÇÃO SOCIAL NA CIDADE DE 1960

Uma primeira realização do regime de habitação social na cidade de 1960, no âmbito do plano de habitação social, elaborado pelo então ministro da Habitação, Sr. João de Deus. Este plano previa a construção de 10.000 unidades habitacionais, a serem distribuídas por todo o país.

Uma primeira realização do regime de habitação social na cidade de 1960, no âmbito do plano de habitação social, elaborado pelo então ministro da Habitação, Sr. João de Deus. Este plano previa a construção de 10.000 unidades habitacionais, a serem distribuídas por todo o país.

Uma primeira realização do regime de habitação social na cidade de 1960, no âmbito do plano de habitação social, elaborado pelo então ministro da Habitação, Sr. João de Deus. Este plano previa a construção de 10.000 unidades habitacionais, a serem distribuídas por todo o país.

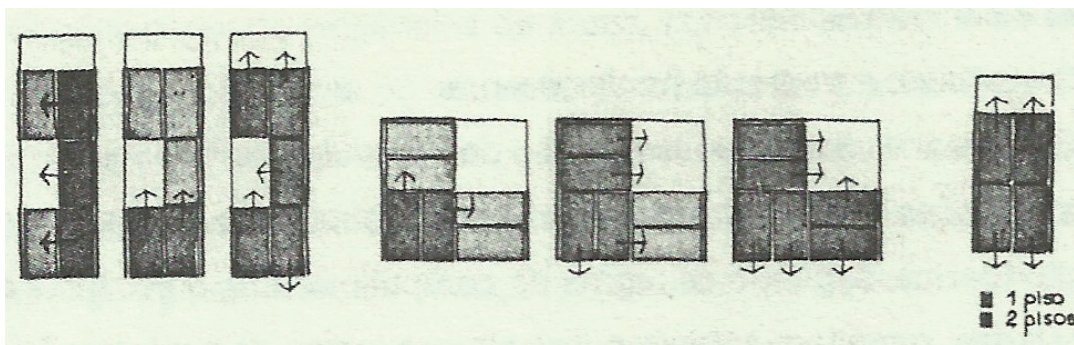
Problemas da Habitação. Inicialmente, é introduzida uma crítica ao facto das realizações habitacionais da época do artigo serem na sua grande maioria pequenos agrupamentos isolados, “desarticulados de planificação (...) e desarticulados entre si.”⁵⁵ Porém, o conjunto aqui exposto, para além de apresentar também estas condicionantes, destaca-se pelo volume da obra e pelas inovações urbanísticas que introduz, principalmente “pelo corajoso programa administrativo e financeiro que a câmara portuense conseguiu angariar e efetivar.”⁵⁶ Assim sendo, a função destes conjuntos habitacionais consiste em alojar famílias provenientes de *ilhas*, com rendas modestas que em casos especiais e pormenorizadamente estudados poderiam ser suprimidas, e encontravam-se implantados na cidade e não segregados, aprovisionados com todos os equipamentos necessários para uma melhor adaptação, de forma a evitar dificuldades iniciais.

Embora este conjunto introduza e responda a determinados aspetos urbanísticos importantes, existem certas condicionantes que necessitam ainda de ser ultrapassadas, tal como a necessidade de “uma legislação radical de expropriação que garanta as reservas necessárias à expansão urbana sem onerar com o lucro de minorias as casas de que necessitam as maiorias.”⁵⁷ Para isso, demonstram o seu apreço pela organização de cooperativas que certifiquem um estudo mais livre e adequado das tipologias habitacionais e dos dispositivos de ressarcimento das rendas. O carácter social da questão é fundamental não só para Nuno Portas, mas para esta terceira geração de arquitetos, despertando mais atenção para questões como a segregação social. Nesta obra, a segregação social é verificada através da divisão da unidade de habitação em duas partes: a *célula norte*, camarária, e a *célula sul*, destinada a classes mais remediadas. É proposta uma solução para este problema, que não consiste na promiscuidade tipológica, mas sim numa intervenção de outras entidades que poderão contribuir para a diminuição da nítida oposição aqui presente. “Um projeto é sempre, em última análise, uma conceção figurativa de expressão pessoal e sobretudo da cultura comum e as camadas mais necessitadas não podem ser defraudadas, sob pretexto nenhum, dessa qualificação;

A Crítica de um dos Autores

o que não conduz, necessariamente à subestimação do condicionalismo da habitação (objetivos psicossociais, métodos de investigação económica, seriação, etc.) ou a uma anarquia de soluções igualmente perigosas.”⁵⁸ De-teta o problema – ausência de equilíbrio entre o projeto oficial económico e as encomendas individuais – e propõe uma solução – um alargamento dos quadros de repartições onde fosse dada uma maior liberdade e expressão pessoal e a tentativa de coordenação dos projetistas independentes. Para os autores deste artigo, o Conjunto Habitacional da Pasteleira é excessivamente rígido, quer pelos condicionantes, quer pelo método utilizado, sendo novamente reportada a questão social, como elemento essencial a considerar no planeamento urbanístico. Desta forma, julgam necessária a obtenção de um método de planeamento urbanístico, tendo em conta as considerações económicas sociais, que por sua vez terão influências, passando para uma escala mais próxima, nas questões tipológicas. Utiliza as características base, em planta, de obras já executadas pela Câmara Municipal do Porto. No entanto, introduz algumas alterações no tratamento dos espaços da habitação, como por exemplo na caracterização do logradouro exterior. Contudo, é deficiente na caracterização dos espaços interiores e apresenta dificuldades em atribuir-lhes a escala e a proporção mais adequada. “Estas considerações levam-nos ao que constitui, porventura, a questão central da dificuldade em chegar a um plano que satisfaça às necessidades mais vitais: a já repisada noção de área mínima.”⁵⁹

Imediatamente a seguir ao artigo sobre o Conjunto Habitacional da Pasteleira, ainda na revista número 69, é incluído um outro, elaborado apenas por Nuno Portas, sobre questões tipológicas, mais especificamente sobre o organismo distributivo das Habitações. As distribuições e a sua organização formam um objeto de caracterização espacial e simbólica, psicológica e social. Referencia autores como Franco Albini, que desenvolveu diversas teorias relativamente ao dispositivo arquitetónico *Escada* nas obras de Colognola e Vialba e Giuseppe Vaccaro, pois utilizou esquemas semelhantes aos de Albini, mas com escalas superiores. Baseia a sua reflexão na



questão das galerias distributivas e na experiência dos espaços exteriores por parte das donas de casa e das crianças, promovendo e intensificando as relações humanas e produtivas do Habitat.

49 | Esquemas de relações interiores. Estudos para habitação mínima.

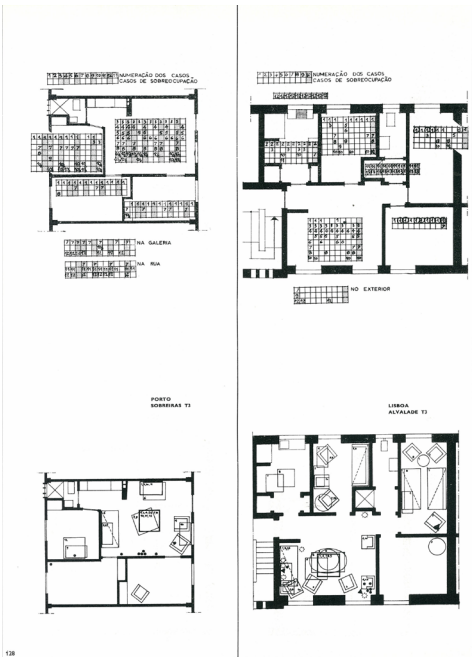
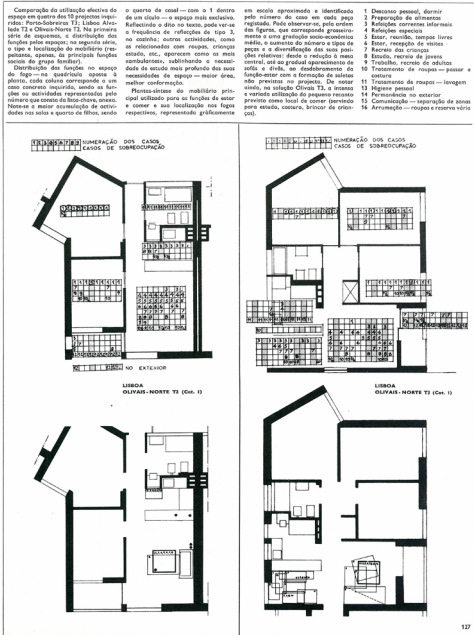
Como sucessão a este artigo sobre o Bairro da Pasteleira, Nuno Portas, para entender como é que as vivências e os domínios dos espaços de habitar funcionam e como é que influenciam as conceções tipológicas na arquitetura, expõe um estudo teórico acompanhado por esquemas numéricos e gráficos relativo ao *Desenho e Apropriação do Espaço na Habitação*. Este, publicado na revista número 103 de maio / junho de 1968, apresenta uma cuidadosa análise das funções e proporções das diversas divisões da habitação, tendo em consideração que estas se foram alterando desde o início do século até então. Estabelece um método de análise dos *domínios do habitar*, que deverá ter em consideração o tipo de averiguação, as necessidades sociais associadas às funções dos espaços e o tipo de comportamentos aplicados a cada área da habitação. É essencial para compreender o comportamento do homem em relação às diversas tipologias, como é que estes influenciam a organização espacial da tipologia, e a própria organização influencia os diversos comportamentos do homem. É o reflexo de uma cultura e da própria evolução da mesma. As alterações do papel da mulher estão marcadas na organização do fogo, tal como “as novas formas de equilíbrio entre a privacidade e a vida de relação dos grupos, quer no interior da família, quer à escala da vizinhança.”⁶⁰

São apresentados esquemas em planta, com quadrículas numeradas, representantes das diversas funções que cada espaço possui. Depreendeu deste estudo que um espaço pode ser utilizado para diversas funções por um utente e, devido a esse fenómeno, determinadas divisões ganham mais espaço e outras diminuem. É o caso da sala de estar e da cozinha, em que o primeiro aumenta de dimensões e o segundo diminui.

Os esquemas são descritos, apenas nas funções que denotam uma maior evolução, tais como os espaços das refeições, os espaços domésticos e os de reunião da família. Os jovens são um tema também de destaque, visto

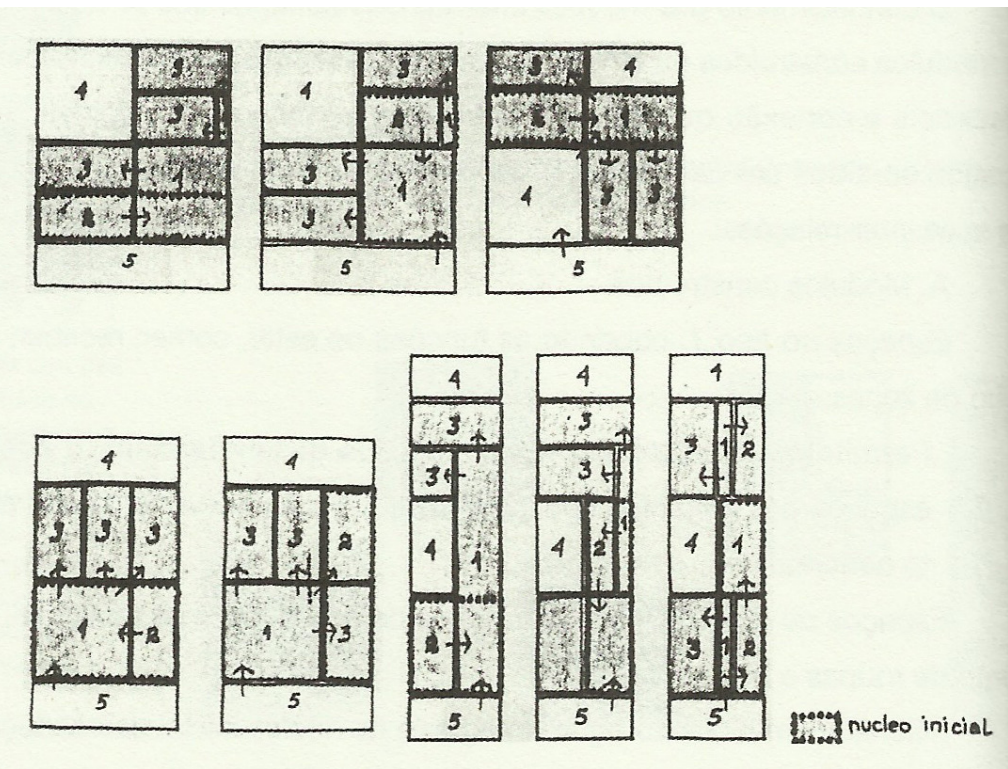
A Crítica de um dos Autores

50 | Revista Arquitectura nr.103, de Mai / Jun de 1968. Artigo *Desenho e Apropriação do Espaço de Habitação*, p.127 a 128.



51 | Possíveis esquemas de organização interna dos três grupos de lotes considerados: quadrado, médio e estreito.

1. zona de estar, comer, receber;
2. zonas de preparação de refeições, tratamento de roupas e higiene pessoal;
3. zonas de dormir, descanso pessoal e actividade particular de recreio, estudo e trabalho;
4. zona de permanência e de secagem de roupa;
5. zonas ao ar livre, públicas ou semipúblicas cobrindo funções de acesso e convívio vicinal.



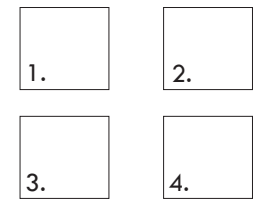
que a evolução do seu comportamento também trará alterações espaciais que afetam o quarto e a sala. Refere também a questão da separação das funções, as relações de vizinhança, justifica a presença da representação do mobiliário nas plantas e das influências que estes possam ter no estudo das tipologias. Finalmente, os instrumentos de aplicação da informação de estudos experimentais. “A casa deve ser um terreno de apropriação muito menos prescritivo do que aquele a que se está habituado. O que não quer dizer que se possa passar sem o conhecimento sociológico do habitar mas que, pelo contrário, se devem ter em conta, ao nível do design arquitectónico, toda a ambiguidade e diversidade dos comportamentos reais.”⁶¹

Esta análise suscita, em 1969, a realização do estudo sobre a *Habitação Evolutiva*, que Nuno Portas desenvolve juntamente com Francisco Silva Dias, tendo sido editado sob forma de relatório do LNEC (Laboratório Nacional de Engenharia Civil) em 1971, e publicado na *Revista Arquitectura*, no número 126, de outubro de 1972. Numa das últimas participações do crítico na *Revista Arquitectura*, apresenta uma continuidade do estudo da apropriação do espaço da habitação, “na medida em que introduzem a noção de processo, ou o factor tempo, nas estruturas físicas do habitat.”⁶² O objetivo deste documento foi, portanto, o de criar formas alternativas às correntes dos bairros de blocos habitacionais, de financiamento e iniciativa pública, aconselhando possíveis características para a estruturação de um programa habitacional. Dotando os arquitetos e técnicos de informações essenciais construtivas e de organização das diversas áreas conjugadas com as respetivas funções, permitia a realização de uma experimentação com o intuito de avaliar as diversas possibilidades. Ou seja, pretendia-se com este estudo, criar sistemas baseados “em regras simples de projecto e execução, capaz de assegurar uma *primeira fase de instalação*”⁶³, sem nunca perder o ambiente familiar e acompanhando o progresso sociocultural dos habitantes.

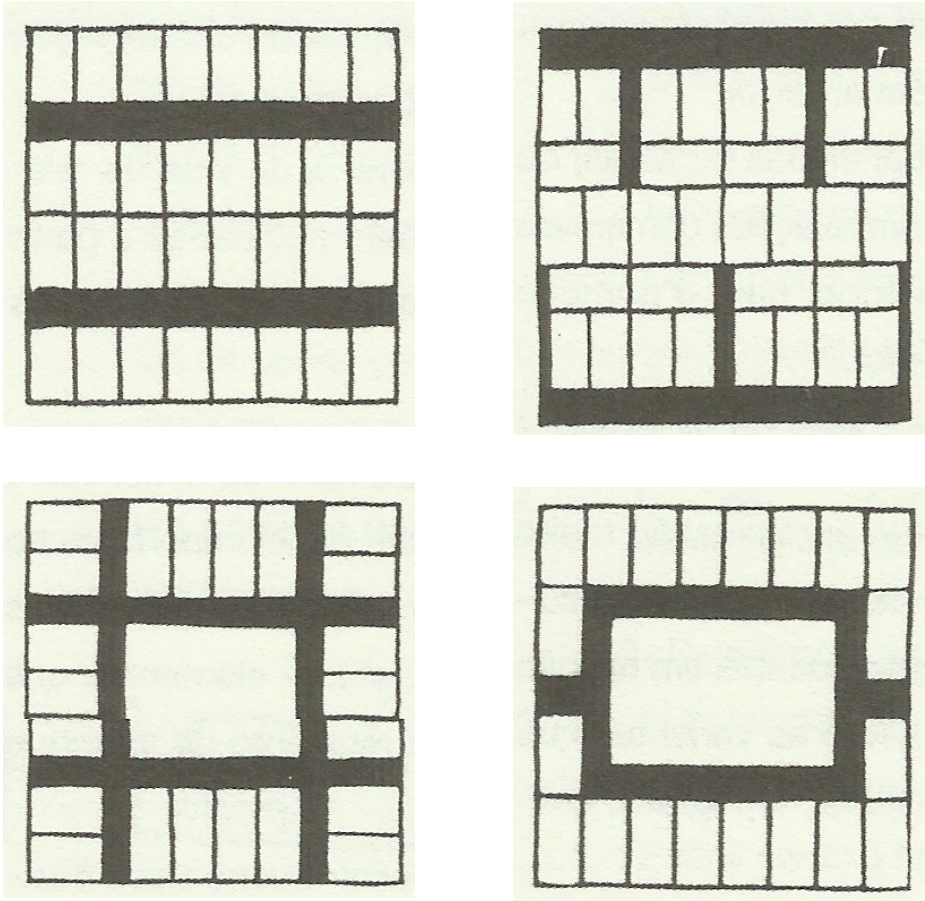
Este guião preocupa-se com questões económicas, sociais e culturais, com a integração urbanística, com materiais e técnicas construtivas adequadas,

A Crítica de um dos Autores

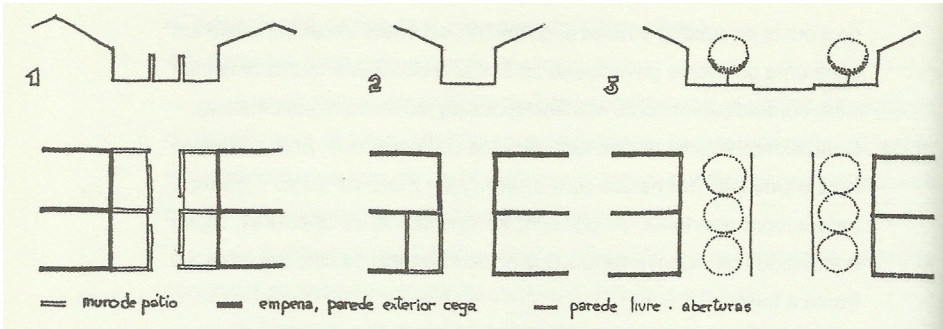
52 | Organização dos Lotes.



- 1. Tipo I
- 2. Tipo II
- 3. Tipo III
- 4. Tipo IV



53 | Possíveis relações entre habitação e espaço público.



com formas de ocupação do solo, com a organização e hierarquia dos espaços internos das habitações, e conjugações entre si, e com a transformação que estes poderão sofrer, como consequência da evolução da época e do homem. Propõe organizações interiores de fogos, classificando-os dependendo se o lote é estreito, médio ou quadrado, e as várias possibilidades de associação dos espaços. Estas observações são expressas em esquemas gráficos, apresentando para cada tipo de lote cerca de seis possíveis hipóteses de estruturas e conexões entre as áreas constituintes do fogo. Verificadas estas hipóteses, enveredam por um estudo a uma escala urbana, agora verificando como funcionam os lotes entre si e, enumerando quatro tipos de organização, introduzindo as vantagens e desvantagens de cada um:

Tipo I – A *Rua* é definida por fachadas contínuas, produzindo um efeito de espaço – canal.

Tipo II – Com o objetivo de possibilitar um aumento de profundidade do quarteirão associa-se a rua ao beco, criando momentos de respiro na contínua linha de fachadas.

Tipo III – Introdução de vazios na malha urbana, correspondente à interseção de ruas, criando *Praças* ou *Núcleos* com funções distributivas e organizacionais da malha.

Tipo IV – obtenção de *Largos* através de alargamentos da Rua, possibilitando uma melhoria da monótona continuidade do espaço – corredor e um ambiente comunitário relacionado com a utilização dos equipamentos que o poderão integrar.

Rico em gráficos e esquemas que relacionam equipamentos com necessidades habitacionais, níveis de ocupação dos lotes e correspondentes áreas, índices de densidade de utilização e ocupação, evolução dos rendimentos familiares, formas de agrupamentos relacionando a densidade do efetivo com números de pisos e relações entre funções dos espaços habitacionais com exigências e prioridades de utilização, é concluído com alguns exemplos estrangeiros, como o projeto de M. Azaguy, em Marrocos

A Crítica de um dos Autores

com solução em lote estreito, o estudo de Connie Byron, da Universidade de Edimburgo sobre casas pátio e a associação de fogos em “L”, em Newcastle – upon Tyne de Housing Architect, City & County. É, portanto, um insólito trabalho analítico que reflete precisamente as intenções e hipóteses que vão sugerindo ao longo dos diversos artigos que publica na *Revista Arquitectura*.

Paralelamente à sua produção científica, Nuno Portas desenvolve uma atividade de projetista, que lhe permite materializar alguns dos princípios conceptuais que enuncia nos seus textos críticos. Pretende, desta forma, verificar as soluções que propõe exercendo uma “autocrítica”, que lhe permite concluir se as suas conjeturas são verosímeis ou não. Assim, com o ponto seguinte, *Experimentações*, apresentam-se os artigos e as obras onde infere este tipo de crítica. Destaca a Casa Dr. Barata dos Santos em Vila Viçosa, a Casa Metelo na Praia das Maças em Sintra, a Casa Brás de Oliveira em Sesimbra, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa, Olivais Norte e o Plano para o Restelo também em Lisboa. Exclui-se desta análise o plano e os projetos para a Célula C dos Olivais Sul, que Nuno Portas desenvolve com Bartolomeu Costa Cabral, pelo fato deste trabalho nunca ter sido objeto de uma “autocrítica” do autor, na *Revista Arquitectura*.

A Crítica de um dos Autores

Notas

²² Tostões, Ana. *Arquitetura Moderna Portuguesa 1920 – 1970*. Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), em parceria com Ministério da Cultura, Lisboa, 2004.

²³ Zevi, Bruno. *Revista Arquitetura* nº59, julho de 1957, p. 23, linhas 20 a 22.

²⁴ Portas, Nuno. *Evolução da Arquitetura Moderna em Portugal*, in *A Arquitetura para Hoje*, Livros Horizontes, Lisboa 2008. p.207 linhas 38 a 41.

²⁵ Portas, Nuno. *Atelier Nuno Teotónio Pereira. Um Testemunho, também pessoal*. In *Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira*, organizado pela Ordem dos Arquitetos, em parceria com o Ministério da Cultura e o Instituto Português do Património Arquitetónico. Quimera Edições, outubro 2004, p.52 linhas 30 a 36, p. 53 linhas 1 e 2.

²⁶ Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº66, novembro / dezembro de 1959, p. 13, linha 9.

²⁷ Portas, Nuno. *Evolução da Arquitetura Moderna em Portugal*, in *A Arquitetura para Hoje*, Livros Horizontes, Lisboa 2008. p.207 linhas 29 a 31.

²⁸ Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº66, novembro / dezembro de 1959, p. 14, linhas 51 a 55.

²⁹ Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº68, julho de 1960, p. 13, linhas 25 a 29.

³⁰ Portas, Nuno. *Op. cit.*, p. 14, linhas 12 a 18.

³¹ Portas, Nuno. *Op. cit.*, p. 19, linhas 2 a 4.

³² Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº71, julho de 1961, p. 11, linhas 14 a 22.

³³ Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº74, março de 1962, p. 30, linhas 24 a 27.

³⁴ Portas, Nuno. *Op. cit.*, p. 35, linhas 54 a 61.

³⁵ Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº80, dezembro de 1963, p. 15, linhas 18 e 19.

³⁶ Portas, Nuno. *Op. cit.*, p. 22, linha 6.

³⁷ Portas, Nuno. *Op. cit.*, p. 22, linhas 73 a 78.

³⁸ Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº88, maio / junho de 1965, p. 97, linhas 1 a 10.

³⁹ Portas, Nuno. *Op. cit.*, de p. 97 linha 77 a p.98 linha 5.

⁴⁰ Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº65, junho de 1959, p. 54, linhas 99 a 111.

⁴¹ Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº73, dezembro de 1961, p. 22, linhas 65 a 67.

⁴² Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº73, dezembro de 1961, p. 22, linhas 85 a 86.

⁴³ Portas, Nuno. *Op. cit.*, p. 23, linhas 109 a 113.

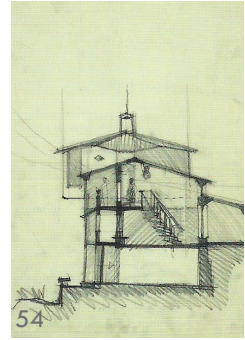
⁴⁴ Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº89 | 90, dezembro de 1965, p. 143, linhas 33 a 42.

⁴⁵ Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº96, março / abril de 1967, p. 88, l.149 a 161.

- ⁴⁶ Portas, Nuno. Revista Arquitetura nº98, julho / agosto de 1967, p. 158, linhas 44 a 481.
- ⁴⁷ Portas, Nuno. Op. cit., p. 158, linhas 113 a 121.
- ⁴⁸ Tostões, Ana. Arquitetura Moderna Portuguesa 1920 – 1970. Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), em parceria com Ministério da Cultura, Lisboa, 2004, p.154, linhas 1 a 6.
- ⁴⁹ Tostões, Ana. Arquitetura Moderna Portuguesa 1920 – 1970. Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), em parceria com Ministério da Cultura, Lisboa, 2004, p.149, linhas 27 a 36.
- ⁵⁰ Portas, Nuno. Revista Arquitetura nº64, janeiro / fevereiro de 1959, p. 32, linhas 22 a 25.
- ⁵¹ Portas, Nuno. Op. cit., p. 32, linhas 32 a 33.
- ⁵² Portas, Nuno. Op. cit., p. 33, linhas 9 a 10.
- ⁵³ Portas, Nuno. Op. cit., p. 34, linhas 10 e 11.
- ⁵⁴ Tostões, Ana. Arquitetura Moderna Portuguesa 1920 – 1970. Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), em parceria com Ministério da Cultura, Lisboa, 2004.
- ⁵⁵ Portas, Nuno. Revista Arquitetura nº69, novembro e dezembro de 1960, p. 31, linhas 4 a 5.
- ⁵⁶ Portas, Nuno. Op. cit., p. 31, linhas 11 a 12.
- ⁵⁷ Portas, Nuno. Op. cit., p. 31, linhas 22 a 23.
- ⁵⁸ Portas, Nuno. Op. cit., p. 33, linhas 23 a 27.
- ⁵⁹ Portas, Nuno. Op. cit., p. 44, linhas 32 a 35.
- ⁶⁰ Portas, Nuno. Revista Arquitetura nº98, maio / junho de 1968, p. 125, linhas 4 a 18.
- ⁶¹ Portas, Nuno. Op. cit., p. 126, linhas 196 a 206.
- ⁶² Portas, Nuno. Revista Arquitetura nº126, outubro de 1972, p. 100, linha 10.
- ⁶³ Portas, Nuno. Op. cit., p. 100, linha 49 a 51.

Experimentação

Capítulo III



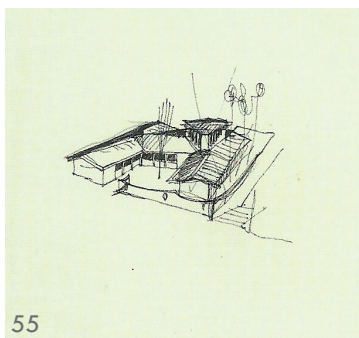
54 | Casa Dr. Barata dos Santos, Vila Viçosa. Corte que demonstra a preocupação de integração do volume no terreno.

Autocrítica

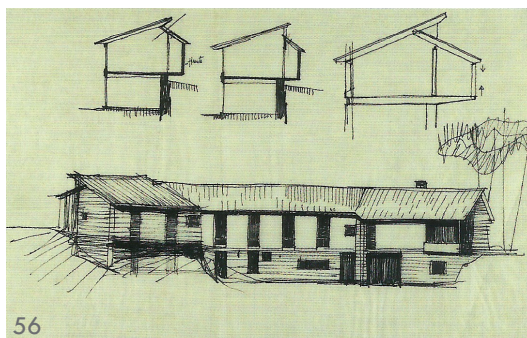
Com projeto iniciado em 1958, Nuno Portas executa, conjuntamente com arquiteto Nuno Teotónio Pereira, a *Casa Metelo*, na Praia das Maças em Sintra. Contou com a colaboração de Luís Almeida Moreira e destaca-se pela sua implantação no ponto mais alto do terreno, inserido organicamente numa duna, como se fosse um elemento constituinte do espaço onde se incorpora. De forma a exemplificar a importância da inserção nas pré-existências, escreve o artigo descritivo na revista número 79, de julho de 1963, sobre esta obra, na sequência de um outro reflexivo sobre a *Casa Dr. Barata dos Santos*, em Vila Viçosa, inaugurada precisamente no ano em que o artigo foi publicado. Esta última obra, com projeto de 1959 e dos mesmos autores, procura “uma integração no ambiente espacial fortemente caracterizado pelo diálogo entre a tradição popular e as sucessivas contribuições eruditas”⁶⁴, conduzindo os arquitetos a organizar uma conceção volumétrica fundada horizontalmente e fragmentada. Estes aspetos verificam-se em ambas as obras, de expressão vernacular obtida através do recurso a materiais e sistemas tradicionais.

Os artigos referidos surgem na sequência de um outro sobre o Externato Manuel de Melo no Barreiro, exposto na revista número 77, de janeiro de 1963⁶⁵, com comentário final de Nuno Portas, iniciando a discussão de temas como a inserção. “Mas se este edifício não pode, pelas suas particularidades, ser aproveitado para uma discussão na generalidade, põe desde já uma irrecusável evidência: a sua arquitetura constrói-se no diálogo com a topografia e o ambiente natural; a sua arquitetura torna-se pedagógica ao adaptar-se ao sítio (...)”⁶⁶.

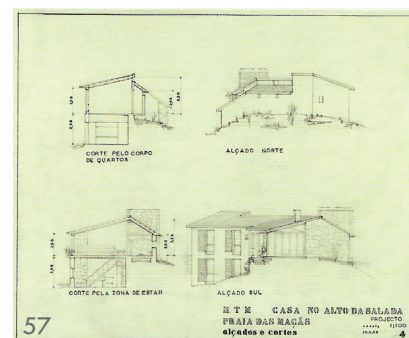
Relatando a importância da integração, infere numa crítica ao movimento moderno português, visto que este demonstra um certo desprendimento do terreno, criando uma arquitetura de forte carácter formalista, em oposição a uma outra que se relacione com o terreno e com as pré-existências que o rodeiam. Colocando o problema e propondo uma hipótese de solução, expõe as duas obras expressas no artigo número 79, com o objetivo de



55



56



57

justificar a eficácia das conjeturas que apresenta no artigo da revista número 77. Centra, portanto, a sua atenção em três tópicos chave: a Integração, a Tradição e a Renovação.

Tendo como base a Casa Dr. Barata dos Santos, manifesta o seu agrado na experimentação presente neste projeto, proferindo a presença do elemento Tradição que corresponde a um alvitre de Integração, comprado - metido por uma tomada de consciência relativamente à cultura e vida urbana de Vila Viçosa. Aliado a estes elementos, ergue-se uma ideia de Renovação programática e espacial, que se impunha à noção de Tradição, sem nunca esquecer a identidade do espaço onde está incluído. Posteriormente, analisa a obra construída com sustentação nos elementos referidos. Quanto à Integração, analisa o local e a conceção e quanto a Renovação o programa, o espaço e as tecnologias. “É da qualidade e realidade deste conjunto de propostas (e o polemismo que tem suscitado atesta-o bem), que eu concluo do valor da obra em si, poderosa de conteúdo, renovador e intencional.”⁶⁷

De fragmentação bi e tridimensional, articula os diversos espaços e pês-direitos duplos, sem grande impetuosidade arquitetónica, produzindo excelentes pontos de vista e de diálogo com Vila Viçosa. O pátio da cota superior funciona como entrada e relaciona-se diretamente com a sala de estar e com o escritório, conferindo um carácter público ao espaço de receção, “recriando a tipologia de casa mais erudita da Rua dos Fidalgos com pátio de entrada protegido atrás de altos muros.”⁶⁸ Já na cota baixa, existe um outro pátio que se funde com o logradouro, utilizado para cultivo e plantação de árvores de fruto, que se relaciona com os espaços referentes às funções de serviços da moradia e quartos. A sua modulação em planta não segue uma geometria reiterada, criando uma diversidade formal inovadora do espaço interior da habitação.

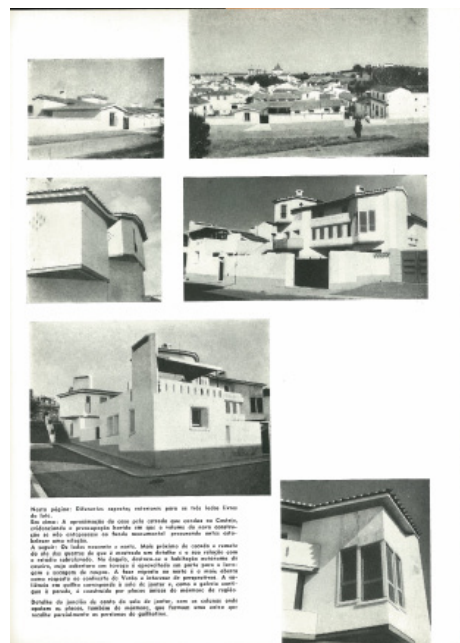
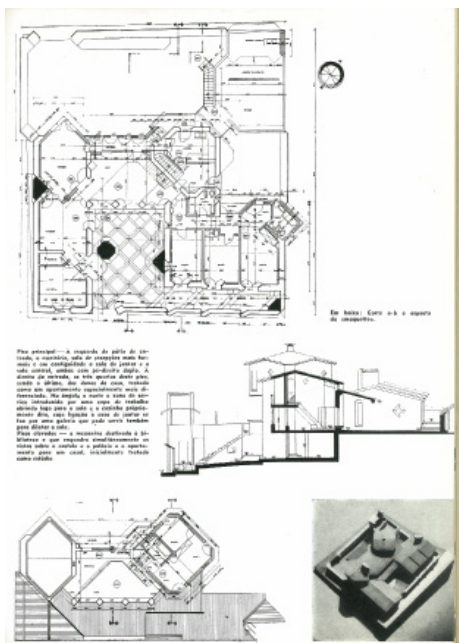
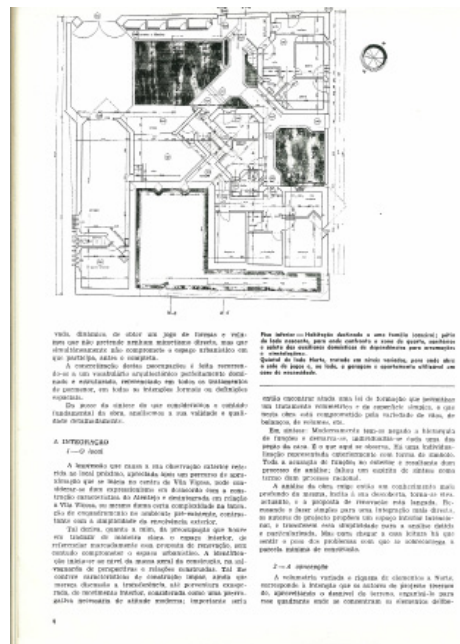
No artigo *Habitação em Sesimbra*, da revista número 93, de maio / junho de 1966, é apresentada uma comparação entre esta, também conhecida como *Casa Brás de Oliveira*, com a moradia de Vila Viçosa. Terminada em

55 | Casa Dr. Barata dos Santos, Vila Viçosa. Perspectiva.

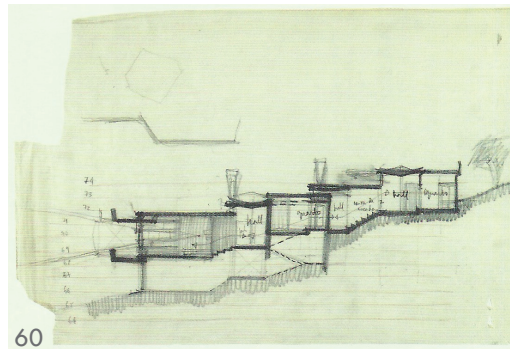
56 e 57 | Casa Metelo, Praia das Maças. Estudos da integração do volume no terreno.

Experimentação

58 | Revista Arquitectura
nr.79, de Julho de 1963.
Artigo *Moradia em Vila*
Viçosa, p.3, 4, 5 e 7.

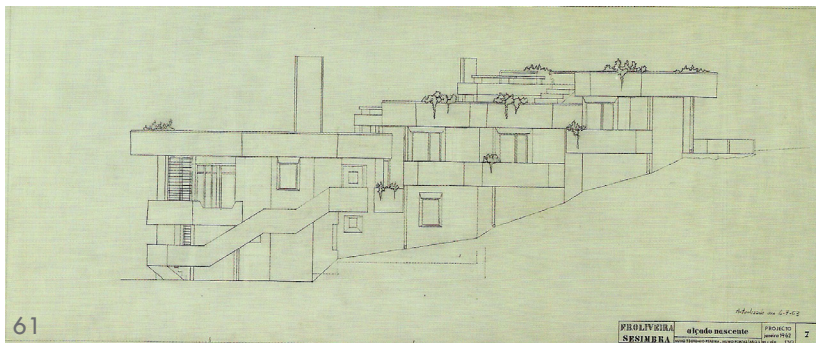


Experimentação



60 | Casa Brás de Oliveira, em Sesimbra. Integração no terreno. Semelhanças com as habitações referidas.

1964, é caracterizada por Nuno Portas como uma experiência em torno do tema da moradia unifamiliar que, “de facto, tratou-se de desenvolver e exprimir o que tínhamos por mais seguro para o ponto de partida e que era, afinal, uma conceção de habitar, que, nos seus ritmos essenciais, se vai manter nesses diversos projetos. O objectivo de tal experimentação foi, portanto, a procura sucessiva da melhor linguagem, de mais expressivas maneiras de dizer ou, menos literalmente, os meios formais mais capazes de dar, ou designar, espaços que queiramos fossem entendidos como sinais de certas intenções de vida.”⁶⁹ É concretizada com o fim de gerar espaços capazes de se relacionarem com as necessidades dos seus habitantes. Ou seja, pretende iniciar uma nova linguagem que se traduz no esquecimento da memória racionalista, pois esta possuía um enfoque que não se enquadrava com o momento da projeção da obra, sentindo a necessidade de explorar novas soluções. Relativamente ao programa, a preocupação centra-se na criação de diversos ambientes, estimulantes à vida social e que expressassem uma certa individualidade ajustada aos espaços privados da habitação. Pretendiam, também, a unificação do espaço familiar, de forma a evitar a segregação de funções, criando espaços abertos para os serviços domésticos. Como tal, introduz-se uma maior dinâmica do espaço, através do movimento e fluência espacial e volumétrica presentes nesta obra. Como escreveu o autor, “Assim, o primeiro e este último objetivo vinha ao encontro dos conceitos de fluência de espaços não estanques, compostos de ambientes diversificados (ou plurinucleares) pelos contornos, pelas variações altimétricas, por obturações focadas, etc., mas ligados com um sentido dinâmico sugerindo o movimento aos seus utentes. Conceitos de origem confessadamente Wright – Loos – Aalto – Zeviana mas que, de qualquer modo, confirmavam uma convicção dominante: a da primazia da formação do espaço de dentro (ainda quando se tratasse de espaço exterior) como aquela estrutura onde se joga o intimismo e a sociabilidade, sobrepondo-a à anterior primazia da composição volumétrica ou facial, porque conducente ao neo-academismo de criar objetos, porventura belos de ver, no seio do vago espaço sobran-te.



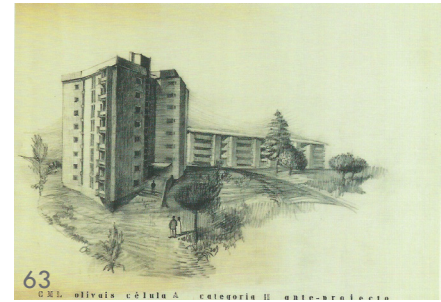
Mas, para materializar ou encarar tais intenções espaciais, que era a nossa bagagem figurativa, o nosso vocabulário formal, nesses anos em que mais se acentuava a crise linguística da arquitetura moderna?”⁷⁰ Ao colocar esta questão final, Nuno Portas pretende realçar o facto de ser necessário conhecer as fontes, os critérios e os métodos reais das obras concretas da época, com o intuito de identificar a crise linguística presente na arquitetura moderna, de forma a ser possível introduzir um novo programa aliado a uma nova forma espacial. Esta questão é debatida precisamente no artigo referido, pois é na Habitação de Sesimbra que Nuno Portas experimenta esta nova conceção espacial arquitetónica. Baseia-se não só na dinâmica e fluência dos espaços, mas também na fragmentação como solução para uma melhor comunicação e hierarquia espacial. Verifica-se uma eficaz adequação orgânica da obra, à semelhança da Casa da Praia das Maças e da Moradia de Vila Viçosa, segundo o autor, com o espaço exterior e a utilização de uma geometria não ortogonal perfeitamente adaptada ao declive do terreno. No final, apresenta uma crítica ao uso excessivo de modas formais, “modas muito mais fáceis de implantar do que a procura da necessidade de uma linguagem e da justeza do que, por ela, teremos para dizer.”⁷¹

61 | Casa Brás de Oliveira, em Sesimbra. Corte.

62 | Casa Brás de Oliveira, em Sesimbra. Fotografia.

Em paralelo a estas três obras aqui descritas, Nuno Portas envolve-se também na projeção das Torres de habitação de Olivais Norte, em Lisboa, com Nuno Teotónio Pereira, correspondendo à primeira fase deste projeto urbano e contando com a participação de António Pinto de Freitas nas Bandas de habitação. É um projeto de significativa importância na carreira de Nuno Portas, pois surge como primeira hipótese de aplicação de um carácter social na habitação coletiva. Com estudo prévio iniciado em 1957 e projeto que se desenvolveu entre 1959 e 1967, esta obra atravessa todo o período de frequência de Nuno Portas na *Revista Arquitectura*. À medida que vai ampliando os seus conhecimentos, experiências e críticas, vai progredindo neste projeto, com o intuito de obter respostas eficazes que respondessem às diretrizes que ia teorizando. Como tal, propõe a criação de espaços comuns de convívio, que nas torres ganham vida nos

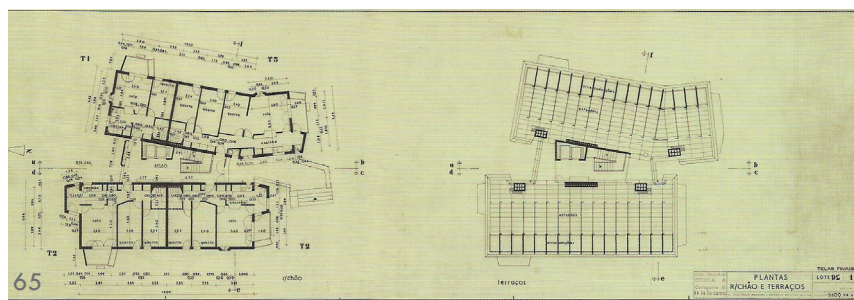
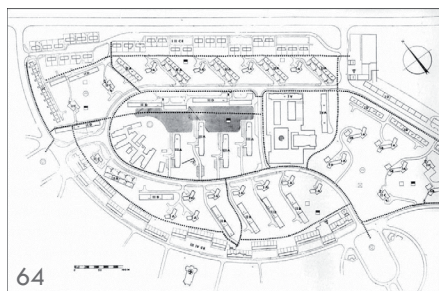
Experimentação



63 | Torres de Habitação dos Olivais Norte. Esquisso.

halls de entrada e comunicam com corredores de funções *distributivas* e de *estar*. Há, desta forma, uma forte preocupação social no tratamento dos espaços coletivos e comuns, apelando à relação entre o interior da habitação e o exterior sendo possível, por exemplo, à mãe supervisionar as crianças enquanto estas brincam no exterior e executar em simultâneo as tarefas domésticas no interior da habitação. Realça, também, a importância das relações entre vizinhos, promovendo uma fluente comunicação entre os vários habitantes e as diversas famílias que vivem nas torres. Todas estas questões são tratadas e descritas ao pormenor na revista número 110, de 1969, um ano após a conclusão da obra. As dinâmicas familiares e sociais que integra nesta obra, foram anteriormente averiguadas em artigos como *Considerações sobre o organismo distributivo das habitações* (revista número 69, de 1960) e *Desenho e apropriação do espaço de habitação* (revista número 103, de 1968) na *Revista Arquitectura*, o que permite verificar a ideia inicial descrita neste capítulo de que Nuno Portas efetua uma crítica ao Movimento Moderno Português, enquanto explora possíveis hipóteses, num suporte teórico, e de seguida procura experimentá-las de forma a validar as suas teorias. Este projeto ganha o Prémio Valmor de 1968.

Na sequência das publicações referentes a projetos seus de Habitação Coletiva, Nuno Portas redige um artigo na *Revista Arquitectura* número 139, de maio de 1974, de caráter justificativo e como resposta à reportagem crítica divulgada pelo jornal diário “República”⁷², sobre a Urbanização do Restelo. Intitulado de “*Dossier Restelo. Plano de Pormenor (C.M.L. 1971)*”, apresenta inicialmente uma descrição do projeto pelos arquitetos intervenientes (Nuno Teotónio Pereira, Gonçalo Ribeiro Telles, João Paciência e Pedro Viana Botelho) e pelo crítico, expondo e explicando o plano aliado aos objetos arquitetónicos inovadores que o constituem, demonstrando preocupações relativamente à composição urbana, às acessibilidades, às características das populações e às funções de todos os espaços, quer interiores quer exteriores. De encomenda da Câmara Municipal de Lisboa, tinha como principal objetivo atingir a mesma densidade das anteriores



Torres do Restelo, mas com construções mais baixas⁷³. Segundo o *Posfácio por ocasião da publicação em revista do projeto para o Restelo*⁷⁴ Nuno Portas acredita que com este projeto foi possível resolver uma questão preferida pelos modelos urbanos do Movimento Moderno, ou seja, aliar e integrar funções urbanas e disposições arquitetónicas. Afirma que desde o Movimento Moderno os arquitetos portugueses são ensinados a separar em oposição a conjugar e integrar. De forma a fundamentar a necessidade de se avaliar criticamente a separação das funções programáticas, defendida pelos autores do Movimento Moderno, utiliza uma expressão do arquiteto grego e participante do grupo Team X, George Candilis: “Porque é que havemos de evidenciar muito mais o que separa ou diferencia as coisas do que aquilo que as junta ou unifica?”⁷⁵ Declara que este sistema respondeu à intenção, na época, de oposição ao tradicionalismo em Portugal, com o Bairro de Ramalde e os Olivais. Porém, o tema não podia ser omitido, mas sim evidenciado e discutido.

Com base no plano de Barcelona, de Amsterdão-Sul e da Viena Socialista, com as teorias de Rossi, nas investigações de Lionel March e nos estudos de Gropius, os autores do plano para o Restelo procuram respostas sobre possibilidades de densidades da edificação. Partindo das organizações tipológicas e das relações entre acessos verticais como articulações de fogos⁷⁶, introduzidas nos planos dos Olivais, interessavam-se agora, segundo o autor, no alinhamento das vias e nos limites dos quarteirões, de forma a unificar “os elementos de um ambiente urbano”⁷⁷, desviando-se daquilo que os separa. Nuno Portas escreve, “E, como aquela foi a característica da Cidade histórica, era difícil que não resultassem dela – apesar de tudo o que diferencia os contextos históricos – certas características morfológicas que, pelo menos superficialmente, se podem aparentar com alguns traçados de bairros antigos das colinas da Cidade ou com o ambiente arquitetónico das ruas modernistas do tempo e influência de Cassiano Branco – apenas porque não havia maior razão para procurar o contrário.”⁷⁸

64 | Plano Olivais Norte.

65 | Torres de Habitação dos Olivais Norte. Organizações das tipologias.

66 | Revista Arquitectura
nr.110, de Jul / Ago de
1969. Artigo *Habitação em
Torre em Olivais - Norte*,
p.171 a 174.

Arquitetura
Núcleo Teófilo Ferraes, Análise Plano
de Flocos, Novo Pórtico
Engenharia Civil Rui João Gomes
Projecto 1088/00
Contacto: 3182158

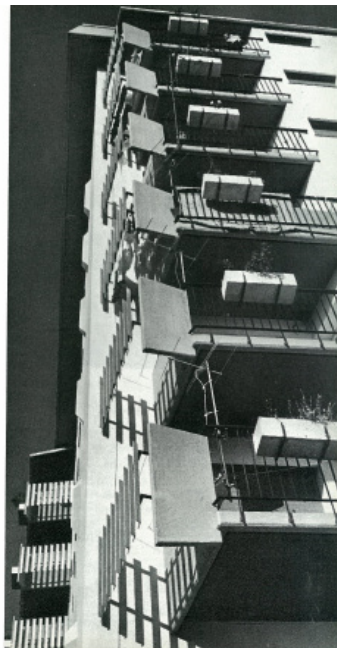


FIG. 6. COMMENTS

[illegible]

Esta sede trata um caso a respeito do método de integração, no âmbito da simplificação e do ordenamento, sempre sob o que são chamados a modelos exemplos de que



Características gerais

[illegible][illegible]

habeção, como entidades de direito privado, cientes de que o tempo estava passando e que se precisava ainda de victories e apertados esforços no campo da saúde pública.

Organização das fogueiras

De três dias de duração, as fogueiras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827,

[illegible][illegible][illegible]

Como dice Tasso discursivamente,
Financiamos de Europa, de um país
de social e de parâmetros de custo
da indústria.



Poliochilus variegatus varieg.

No aspecto cultural, o edifício constituiu por dois corpos postais independentes, com fachadas opostas de bello arredo, mas que se apoia a zona central de muros.

Os elementos decorativos são regra geral de granito e com pedras escuras, contrastando com as pedras brancas.

Parco Nazionale ingovernato passivo — questa corrente vede tipo di gestione — quanto alla gestione dell'acqua — libero. Per il governo, comunque, si era volti a non compromettere di tutto progetto senza che qualcosa parzialmente, come il caso che *acqua* aveva avuto un ruolo nel movimento dei diritti per il caso di una imminente crisi di disponibilità di acqua (soltanto in un periodo di siccità) per le regioni meridionali: quanto si opponeva al movimento, comunque, le risorse erano limitate, e la crisi aveva soltanto un piano che si apriva con la gestione con un contratto.

Un'altra idea, come quella di un piano, o, almeno, prima di un piano, di una serie di studi che lo



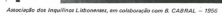
"Dossier" RESTELO 1973

RESPOSTA À
REPORTAGEM CRÍTICA
EM JORNAL DIÁRIO

mesma lógica de aproveitamento da vertente dos traçados pombalinos —. Consequentemente, estas ruas são traçadas por forma a não encimarem a condição veloz dentro do bairro constituindo um sistema um sistema de paralelas em que se tem alternadamente uma rua principal e uma rua interior de serviço que alimenta o parking relativo de maioria dos moradores, reservado sob o próprio edifício.

15.11.73 Nuno Portas, arquitecto

POSFÁCIO
POR OCASIÃO DA PUBLICAÇÃO
EM REVISTA DO PROJECTO
PARA O RESTELO



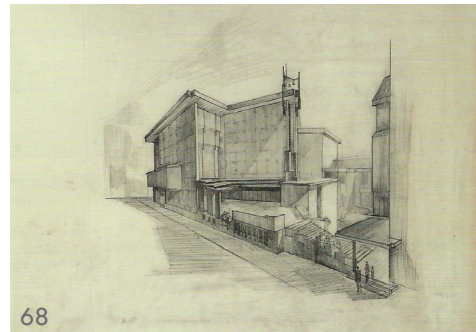
Com todos estes raciocínios fomos criando um modelo de "arte urbana", identificado por nós como o "funcional" e este com o moderno, que cada vez mais foi se separando a nossa lógica da do senso urbano comum da grande maioria dos habitantes, pelo menos do senso comum que hoje se pode revelar no uso cotidiano da cidade e nas adaptações ou restrições a que esta continuamente

Dad o impacto que já em 65 teria para alguns de nós o polêmico livro de Jan Jacob, ou o artigo de Alexander (que mostrou como a teoria se podia juntar ao bom senso) ou aquela expressão de Candilis que tanto me fez pensar: "Porque é que tivemos de evidenciar muito mais o que sepe ou diferença as coisas do que aquilo que as junta ou

Federação C.P. -

Villa de Condé — 1957



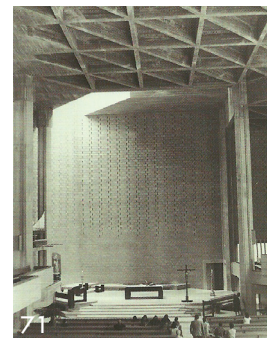
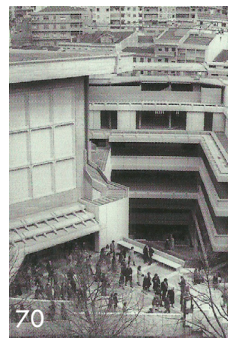
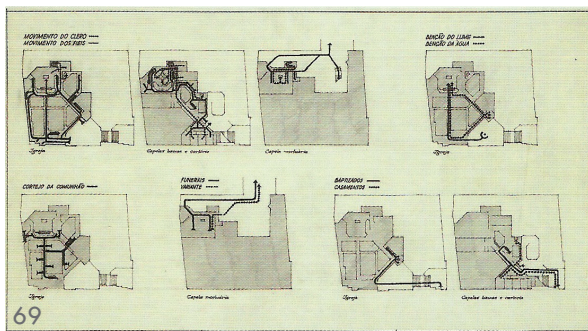


68 | Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa. Esquísso.

Já numa das suas últimas participações na *Revista Arquitectura*, em 1971, redige um artigo que faz referência a uma obra, de sua autoria em parceria com Nuno Teotónio Pereira, relativo a um equipamento religioso. Cita-se, portanto, na revista número 123, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, que alega uma posição de oposição aos historicismos presentes nas obras religiosas da década de 50. Possui um papel fundamental de elemento integrador da malha urbana, “com criação de um adro que liga um percurso entre as duas ruas”⁷⁹, identificando a intenção de abrir a igreja à sociedade e à própria cidade.

O que lhe permitiu obter o primeiro prémio para o concurso aberto para a concretização deste equipamento, foi o facto de inserir o edifício no quarteirão de forma a criar espaços públicos que permitiam o seu a - travessamento entre as duas vias que o delimitavam. No seu interior prima por uma conceção espacial centrada no altar de forma a enfatizar os atos litúrgicos, com um pé-direito avassalador, revelando um espaço amplo e monumental, enfatizado pelas intencionais entradas de luz, que relembra as igrejas-salão alemãs (*Hallenkirche*) pela sua escala, dramatismo lumínico e proporcionalidades espaciais. No entanto, rapidamente se regressa ao movimento moderno, introduzido neste edifício, através dos materiais utilizados, como o betão aparente e os painéis pré-fabricados em estaleiro, atribuindo à Igreja uma imagem de eterno, sem necessidade de manutenção ou conservação. Ganha, também, o Prémio Valmor, de 1975, pelo seu carácter inovador e principalmente por transmitir as preocupações sociais demonstradas nas obras escritas e projetadas anteriormente, num equipamento religioso de improvável caracterização urbana. “(...) o protagonista da igreja de Santa Maria viesse a ser uma “rua – escadório” distributiva e de estar, um espaço interno ao ar livre e “público”. Os corpos do conjunto, igreja propriamente dita e outros serviços, tinham de realizar a amarração à cidade concreta que tínhamos à volta.”⁸⁰

A Arquitetura Religiosa Moderna é também assunto que discute na *Revista Arquitectura*, ainda antes de pertencer à co missão diretiva da mesma.



Com o título *Arquitetura Religiosa Moderna em Portugal. Arquitetura Religiosa Moderna*, na revista número 60 de julho de 1957, refere a necessidade de determinar as exigências funcionais do programa a aplicar, mas em simultâneo ter em consideração os valores religiosos, entendidos através das formas arquitetónicas. Com isto, apresenta-se, então, a espiritualidade moderna, que implica uma questão moral: “(...) poderá o arquiteto para quem os valores religiosos estejam historicamente ultrapassados, encetar, sem hesitação, o planeamento de um edifício para o culto confiado apenas nas virtudes de uma atitude funcionalista?”⁸¹ Para o autor, a conceção de uma construção para o culto deverá responder a questões fundamentais como as novas exigências técnicas, as conquistas sociais da época, a compreensão das necessidades psicológicas e dos valores válidos da tradição. Todos estes aspetos são, deste modo, introduzidos na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, que, embora tenha sido inaugurada em 1971, o projeto que vai a concurso em 1962, apenas cinco anos após a elaboração deste artigo.

69 | Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa. Esquemas.

70 e 71 | Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa.

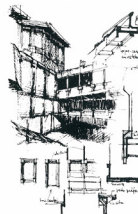
Ainda neste artigo, apresenta duas obras de edifícios litúrgicos em Portugal, das primeiras obras de maior envergadura, desenvolvidas por arquitetos modernos, que começavam agora a ser chamados a fazer obras de cariz religioso: a Igreja Paroquial de Águas, em Penamacor, de Nuno Teotónio Pereira e a Igreja Paroquial de S. António, em Moscavide, de A. de Freitas Leal e João de Almeida. Aduz a outras duas obras estrangeiras, dos “mais notáveis realizados recentemente em Itália e podem completar a visão da problemática arquitectónica da igreja que neste número se tentou iniciar”.⁸² São, portanto, a Igreja para a comunidade de La Martella, do arquiteto Ludovico Quaroni e a Igreja para o Bairro INA – Casa in Baggio, de Luigi Figini e Gino Pollini.

Experimentação

72 | Revista Arquitectura
nr.123, de Set / Out de
1971. Artigo *A Igreja do
Sagrado Coração de Jesus*,
p.165, 167, 168 e 169.

**Igreja do Sagrado Coração
de Jesus, Lisboa**

Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira, arquitetos



Co-sinores e colaboradores: Concurso – *Visão de Figueiredo e Vasco Lobo, arquitetos; Avalia Rodrigues, (Burlington, Projecto) – Pedro Viana de Almeida, Luis Vazquez Rosa, Antônio Rios Cabrita e Luis de Almeida, arquitetos; João Martins e José Travença Trigo, engenheiros civis; Assisdeia à obra e planejamento: rização – Duarte Cabral de Mota, Jílio de Saint-Maurice, Miguel Chaves e Miguel Araújo, arquitetos; Avaliação: – José Carmo Fernandes (Iluminção), Sebastião Santos (ventilação e aquecimento); Antônio Azevedo Cardoso (acústica e som).*

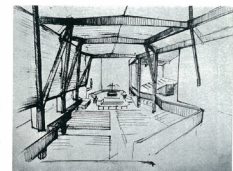
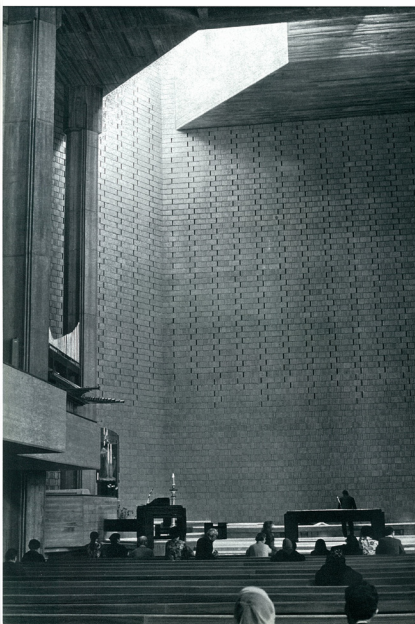
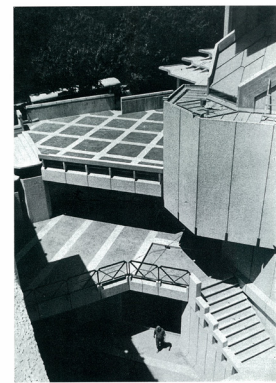
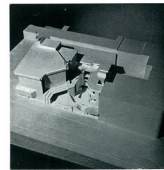
Engenheiros: Engenheiro de Construção Civil, SARL, Instalações especiais – HONORATO HENRIQUES, Lda. Fundações – SOPECAFE

Fiscalização: LUSOTECNA, Consultores Técnicos Especiais, SARL



O encase de construção no tecido urbano envolvente
sem romper a continuidade do quarteirão, traduz-se num
sucesso de ados e pátios encobertos, de caráter
marcadamente público. Obtive-se assim uma difusão
de luz, que tem ao mesmo tempo uma função distributiva
em relação aos diversos espaços do complexo paraquais
situados a diferentes níveis.

O corpo dos serviços paraquais está ainda por acabar
e volume fechado sobre o qual corresponde ao baptismo

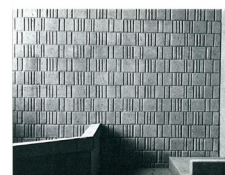


O espaço da igreja é fortemente caracterizado por uma galeria-balcão circundante. A divota, aparentemente do antagônico, mostrando a estrutura de arcadas que depoi se substituiu por uma grande placa nervurada apoiada diretamente nas pilares e na parede envolvente.

Paredes revestidas com blocos de cimento de 20x40 cm fabricados na esta-lua com propriedades de correção acústica.

Lanteras de iluminação com placas difusoras de alumínio branco.

Lotação total da igreja: 560 lugares sentados, dos quais 650 no piso principal e 310 nas galerias.



Notas

⁶⁴ Tostões, Ana. *Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira*, organizado pela Ordem dos Arquitetos, em parceria com o Ministério da Cultura e o Instituto Português do Património Arquitetónico. Quimera Edições, outubro 2004, p.182 linhas 1 e 2.

⁶⁵ Artigo redigido pelo arquiteto S. Formozinho Sanches.

⁶⁶ Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº77, janeiro de 1963, p. 9, linhas 31 a 38.

⁶⁷ Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº79, julho de 1963, p. 6, linhas 127 a 130.

⁶⁸ Tostões, Ana. *Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira*, organizado pela Ordem dos Arquitetos, em parceria com o Ministério da Cultura e o Instituto Português do Património Arquitetónico. Quimera Edições, outubro 2004, p.182 linhas 16 e 17.

⁶⁹ Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº93, maio / junho de 1966, p. 115, linhas 19 a 31.

⁷⁰ Portas, Nuno. *Op. cit.*, p. 115, linhas 105 a 109.

⁷¹ Portas, Nuno. *Op. cit.*, p. 116, linhas 5 a 7.

⁷² *Jornal Diário da República*, de 9 de novembro de 1973, não assinado, sobre a Urbanização do Restelo, em Lisboa.

⁷³ Tostões, Ana. *Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira*, organizado pela Ordem dos Arquitetos, em parceria com o Ministério da Cultura e o Instituto Português do Património Arquitetónico. Quimera Edições, outubro 2004.

⁷⁴ Título do texto de Nuno Portas, escrito em março de 1974 e publicado no final do artigo da *Revista Arquitetura* número 130, de maio de 1974, p.22 a 23.

⁷⁵ Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº103, maio de 1974, p. 22, linhas 56 a 58 e p.23, linha 1.

⁷⁶ Portas, Nuno. *Op. cit.*, p. 23, linha 39.

⁷⁷ Portas, Nuno. *Op. cit.*, p. 23, linhas 167 e 168.

⁷⁸ Portas, Nuno. *Op. cit.*, p. 23, linhas 168 a 181.

⁷⁹ Tostões, Ana. *Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira*, organizado pela Ordem dos Arquitetos, em parceria com o Ministério da Cultura e o Instituto Português do Património Arquitetónico. Quimera Edições, outubro 2004, p.196 linhas 3 e 4.

⁸⁰ Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº123, setembro / outubro de 1971, p. 171, linhas 44 a 48.

⁸¹ Portas, Nuno. *Revista Arquitetura* nº60, julho de 1957, p. 20, linhas 13 a 15.

⁸² Portas, Nuno. *Op. cit.*, p. 32, linhas 2 a 5.

Organização temática da crítica de Nuno Portas

Capítulo IV



74 | Carlo Scarpa.

Numa primeira abordagem à crítica que Nuno Portas apresentou na *Revista Arquitectura*, dividiram-se os artigos de acordo com uma metodologia que se identificou como sendo uma possível base do seu pensamento reflexivo. Não de uma forma sequencial, apresenta um problema, observa as diversas variantes, propõe várias hipóteses e soluções e como resultado de todas as conjecturas que vai expondo, experimenta-as em obras construídas. Considerando como ponto de partido toda esta observação em torno dos artigos críticos publicados na *Revista Arquitectura* e assinados por Nuno Portas, concluiu-se que o crítico aborda e cogita sobre uma variedade de matérias, que por sua vez geram opiniões de grande peso na reflexão sobre o desenvolvimento da Arquitetura Moderna Portuguesa. É possível, como tal, identificar três tipos de crítica: uma “monográfica”, outra “tipo-morfológica” e por último, uma terceira, relativamente ao ensino, ou seja, uma “crítica pedagógica”. Por vezes, numa única revista apresenta artigos que versam os três tipos de crítica aqui aduzidos, como é o exemplo da revista número 68, de julho de 1960, em que o artigo *As 3 Obras de Álvaro Siza Vieira* é considerado “crítica tipo-morfológica”, o artigo *Comentários ao artigo Núcleo Les Buffets em Internay-aux-Rose, nos arredores de Paris* “crítica pedagógica”, e o terceiro intitulado de *Crítica dos livros* foi considerado como “crítica monográfica”, pois quase sempre aborda uma teoria e um autor.

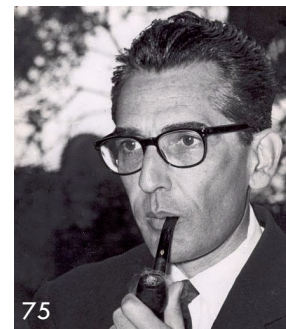
Crítica Monográfica

Entende-se como “crítica monográfica” um tipo de reflexão que remete a um tema particular ou indivíduo de renome, sendo considerado por definição um tipo de texto essencialmente de cariz científico. Pioneiro neste modelo de crítica, Nuno Portas destaca-se do grupo de críticos da *Revista Arquitectura*, tirando proveito das viagens que realiza com o seu mestre Nuno Teotónio Pereira, o que lhe permite elaborar textos baseados numa experiência autêntica e genuína. Assim sendo, a “crítica monográfica” que executa surge de reflexões que vai criando à medida que vai observando e conhecendo obras e autores que considera fundamentais para o Movimento Moderno.

A necessidade de desenvolver este tipo de crítica surgiu da intenção e da vontade de conhecer não só o que se faz em Portugal, mas também do que se projeta fora deste. Em oposição ao formato da *Revista Arquitectura* anterior à reforma desta terceira geração, onde se expunham as obras de autores de destaque sem qualquer tipo de comentário crítico, Nuno Portas procura, juntamente com o grupo constituinte desta *nova revista*, encontrar as soluções para os problemas da arquitetura da época, em ideias e conjeturas de autores portugueses, mas também de autores espanhóis, italianos e franceses, entre outros. Não foca a sua atenção apenas nas disciplinas da Arquitetura e do Urbanismo, mas essencialmente numa multidisciplinaridade condicionada por questões antropológicas, psicológicas e sociais. Logo, Nuno Portas demonstra também particular interesse relativamente aos escritos e estudos de sociólogos como o Chombart de Lauwe, figura central da sociologia francesa da época, e Adérito Senas Nunes, considerado pelo arquiteto como o “pai da sociologia moderna portuguesa”. Enquanto que a geração anterior procura soluções baseadas numa arquitetura portuguesa identificada no Inquérito, com base nas tipologias e técnicas construtivas modernas, esta terceira geração centra-se na resolução dos problemas, seguindo de perto inúmeros periódicos de arquitetura e urbanismo estrangeiros, obras escritas de arquitetos, historiadores e sociólogos e obras arquitetónicas e urbanísticas modernas nacionais e internacionais. Deste modo, Nuno Portas apresenta na *Revista Arquitectura* artigos que demonstram o resultado desta intensa investigação sobre os temas que pretende abordar.

O primeiro artigo que escreve na *Revista Arquitectura*, número 59, de julho de 1957, é sobre o italiano Carlo Scarpa. Denominado *Carlo Scarpa. Um Arquiteto Moderno em Veneza*, este artigo brota precisamente de uma viagem a Itália onde Nuno Portas conhece o arquiteto italiano e a sua obra. Fascinado com a sua postura polémica dentro do Movimento Moderno italiano, no qual se defende um método que valoriza as pré-existências, uma complexidade formal, em oposição ao simplismo moderno, e o dramatismo intencional oferecido pela poética conceptual, destaca este autor como

Organização temática da crítica de Nuno Portas



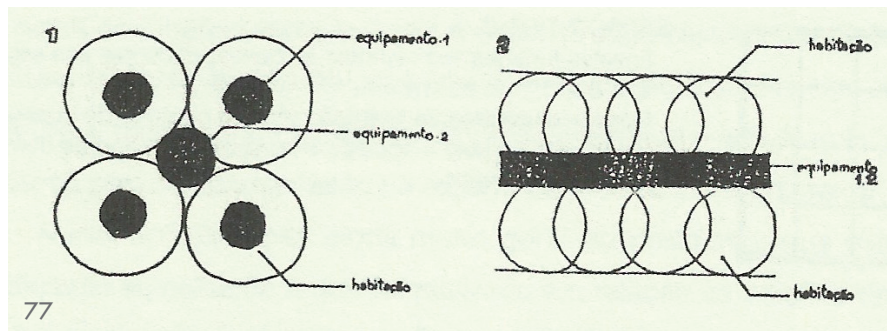
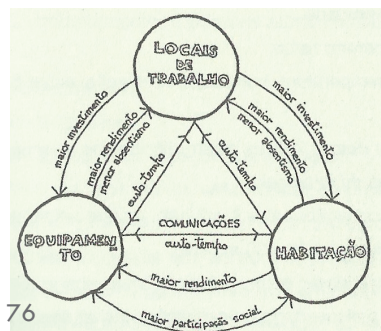
75 | José A. Coderch.

modelo a considerar numa época em que se previa ou se apelava a uma regeneração do Movimento Moderno. Da mesma forma se classificou o artigo da revista número 65, de junho de 1959, como “crítica monográfica”, com o artigo *Das Revistas Estrangeiras*. Seguindo o raciocínio que promoveu a qualificação do artigo anterior, também aqui Nuno Portas reflete sobre uma arquitetura incrementada por uma “novíssima” geração de arquitetos modernos no exterior, originando o artigo *A responsabilidade de uma Novíssima Geração no Movimento Moderno em Portugal*, na *Revista Architectura* seguinte, de novembro / dezembro de 1959. Tal como o artigo de Carlo Scarpa, escreve também sobre personalidades como Fernando Távora (número 71, de outubro de 1961), Coderch (número 73, de dezembro de 1961), Siza Vieira (número 88, de maio / junho de 1965) e Le Corbusier, aquando da sua morte (número 89 | 90, de dezembro de 1965). A partir de 1967, com a realização do Congresso de Tarragona (número 96, de março / abril de 1967), Nuno Portas introduz a Escola Espanhola com os artigos *Conjunto Habitacional Juan XXIII* (número 97, de maio / junho de 1967) e *A Chamada Escola de Barcelona* (número 107, de janeiro / fevereiro de 1969) escrito juntamente com Rafael Moneo, onde expõe uma arquitetura com qualidade e digna de ser observada de forma a possibilitar a correção dos erros que se executavam na arquitetura moderna portuguesa.

A “crítica monográfica” possui um papel fundamental no trabalho reflexivo de Nuno Portas, pois é através desta que o crítico explora a ideia de uma arquitetura de autor, possibilitando a clareza de pensamento e a capacidade de propôr respostas a questões que até então os arquitetos modernos portugueses não problematizavam, devido às limitações políticas e culturais da época.

Crítica Tipo-morfológica

Embora o tipo de crítica que impulsionou o reconhecimento de Nuno Portas tenha sido a monográfica, foi a “crítica tipo-morfológica” que ocupou



grande parte da sua atenção. Visto que a maior percentagem de artigos que escreve na *Revista Arquitectura* demonstram uma meditação cuidada sobre questões da hierarquização e organização espacial da habitação e a sua consequente integração na cidade, apreende-se, a partir deste facto, que existe uma intensa procura de novos sistemas arquitetónicos que possibilitem uma resposta mais eficiente às necessidades da sociedade portuguesa que se transformava. Explora questões como a Habitação Coletiva, as relações de vizinhança, sistemas económicos de construção, apresentando, por isso, propostas de habitações com medidas mínimas e as diversas possibilidades de conjugação dos espaços tanto interiores como exteriores das habitações. Como referiu Nuno Portas na conversa/entrevista oral para a exposição *Ser Urbano - Nos Caminhos de Nuno Portas*, “o Urbanismo é determinante para a Arquitectura. Caso se verifique o contrário, então a Arquitectura finge fazer Urbanismo”. A Habitação Social é, portanto, um tema que desperta o seu interesse, principalmente quando inicia a sua participação no LNEC. Para Nuno Portas, é essencial a realização de inquéritos que permitam aos técnicos compreender as necessidades das populações. Estas irão influenciar a conceção espacial, tanto interior como exterior, dos complexos, sendo necessário adaptar os espaços proporcionalmente às condicionantes. Esta questão não se aplica apenas às diferenças sociais verificadas, como também à evolução do papel da mulher na sociedade e às alterações das dinâmicas familiares, que se encontram em constante mutação, dentro e fora do habitat.

Estando sempre presente uma preocupação da situação social que se viveu nos anos 60, de grandes aglomerações nos núcleos urbanos, Nuno Portas procura uma arquitetura que proporcione melhores condições de vida e de trabalho. É, portanto, urgente apresentar respostas práticas à situação que se verificava, em conjunto com uma certa incapacidade e deficiência da arquitetura que se fazia na época. Desta forma, escreve os artigos *Habitações Operárias em Ponte da Pedra* (número 63, de dezembro de 1958), *Conceito de Casa em pátio como célula social* (número 64, de janeiro / fevereiro de 1959), *Uma Realização da Câmara Municipal*

76 | Política de Habitação MOP, 1969. Esquema presente no Relatório da Habitação Evolutiva, para o LNEC.

77 | Esquemas sobre relações entre Equipamento e Habitação.

do Porto (número 69, de novembro, dezembro de 1960), *Desenho e apropriação do espaço da habitação* (número 103, de maio / junho de 1968), *Habitação em Torre em Olivais – Norte* (número 110, de julho / agosto de 1969), *Habitação Evolutiva* (número 126, de outubro de 1972) e “Dossier” *Restelo* (número 130, de maio de 1974). Consideram-se, em simultâneo, os artigos *Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal*. *Arquitectura Religiosa Moderna* (número 60, de outubro de 1957), *Notícias, Exposições, Crítica* (número 76, de outubro de 1962) e *A Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa. Centro de S. Sebastião de Pedreira* (número 123, de setembro, outubro de 1971) igualmente artigos críticos “tipo-morfológicos”, porque para além de descritivos dão sequência a um assunto discutido já desde os inícios dos anos 50, relativamente à execução de uma arquitetura religiosa mascarada, que o grupo MRAR tanto criticou. Visto que a este grupo pertencia Nuno Teotónio Pereira, e que o primeiro artigo sobre o tema tenha sido escrito precisamente no momento em que o jovem arquiteto Nuno Portas entrou para o “Atelier da Rua da Alegria”, são evidentes as influências que este provoca no seu trabalho e na sua apreciação arquitetónica e urbanística, sem lhe retirar o crédito merecido e validado pelo Prémio Gulbenkian de Crítica de Arte, que recebe em 1963, pelos artigos escritos na *Revista Arquitectura*.

Crítica Pedagógica

Para além de crítico de arquitetura e cinema, de investigador e de arquiteto, Nuno Portas foi também professor na Escola de Belas Artes de Lisboa de 1965 a 1971 e da Escola de Belas Artes do Porto (posteriormente Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto) desde 1983. Nesta última fundou e dirigiu o Centro de Estudos (CEFAUP), “onde se investigam sistemas e instrumentos de ordenamento do território para além de consultorias institucionais (municípios e Universidade de Aveiro)”⁸³ e lecionou as cadeiras de Urbanística III e IV. Ao longo da sua participação na *Revista Arquitectura*, escreveu cinco artigos que se consideraram detentores de uma “crítica pedagógica”. Estes são os artigos *Comentários ao artigo “Núcleo Les Buffets em Internay-aux-Rose, nos arredores de Paris”* (número 68, de julho

Organização temática da crítica de Nuno Portas



80 | Revista Arquitectura
nr.135, Outubro de 1979.
Artigo Entrevista com Nuno
Portas, p.57.

de 1960), *Noticiário, Exposições, Crítica* (números 69 e 70, de novembro / setembro de 1960 e março de 1961 respetivamente), *Ensino de Arquitectura. Uma experiência Pedagógica da ESBA* (número 77, de janeiro de 1963) e *Ideias para a zona Central de Olivais* (número 103 de maio / junho de 1968). Nestes cita trabalhos de alunos seus com propostas de possível interesse, exposições de trabalhos das duas escolas de arquitetura e métodos de trabalho a seguir na disciplina de Projeto. No entanto, aquilo que realmente evidencia nestes artigos são as falhas no ensino da arquitetura, que afirma estarem na base da má formação dos arquitetos e consequentemente a razão pela qual a Arquitetura Moderna Portuguesa da época não corresponde às exigências nem atinge os parâmetros necessários para a elaboração eficaz de soluções.

Termina a sua participação tanto no LNEC como na *Revista Arquitectura* em 1974, ano de grandes reformas políticas, impulsionadas pela queda do Governo Ditatorial Salazarista. Com o 25 de Abril, Nuno Portas entra no novo governo, como Secretario de Estado da Habitação e Urbanismo dos três primeiros governos provisórios. Destaca-se como promotor de desenvolvimento de cooperativas de habitação e da formação de gabinetes de apoio local em zonas históricas, como o CRUARB, no Porto e o SAAL, Serviço de Apoio Ambulatório Local. “Defensor de políticas que valorizam o processo de participação dos cidadãos nas decisões urbanísticas, contribuiu para as bases de uma legislação que conduziu, entre outros instrumentos, aos Planos Diretores Municipais (1978)”⁸⁴. Contudo, numa última aparição na *Revista Arquitectura*, agora como entrevistado e não como entrevistador, Nuno Portas apresenta um último testemunho com uma entrevista conduzida por José M. Fernandes e José Lamas. Cinco anos após o seu último artigo e vinte e dois anos após o seu primeiro na *Revista Arquitectura*, defende a constante aliança entre a atividade de atelier e a execução de crítica, nunca as realizando isoladamente, pois uma reforça sempre a outra. Portanto, não realiza apenas uma crítica geral, mas também uma “autocrítica”, como é o caso dos artigos sobre a Igreja do Sagrado Coração de Jesus (número 123, de setembro, outubro de 1971), os Olivais

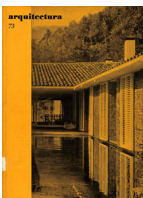
(número 110, de julho / agosto de 1969), a Habitação de Sesimbra (número 93, de maio / junho de 1966), a Moradia de Vila Viçosa e a Habitação na Praia das Maças (número 79, de julho de 1963). Todos eles, incluídos no grupo dos referentes a uma “crítica tipo-morfológica” apresentam não só conclusões sobre as práticas de questões teorizadas anteriormente, mas também interrogações e preocupações sobre determinado sistema ou organização espacial prontamente verificadas. São os Olivais e a polémica Casa de Vila Viçosa que melhor exemplificam um conjugar de uma linguagem espacial dinâmica com um contexto tradicional, constituindo “dois dos grandes aspectos que estavam presentes, nessa altura, na crise do movimento moderno: o problema da tradição e, por outro lado, o problema do espaço interno. O terceiro, o da pesquisa tipológica, viria com a sucessão dos bairros que nos encomendaram.”⁸⁵

Embora Nuno Portas possua um papel inovador e impulsionador na *Revista Arquitectura*, deparou-se, juntamente com os seus colegas de geração, com diversos obstáculos ao longo do seu percurso. “A minha geração foi a que tentou introduzir a crítica na arquitectura e foi esse o grande papel da revista *Arquitectura* que aliás nos custou alguns inimigos, nos primeiros tempos, porque não se podia dizer mal da obra de um arquitecto progressista, naquela altura em que a arquitectura tinha difíceis condições para se implantar e os projetos morriam no Ministério das Obras Públicas ou no Conselho Superior das Obras Públicas.”⁸⁶

De forma a resumir o pensamento apresentado neste quarto capítulo, elaborou-se um quadro que pretende apresentar a metodologia crítica desenvolvida por Nuno Portas, através da enumeração de todos os artigos publicados na *Revista Arquitectura*, identificando lateralmente factos que justificam a sua pertinência. Considerou-se fundamental comparar as temáticas com as datas das revistas, de forma a entender a razão de ser do artigo apresentado. Sem este raciocínio, sente-se que as temáticas abordados são expostas de forma aleatória. No entanto, todas elas respondem a uma viagem, a um congresso, a um colóquio a uma revista estrangeira, um autor, a uma bienal, a um Inquérito ou a um concurso.

Organização temática da crítica de Nuno Portas

Data	Revista Arquitectura	Artigo	Crítica
Julho 1957	 59	Carlo Scarpa. Um Arquitecto Moderno em Veneza	Monográfica Viagem a Itália com Nuno Teotónio Pereira onde conhece Carlo Scarpa.
Outubro 1957	 60	Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal. Arquitectura Religiosa Moderna.	Tipo-Morfológica Sequência do Manifesto de Nuno Teotónio Pereira sobre a Arquitectura Moderna Religiosa em Portugal, na Revista Ler, nr.17 de Agosto de 1953, com o par de arquitecto João Medeiros de Almeida.
Dezembro 1958	 63	Expo 58: Posição Cultural. Habitações Operárias em Ponte da Pedra. Literatura Arquitectónica - Binário.	Tipo-Morfológica Reforma da Revista Arquitectura. Primeiros artigos de Nuno Portas na Revista Arquitectura como membro da Comissão Directiva. Início da publicação da Revista Binário, dirigida por Manuel Tainha e Jovito Tainha.
Jan Fev 1959	 64	Conceito de Casa em pátio como célula social. Das Revistas Estrangeiras.	Tipo-Morfológica Nuno Portas obteve o diploma de arquitecto pela ESBA, com a dissertação "A Habitação Social - Proposta para a Metodologia da sua Arquitectura", onde desenvolveu o tema das arquitecturas de habitação.
Junho 1959	 65	Das Revistas Estrangeiras.	Monográfica Artigo sobre a novíssima geração de arquitectos modernos no estrangeiro.
Nov Dez 1959	 66	A Responsabilidade de uma novíssima geração no Movimento Moderno em Portugal. O fim de uma revista. Binário, nova série.	Monográfica Primeiro Salão dos Novíssimos, promovido pelo SNI. I Bienal de Paris.
Julho 1960	 68	As 3 obras de Álvaro Siza Vieira. Comentário ao artigo "Núcleo Les Buffets em Internay-aux-Rose, nos arredores de Paris". Crítica dos livros.	Tipo-Morfológica Pedagógica Monográfica 1º Colóquio sobre Problemas do Habitat, que contou com a participação do sociólogo francês Chombart de Lauwe. É Nuno Portas quem estabelece contactos com figuras de destaque das ciências sociais, tais como Imbert e Henri Lefebvre.

Data	Revista Arquitectura	Artigo	Crítica	
Nov Dez 1960	69 	Uma realização da Câmara Municipal do Porto. Considerações sobre o organismo distributivo das habitações. Noticiário, Exposições, Crítica.	Tipo-Morfológica Pedagógica	Viagem a Barcelona para conhecer as obras dos arquitectos catalães Coderch e Valls.
Março 1961	70 	Noticiário, Exposições, Crítica.	Pedagógica	Publicação do Inquérito da Arquitectura Popular Portuguesa.
Julho 1961	71 	Fernando Távora: 12 anos de actividade profissional.	Monográfica	Início da exposição dos trabalhos da Segunda Geração de Arquitectos Modernos Portugueses. Fernando Távora
Outubro 1961	72 	Introdução ao texto de Luís Cunha.	Monográfica	Francisco de Oliveira Ferreira
Dezembro 1961	73 	Obras de José A. Coderch e M. Valls i Vèrges.	Monográfica Tipo-Morfológica	A propósito da viagem de Barcelona do ano anterior.
Março 1962	74 	1941 - Casa Unifamiliar, no Porto, na Rua Honório de Lima.	Tipo-Morfológica	Viana de Lima
Outubro 1962	76 	Noticiário, Exposições, Crítica.	Tipo-Morfológica	Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Acta do vencedor.
Janeiro 1963	77 	Ensino de Arquitectura. Uma experiência Pedagógica da ESBAP. Noticiário, Exposições, Crítica. Congresso do Ensino de Engenharia.	Pedagógica Monográfica Tipo-Morfológica	Investigador do LNEC (Laboratório Nacional de Engenharia Civil) e coordenador do Núcleo de Pesquisa de Arquitectura, Habitação e Urbanismo.

Data	Revista Arquitectura	Artigo	Crítica
Julho 1963	79 	Habitação na Praia das Maças. Moradia em Vila Viçosa.	Tipo-Morfológica A propósito da conclusão da Obra da Moradia em Vila Viçosa.
Dezembro 1963	80 	Artur Rosa - Complexo oficial e comercial STET. Projecto do Teatro Nacional da Ópera de Madrid.	Tipo-Morfológica Artur Rosa. Segunda Geração de arquitectos modernos portugueses.
Junho 1964	82 	Comentário ao artigo "Escola Francesa do Porto".	Tipo-Morfológica
Mai Jun 1965	88 	Casa de Chá da Boa Nova.	Monográfica Docente na ESBAL até 1971. Siza Vieira. Novíssima Geração de arquitectos modernos portugueses.
Dezembro 1965	89 90 	Actualidade de Le Corbusier.	Monográfica Morte de Le Corbusier.
Mai Jun 1966	93 	Habitação em Sesimbra.	Tipo-Morfológica Publicação do primeiro manual de "Funções e Exigências de Áreas de Habitação" (1ª versão, LNEC, Lisboa). Investigação na área da tipologia de habitação colectiva.
Mar Abr 1967	96 	Congresso de Tarragona.	Monográfica
Mai Jun 1967	97 	Conjunto Habitacional Juan XXIII.	Monográfica Tipo-Morfológica

Data	Revista Arquitectura	Artigo	Crítica
Jul Ago 1967	 98	Conjunto La Ronda Guinardo (Barcelona). Stand de automóveis em Coimbra.	Tipo-Morfológica Visita a Barcelona na sequência do Congresso de Tarragona.
Mai Jun 1968	 103	Ideias para a zona central de Olivais. Desenho e apropriação do espaço da habitação.	Pedagógica Tipo-Morfológica Publicação da 1ª versão da monografia "Habitação Evolutiva", com Silva Dias.
Jan Fev 1969	 107	A chamada Escola de Barcelona.	Monográfica Publicação da obra escrita "A Cidade como Arquitectura".
Jul Ago 1969	 110	Habitação em Torre em Olivais - Norte.	Tipo-Morfológica Inauguração da obra referente as Torres de Habitação, em Olivais Norte (1968).
Set Out 1971	 123	A Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa. Centro de S. Sebastião de Pedreira. Notas sobre a situação profissional dos arquitectos.	Tipo-Morfológica Monográfica Inauguração da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, de Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira.
Outubro 1972	 126	Habitação Evolutiva.	Tipo-Morfológica Publicação do primeiro manual de "Funções e Exigências de Áreas de Habitação" (1ª versão, LNEC, Lisboa). Investigação na área da tipologia de habitação colectiva.
Maio 1974	 130	"Dossier" Restelo.	Tipo-Morfológica Nuno Portas termina a sua participação como investigador no LNEC.
Outubro 1979	 135	Entrevista com Nuno Portas.	Monográfica Com o 25 de Abril, Nuno Portas torna-se Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo. Promotor de desenvolvimento de cooperativas de habitação e da formação de gabinetes de apoio local em zonas históricas (SAAL, CRUARB). Termina a sua participação na Revista Arquitectura em 1974.

Organização temática da crítica de Nuno Portas

Notas

⁸³ Portas, Nuno. Os tempos das formas: A cidade feita e refeita. Universidade do Minho – Departamento Autónomo de Arquitetura, Guimarães 2005. Volume I, p.308, linhas 31 a 33.

⁸⁴ Portas, Nuno. Op. cit., p.308, linhas 2 a 4.

⁸⁵ Portas, Nuno. Revista Arquitetura nº135, outubro de 1979, p. 61, linhas 192 a 198.

⁸⁶ Portas, Nuno. in Entrevista a Nuno Portas, na Revista Arquitetura nr.135, de outubro de 1979, p. 62 linhas 208 a 212 e p. 63 linhas 1 a 8.



O Cientificar de uma Crítica

O que torna Nuno Portas uma figura de destaque não é apenas o conteúdo das suas exposições críticas, mas também o método inovador que utiliza para as divulgar. Serve-se da *Revista Arquitectura* para impulsionar debates e discussões sobre tópicos que afirma, serem de essencial conhecimento dos arquitetos da época. Como tal, para além de informar sobre aos temas em questão, e daí a intensa investigação em material português e estrangeiro, Nuno Portas aplica uma base científica no seu processo crítico, de forma a justificar e verificar as afirmações e teorias que vai desenvolvendo.

O processo científico baseia-se numa pesquisa experimental, que consiste em determinar um objeto de estudo através do conhecimento das variantes que o possam influenciar, da definição de hipóteses de solução e da observação dos efeitos que as variáveis produzem sobre o objeto. Ao longo da reflexão apresentada, verificou-se que os artigos que escreve na *Revista Arquitectura* seguem este método científico. Expõe observações críticas, soluções, preocupações e hipóteses com o objetivo de dar início a uma *pesquisa experimental* que responde a todas as etapas identificadas pelo método científico. Nuno Portas procura aplicar este processo, de forma a propor respostas aos problemas que a *Arquitetura Moderna Portuguesa* apresentava nos finais da década de 50. De forma não sequencial, mas consoante a pertinência dos temas, o crítico apresenta análises reflexivas da pesquisa que desenvolve, constrói hipóteses fundamentadas nas pesquisas anteriores e experimenta-as de modo a poder verificar se a sua materialização é possível. Pode-se concluir, portanto, que o seu papel não é apenas de *informador*, mas também de crítico ativo que pretende questionar e refletir sobre a *Arquitetura Moderna Portuguesa*. Para tal, apresenta observações críticas referentes a autores, obras e periódicos específicos (“crítica monográfica”), a objetos arquitetónicos e planos urbanísticos (“crítica tipo-morfológica”), ao ensino de arquitetura em Portugal (“crítica pedagógica”) e às suas próprias obras (“autocrítica”), de cariz experimental,



onde pretende aplicar as conjeturas por si preconizadas ao longo dos artigos que apresenta na *Revista Arquitectura*. É no seguimento destes artigos que surgem as restantes obras escritas do crítico. Ou seja, tanto a obra *Arquitectura para Hoje*, de 1964, como *A Cidade como Arquitectura*, de 1969, para nomear os seus dois livros mais significantes, apresentam de forma mais pormenorizada os tópicos já debatidos pelo autor na *Revista Arquitectura*. Sendo assim, deduz-se que Nuno Portas utiliza este periódico como suporte para uma primeira abordagem sobre a Arquitetura Moderna Portuguesa, para posteriormente a expor criticamente, tendo como fundamento a experimentação e verificação das teorias prévias enunciadas. Com estes artigos elabora um rascunho que mais tarde será aperfeiçoado.

Em suma, os artigos de Nuno Portas na *Revista Arquitectura* considerados como elementos de importância fundamental, constituem um processo de exposição crítica, que concilia a ciência como método expositivo com a arquitetura e o urbanismo como conteúdo principal. Assim, científica sobre uma crítica, de forma inédita, que acreditava necessária para o desenvolvimento correto do Movimento Moderno na Arquitetura Portuguesa. A expressão científica sobre uma crítica adequa-se perfeitamente à sua participação na *Revista Arquitectura* pois informa, apresenta e dá a conhecer a sua crítica, através de uma metodologia científica baseada na investigação e na experimentação. Procura não só refletir criticamente sobre a Arquitetura que se realiza na época, mas pretende também envolver os restantes colegas de geração numa discussão que acredita essencial para um competente e vantajoso desenvolvimento da Arquitetura Moderna Portuguesa. Acredita que a reestruturação do Movimento Moderno em Portugal é possível através do reconhecimento do que se fez, do que se faz e do que se poderá vir a fazer.

82 | *A Arquitectura para Hoje*, 1964.

83 | *A Cidade como Arquitectura*, 1969.

Como conclui o autor

“Pode dizer-se que nos limitamos à apresentação de algumas obras isoladas mais salientes, propondo a sua crítica em termos de planeamento ou de cultura, mas não se pode quase nunca proceder a um estudo demorado da eficácia do significado cultural de cada obra. As críticas mais demoradas que fiz – as obras de Fernando Távora, Siza Vieira e Viana de Lima, ao liceu do Barreiro, etc. - são, sobretudo, críticas ao caminho individual dos seus autores e apontamentos sobre o significado social de alguns ambientes.

Ora, assim como, nas obras de arquitectura, há uma mudança de escala dos problemas pela qual se passa da obra isolada, de âmbito quase individual, que caracterizou a fase difícil das obras modernas – e, aqui, ainda não saímos dela – para o conceito actual da obra integrada – integrada no plano, na repetibilidade das soluções em pontos diferentes, em resumo, na exemplaridade de cada contribuição – assim também, dizia, há uma evolução no papel da crítica (única que pode aclarar e difundir essa exemplaridade) que se dilata, igualmente, do julgamento formal da peça isolada, para avaliar o que em cada contribuição pode ser absorvido, repetido, desenvolvido ou contrariado, no que se faça posteriormente ou noutros locais – e cabe-lhe, deste modo, alargar a um uso mais geral, ao uso de toda a população, os valores adquiridos na obra investigada.”

Nuno Portas, in *Entrevista com Nuno Portas*,
na Revista *Jornal Letras e Artes*, nr.172,
de 13 de janeiro de 1963, p. 16 linhas 73 a 121.

Referências

Periódicos

A Arquitetura Moderna em Portugal. Revista Ler, nº12 (março de 1953), pp. 15. Continuação na Revista Ler, nº13 (abril de 1953), pp. 13.

Congresso em Tomar sobre questões urbanísticas e habitacionais, entre arquitetos portugueses e espanhóis. Revista Século Ilustrado, nº1565 (30 de dezembro de 1967), pp. 62 e 63.

Duarte, Carlos. Os Críticos não se inventam de um dia para o outro. Jornal dos Arquitetos, nº293 (abril, maio e junho de 2010), pp. 38 a 46.

Lino, António. Apontamentos da Arte Cristã. Revista Ler, nº17 (agosto de 1953), pp. 10.

Natário, Anabela. Entrevista a Nuno Portas. Revista Única, nº2032 (8 de outubro de 2011), pp. 42 a 49.

Pereira, Nuno Teotónio & João Medeiros de Almeida. A Arquitetura Religiosa e a Arte Moderna – Do sentido de uma Arquitetura. Revista Ler, nº17 (agosto de 1953), pp. 10.

Ponte, Bruno. Entrevista a Nuno Portas. Revista Letras e Artes, nº174 (13 de janeiro de 1965), pp. 1, 2 e 16.

Portas, Nuno. Revista Arquitetura, de nº59 a nº135 (julho de 1957 – outubro de 1979).

Portas, Nuno. Nuno Portas. Revista Jornal de Letras, Artes e Ideias, nº936 (16 a 29 de agosto de 2006), pp. 44.

Rodrigues, F. Castro & José Huertas Lobo. 7ª Exposição Geral de Artes Plásticas – Arquitetura. Revista Ler, nº16 (julho de 1953), pp. 15 e 16.

Bibliografia

Almeida, Pedro Vieira. *A Arquitetura no Estado Novo – uma leitura critica*. Lisboa, Livros Horizonte, setembro 2002.

Bàrtolo, José. *Cassiano Branco*. Vila do Conde, Coleção Arquitetos Portugueses da QN Edição e Conteúdos, S.A., 2001. Volume 8.

Cardoso, Ana Sofia. *Marques da Silva*. Vila do Conde, Coleção Arquitetos Portugueses da QN Edição e Conteúdos, S.A., 2001. Volume 3.

Castro, Cármen. *Viana de Lima*. Vila do Conde, Coleção Arquitetos Portugueses da QN Edição e Conteúdos, S.A., 2001. Volume 5.

Coelho, Paulo. *Fernando Távora*. Vila do Conde, Coleção Arquitetos Portugueses da QN Edição e Conteúdos, S.A., 2001. Volume 6.

Costa, Alexandre Alves. Capítulo *Começando pelo Princípio*, in *Álvaro Siza 1954 – 1976*. Lisboa, Editorial Blau, Lda., 1997.

Domingues, Álvaro. *Cidade e Democracia – 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal*, 1ª Edição. Lisboa, Ordem dos Arquitetos, Fundação da Juventude & Edições Argumentum, junho 2006.

França, José-Augusto. *O Modernismo na Arte Portuguesa*. Lisboa, Biblioteca Breve – Instituto da Cultura e Língua Portuguesa (Ministério da Educação), abril 1983. Volume 43.

França, José-Augusto. *História da Arte em Portugal – O Modernismo*. Lisboa, Editorial Presença, 2004. Volume VI.

Fraca, José-Augusto. *A Arte em Portugal no século XX, 1911 – 1961*, 4ª Edição. Lisboa, Livros Horizonte, 2009.

Lexicoteca. *Moderna Enciclopédia Universal*, Edição nº1627. Lisboa, Círculo de Leitores, setembro 1986. Volume 11 ISI-LHO

Referências

Lupfer, Gilbert & Paul Sigel. *Walter Gropius 1883 – 1969 – Promotor de uma Nova Forma*. Berlim, Taschen e Público, 2006. Tradução de Manuel Neto, da Vernáculo Editora, Lisboa.

Magri, Lucio & José Luís Tavares. *Arménio Losa e Cassiano Barbosa*. Vila do Conde, Coleção Arquitetos Portugueses da QN Edição e Conteúdos, S.A., 2001. Volume 13.

Mattoso, José. *História de Portugal – O Estado Novo (1926 – 1974)*. Lisboa, Círculo de Leitores, junho 1994. Volume VII.

Medina, João. *História de Portugal Contemporâneo – político e institucional*. Lisboa, Universidade Moderna, 1994.

Nouschi, Marc. *O Século XX*. Lisboa, Coleção História e Biografias do Instituto Piaget, 1995.

Nuno Portas – *Prémio Sir Patrick Abercombie, Prize UIA 2005*, 2ª Edição. Lisboa, Ordem dos Arquitetos & Edições Caleidoscópio, 2005.

Oliveira, Manuel Alves & Maria Irene Bigotte de Carvalho. *Mini Enciclopédia*, Edição 3591. Lisboa, Circulo de Leitores, Lda., setembro 1993.

Portas, Nuno. Capítulo *Evolução da Arquitetura Moderna em Portugal*, in *História da Arquitetura Moderna* de Bruno Zevi. Lisboa, Editora Arcádia, 1973. Volume II.

Portas, Nuno & Manuel Mendes. *Arquitetura Portuguesa Contemporânea – Anos sessenta / anos oitenta*. Porto, Fundação Serralves, 1991.

Portas, Nuno. *A Habitação Social – proposta para a metodologia da sua arquitetura*. Porto, Publicações FAUP, 2004. Volumes I e II.

Portas, Nuno. *Arquitetura(s) – Teoria de Desenho, Investigação e Projeto*. Porto, Publicações FAUP, 2005.

Portas, Nuno. *Os Tempos das Formas – A Cidade Feita e Refeita, Escritos 1963 – 2004*. Guimarães, Universidade do Minho – Departamento Autónomo de Arquitetura, 2005. Volume 1.

Portas, Nuno. *A Cidade como Arquitetura*. Lisboa, Livros Horizonte, maio 2007.

Portas, Nuno. *Arquitetura para Hoje*, 1964. Lisboa, Livros Horizonte, maio 2008.

Ribeiro, Orlando & Hermann Lautensach. *Geografia de Portugal*. Lisboa, Edições João Sá da Costa, novembro 1989. Volume III.

Roberts, J. M.. *O Mundo Moderno de 1914 aos anos 70*. Lisboa, Coleção História Ilustrada do Mundo de Círculo de Leitores, Lda., 1981.

Rosas, Fernando. *Nova História de Portugal – Portugal e o Estado Novo (1930 – 1960)*. Lisboa, Editorial Presença, 1992. Volume XII.

Santos, Joana. *Raul Lino*. Vila do Conde, Coleção Arquitetos Portugueses da QN Edição e Conteúdos, S.A., 2001. Volume 1.

Tietz, Jurgen. *História da Arquitetura do século XX*. Colónia, Edições Konemann, 2000. Edição Portuguesa, traduzida por Virgínia Blanc de Sousa.

Tostões, Ana. *Arquitetura Moderna Portuguesa 1920 – 1970*. Lisboa, Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR) & Ministério da Cultura, 2004.

Tostões, Ana. Catálogo da Exposição *Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira*, de junho a outubro de 2004. Lisboa, Quimera Edições, Lda., 2004.

Tostões, Ana & Ana Isabel Ribeiro, Francisco Silva Dias e Nuno Teotónio Pereira. *1º Congresso Nacional de Arquitetura, maio / junho 1948 – Relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso*. Lisboa, promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos, julho 2008.

Touraine, Alain. *Crítica da Modernidade*. Lisboa, Coleção Epistemologia e Sociedade do Instituto Piaget, 1992.

Referências

Webgrafia

http://pt.wikipedia.org/wiki/Nuno_Portas

[http://www.infopedia.pt/\\$nuno-portas](http://www.infopedia.pt/$nuno-portas)

<http://www.cidadeimaginaria.org/eu/BiografiaNP.htm>

<http://www.historia-portugal.blogspot.com/2008/02/1-e2-republicas1910-1926-1974.html>

http://ditaduras.no.sapo.pt/portugal/portugal_licao_dpf.htm

<http://www.esfcastro.pt:8079/users/franciscosilva/salazar.html>

[http://www.infopedia.pt/\\$neotomismo](http://www.infopedia.pt/$neotomismo)

<http://www.prof2000.pt/users/Ísis/psique/unidade1/métodos/experimental.html>

<http://www.sinonimos.com.br>

<http://coladaweb.com/administracao/metodos-cientificos-de-pesquisa>

<http://sites.google.com/site/conexaocientifica/o-metodo-cientifico>

http://en.wikipedia.org/wiki/G._E._Kidder_Smith

http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Franco

http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_Espanhola

http://pt.wikipedia.org/wiki/Josep_Llu%C3%ADs_Sert

http://pt.wikipedia.org/wiki/Llu%C3%ADs_Dom%C3%A8nech_i_Montaner

Entrevistas

A Casa e a Cidade, programa televisivo emitido pela RPT2, episódio 5 - A cidade em debate, 2011.

As Palavras, DVD integrante do Catálogo da Exposição Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira, 2004.

Conversa/entrevista oral a Nuno Portas, conduzida pelo professor orientador, no intuito da investigação para a exposição *Ser Urbano - Nos Caminhos de Nuno Portas*, a realizar em *Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura*

Índice de Imagens

- 01 | Portas, Nuno. Arquitetura(s) – Teoria de Desenho, Investigação e Projeto. Porto, Publicações FAUP 2005, p.332.
- 02 | Revista Architectura nr.59, de Julho de 1957. Capa.
- 03 | Revista Architectura nr.130, de Maio de 1974. Capa.
- 04 | Magri, Lucio & José Luís Tavares. Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Vila do Conde, Coleção Arquitetos Portugueses da QN Edição e Conteúdos, S.A., 2001. Volume 13, p.16. | Arquivo da família de Arménio Losa.
- 05 | Magri, Lucio & José Luís Tavares. Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Vila do Conde, Coleção Arquitetos Portugueses da QN Edição e Conteúdos, S.A., 2001. Volume 13, p.10.
- 06 | Tostões, Ana. Catálogo da Exposição Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira, de junho a outubro de 2004. Lisboa, Quimera Edições, Lda. 2004, p.104.
- 07 | Revista Architectura nr.126, de Outubro de 1972. Artigo *Habitação Evolutiva*, p.103.
- 08 | Portas, Nuno. A Cidade como Arquitetura. Lisboa, Livros Horizonte maio 2007, p.165.
- 09 | Revista Architectura nr.1, de Maio de 1927. Capa.
- 10 | Revista Architectura nr.14, de Abril de 1947. Capa.
- 11 | Revista Architectura nr.59, de Julho de 1957. Capa.
- 12 | Magri, Lucio & José Luís Tavares. Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Vila do Conde, Coleção Arquitetos Portugueses da QN Edição e Conteúdos, S.A., 2001. Volume 13, p.10. | Arquivo da família de Arménio Losa.
- 13 | Magri, Lucio & José Luís Tavares. Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Vila do Conde, Coleção Arquitetos Portugueses da QN Edição e Conteúdos, S.A., 2001. Volume 13, p.10. | Arquivo da família de Arménio Losa.

14 | Coelho, Paulo. Fernando Távora. Vila do Conde, Coleção Arquitetos Portugueses da QN Edição e Conteúdos, S.A., 2001. Volume 6, p.50.

15 | *Fernando Távora*, editado por Luiz Triqueiros. Lisboa, Editora Blau, 1993.

16 | Tostões, Ana & Ana Isabel Ribeiro, Francisco Silva Dias e Nuno Teotónio Pereira. 1º Congresso Nacional de Arquitetura, maio / junho 1948 – Relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso. Lisboa, promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos, julho 2008, p.42.

17 | Tostões, Ana & Ana Isabel Ribeiro, Francisco Silva Dias e Nuno Teotónio Pereira. 1º Congresso Nacional de Arquitetura, maio / junho 1948 – Relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso. Lisboa, promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos, julho 2008, 14

18 e 19 | Tostões, Ana & Ana Isabel Ribeiro, Francisco Silva Dias e Nuno Teotónio Pereira. 1º Congresso Nacional de Arquitetura, maio / junho 1948 – Relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso. Lisboa, promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos, julho 2008, p.50.

20 | <http://doportoenaoso.blogspot.com/2011/03/nos-50-anos-da-publicacao-de-popular-em.html>

21 | *Jornal Ler*, nr.17 de Agosto de 1953, p.10.

22 | Tostões, Ana. Catálogo da Exposição Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira, de junho a outubro de 2004. Lisboa, Quimera Edições, Lda. 2004, p.103.

23 e 24 | Tostões, Ana. Catálogo da Exposição Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira, de junho a outubro de 2004. Lisboa, Quimera Edições, Lda. 2004, p.47.

25, 26 e 27 | Portas, Nuno. *Arquitetura para Hoje*, 1964. Lisboa, Livros Horizonte, maio 2008, 127.

Índice de Imagens

- 28 | Portas, Nuno. *Arquitetura para Hoje*, 1964. Lisboa, Livros Horizonte, maio 2008, 131.
- 29 | Revista *Arquitectura* nr.59, de Julho de 1957. Artigo Carlo Scarpa. *Um Arquitecto em Veneza*, p.23 a 26.
- 30 | Revista *Arquitectura* nr.59, de Julho de 1957. Artigo Carlo Scarpa. *Um Arquitecto em Veneza*, p.27 e 28.
- 31 | Revista *Arquitectura* nr.66, de Nov / Dez de 1959. Artigo *A Responsabilidade de uma novíssima geração no Movimento Moderno em Portugal*, p.13 e 14.
- 32 | Revista *Arquitectura* nr.68, de Julho de 1960. Artigo Carlo Scarpa. *3 Obras de Álvaro Siza Vieira*, p.13 a 16.
- 33 | Revista *Arquitectura* nr.68, de Julho de 1960. Artigo Carlo Scarpa. *3 Obras de Álvaro Siza Vieira*, p.17 a 20.
- 34 | Portas, Nuno. *Arquitetura para Hoje*, 1964. Lisboa, Livros Horizonte, maio 2008, 132.
- 35 | Portas, Nuno. *Arquitetura para Hoje*, 1964. Lisboa, Livros Horizonte, maio 2008, 128.
- 36 | Revista *Arquitectura* nr.74, de Março de 1962. Artigo *1941 - Casa Unifamiliar, no Porto, na Rua Honório de Lima*, p.30, 31 e 33.
- 37 | Portas, Nuno. *Arquitetura para Hoje*, 1964. Lisboa, Livros Horizonte, maio 2008, 128.
- 38 | Fotografia de Ana Mafalda Barradas, 2011.
- 39 | Revista *Arquitectura* nr.88, de Mai / Jun de 1965. Artigo *Casa de Chá da Boa Nova*, p.97, 97 e 100.
- 40 | Portas, Nuno. *Arquitetura(s) – Teoria de Desenho, Investigação e Projeto*. Porto, Publicações FAUP 2005, p.39.

- 41 | Revista Arquitectura nr.73, de Dezembro de 1961. Artigo *Obras de José A. Coderch e M. Valls i Vèrges*, p.11 a 14.
- 42 | Revista Arquitectura nr.89|90, de Dezembro de 1965. Artigo *Actualidade de Le Corbusier*, p.141 a 144.
- 43 | Revista Arquitectura nr.97, de Mai / Jun de 1967. Artigo *Conjunto Habitacional Juan XXIII*, p.109 a 110.
- 44 | Revista Arquitectura nr.98, de Jul / Ago de 1967. Artigo *Conjunto La Ronda Guinardo*, p.157 a 159.
- 45 | Revista Arquitectura nr.64, de Jan / Fev de 1959. Artigo *Conceito de Casa Pátio como célula social*, p.32.
- 46 | Revista Arquitectura nr.64, de Jan / Fev de 1959. Artigo *Conceito de Casa Pátio como célula social*, p.33 a 34.
- 47 | Portas, Nuno. *Arquitetura para Hoje*, 1964. Lisboa, Livros Horizonte, maio 2008, 132.
- 48 | Portas, Nuno. *Arquitetura para Hoje*, 1964. Lisboa, Livros Horizonte, maio 2008, 128.
- 49 | Revista Arquitectura nr.126, de Outubro de 1972. Artigo *Habitação Evolutiva*, p.113.
- 50 | Revista Arquitectura nr.103, de Mai / Jun de 1968. Artigo *Desenho e Apropriação do Espaço de Habitação*, p.127 a 128.
- 51 | Portas, Nuno. *Arquitetura(s) – Teoria de Desenho, Investigação e Projeto*. Porto, Publicações FAUP 2005, p.210.
- 52 e 53 | Revista Arquitectura nr.126, de Outubro de 1972. Artigo *Habitação Evolutiva*, p.118.

Índice de Imagens

54 e 55 | Tostões, Ana. Catálogo da Exposição Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira, de junho a outubro de 2004. Lisboa, Quimera Edições, Lda. 2004, p.183.

56 | Tostões, Ana. Catálogo da Exposição Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira, de junho a outubro de 2004. Lisboa, Quimera Edições, Lda. 2004, p.179.

57 | Tostões, Ana. Catálogo da Exposição Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira, de junho a outubro de 2004. Lisboa, Quimera Edições, Lda. 2004, p.180.

58 | Revista Arquitectura nr.79, de Julho de 1963. Artigo *Moradia em Vila Viçosa*, p.3, 4, 5 e 7.

59 | Revista Arquitectura nr.79, de Julho de 1963. Artigo *Habitação na Praia das Maças*, p.13 a 17.

60 | Tostões, Ana. Catálogo da Exposição Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira, de junho a outubro de 2004. Lisboa, Quimera Edições, Lda. 2004, p.186.

61 | Tostões, Ana. Catálogo da Exposição Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira, de junho a outubro de 2004. Lisboa, Quimera Edições, Lda. 2004, p.188.

62 | Tostões, Ana. Catálogo da Exposição Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira, de junho a outubro de 2004. Lisboa, Quimera Edições, Lda. 2004, p.189.

63 | Tostões, Ana. Catálogo da Exposição Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira, de junho a outubro de 2004. Lisboa, Quimera Edições, Lda. 2004, p.167.

64 | <http://doportoenaoso.blogspot.com/2011/02/os-bairros-sociais-no-porto-iv-parte-2.html>

65 | Tostões, Ana. Catálogo da Exposição Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira, de junho a outubro de 2004. Lisboa, Quimera Edições, Lda. 2004, p.169.

66 | Revista Arquitectura nr.110, de Jul / Ago de 1969. Artigo *Habitação em Torre em Olivais - Norte*, p.171 a 174.

67 | Revista Arquitectura nr.126, de Outubro de 1972. Artigo “Dossier” Restelo, p.21 a 23.

68 | Tostões, Ana. Catálogo da Exposição Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira, de junho a outubro de 2004. Lisboa, Quimera Edições, Lda. 2004, p.196.

69 | Tostões, Ana. Catálogo da Exposição Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira, de junho a outubro de 2004. Lisboa, Quimera Edições, Lda. 2004, p.199.

70 | Tostões, Ana. Catálogo da Exposição Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira, de junho a outubro de 2004. Lisboa, Quimera Edições, Lda. 2004, p.201.

71 | Tostões, Ana. Catálogo da Exposição Arquitetura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira, de junho a outubro de 2004. Lisboa, Quimera Edições, Lda. 2004, p.126.

72 | Revista Arquitectura nr.123, de Set / Out de 1971. Artigo *A Igreja do Sagrado Coração de Jesus*, p.165, 167, 168 e 169.

73 | Revista Arquitectura nr.123, de Set / Out de 1971. Artigo *A Igreja do Sagrado Coração de Jesus*, p.170 a 172.

74 | http://www.yangsquare.com/carlo_scarpa_architectural_craftsmanship/

75 | <http://arquicatalana.blogspot.com/2010/05/josep-antoni-coderch-i-desentmenat.html>

Índice de Imagens

76 | Portas, Nuno. Arquitetura(s) – Teoria de Desenho, Investigação e Projeto. Porto, Publicações FAUP 2005, p.199.

77 | Portas, Nuno. Arquitetura(s) – Teoria de Desenho, Investigação e Projeto. Porto, Publicações FAUP 2005, p.228.

78 | Revista Arquitectura nr.76, Outubro de 1962. Artigo *Noticiário, Exposições, Crítica*, p.51 e 52.

79 | Revista Arquitectura nr.70, Março de 1961. Artigo *Noticiário, Exposições, Crítica*, p.48 e 49.

80 | Revista Arquitectura nr.135, Outubro de 1979. Artigo *Entrevista com Nuno Portas*, p.57.

81 | http://sigarra.up.pt/up/WEB_BASE.GERA_PAGINA?P_pagina=1005744

82 | Portas, Nuno. Arquitetura para Hoje, 1964. Lisboa, Livros Horizonte, maio 2008. Capa.

83 | Portas, Nuno. A Cidade como Arquitetura. Lisboa, Livros Horizonte, maio 2007. Capa.

